América SOCIALISTA

EM DEFESA DO **MARXISMO**

Nº 26 - **ABR** 2025

DOSSIÊ DO STALINISMO

América
SOCIALISTA
EM DEFESA DO **MARXISMO**

REVISTA AMÉRICA SOCIALISTA - EM DEFESA DO MARXISMO
Edição em português, nº 26

Diretor: Serge Goulart
Editora: Maritania Camargo
Tradução: Carolina Lückemeyer Gregorio, Fabiano Leite, Felipe Libório, Fernando Leal, Jessica Stolfi, Maria Eduarda Henning, Yuri Santoriello
Revisão: Fernanda Vitorio, Flávia Antunes, Francine Hellmann, Mayara Colzani, Jessica Stolfi
Colaboração técnica: Mateus Tavares
Capa: Evandro Colzani
Direção de arte e projeto gráfico: Evandro Colzani e Maritania Camargo
Diagramação: Jonathan Vitorio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

A512 América socialista: em defesa do marxismo / Corrente Marxista Inernacional. - Vol. 15, n. 26 (jan.-jun. 2025). - São Paulo, SP: Editora Marxista, 2025.
56p.

Semestral.
Vol. 1, n. 1 (abr. 2009) -
ISSN 2764-0752

1. Marxismo. 2. Socialismo. 3. Luta de classes. 4. Revolução. I. Corrente Marxista Internacional.

CDD 335.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior - CRB6/2422

Abril de 2025

Livraria e Editora Marxista
Rua Dom José de Barros, 17, São Paulo/SP. CEP: 01038 900
www.livrariamarxista.com.br
www.marxismo.org.br
contato@marxismo.org.br

ORGANIZAÇÃO COMUNISTA INTERNACIONALISTA

Bem-vindos

A 26ª edição da revista América Socialista - Em Defesa do Marxismo é uma edição especial em formato de dossiê. Ela marca uma nova fase da nossa publicação: a partir desta edição, a revista passa a ser integralmente colorida — uma modificação gráfica que comprova a consolidação de um material teórico totalmente autofinanciado, seguindo, portanto, os moldes históricos de independência financeira da imprensa da classe trabalhadora.

Nossa revista continua sendo também uma campanha financeira, contando com contribuições solidárias a partir de R$60,00 (sessenta reais).

Historicamente, nossa revista reúne uma seleção de textos da revista *In Defense of Marxism*, publicação teórica da Internacional Comunista Revolucionária, distribuída em dezenas de países, além de uma seleção de textos nacionais da OCI. A partir desta edição, você terá acesso à integralidade dos textos publicados na *In Defense of Marxism* por meio dos QR codes abaixo.

Desejamos a você uma boa leitura e o convidamos a contribuir não apenas com a aquisição, mas também com a divulgação e promoção de debates sobre o conteúdo da América Socialista - Em Defesa do Marxismo.

Saudações Revolucionárias!

Utilize o *QR Code* e confira os artigos da revista *In Defense of Marxism* 48

Utilize o *QR Code* e confira os artigos da revista *In Defense of Marxism* 49

Arte de capa

A 26ª edição da revista América Socialista - Em Defesa do Marxismo traz na capa uma montagem baseada na fotografia do monumento erguido em homenagem a Josef Stalin, em 1952, na Geórgia. A imagem é inspirada na célebre frase de Leon Trotsky, na qual o revolucionário denuncia os crimes do stalinismo: "o atual expurgo traça não só uma linha de sangue entre o bolchevismo e o stalinismo, mas todo um rio de sangue". O forte contraste entre branco e preto, que compõe a criação visual, foi influenciado pelo "*Film noir*" e as obras de Alexander Rodchenko.

1. Estátua de Stalin em Gori, na Geórgia.
2. Cena de "Relíquia Macabra" (1941), dirigido por John Huston.
3. Escadas, por Alexander Rodchenko (1891-1956).

Por que um dossiê contra o stalinismo?

A edição 26 da América Socialista que está em suas mãos é dedicada a denunciar os crimes do stalinismo.

Hoje, isso se torna uma necessidade latente, pois observamos, no mundo e também no Brasil, uma crescente busca da juventude pelas ideias do marxismo, do socialismo e do comunismo. Esse movimento cria uma necessidade ímpar de compreender o significado histórico e social do maior feito dos trabalhadores na história da humanidade, a Revolução Russa de 1917 — sua ascensão e seu declínio com a degeneração stalinista.

No entanto, muitas organizações de esquerda, historiadores e até mesmo "influenciadores" da atualidade relativizam o papel nefasto que o stalinismo exerceu. Esquecem que ele se constituiu como a antítese das genuínas ideias do comunismo.

Por isso, é fundamental trazer à tona documentos públicos que evidenciem as atrocidades cometidas e a utilização criminosa da palavra comunismo para justificar os crimes de Stalin.

Os documentos selecionados e os textos de análise nesta edição mostram desde a política adotada pelos PCs, até os métodos adotados para a eliminação física de todos aqueles que passaram pela Escola da Revolução — ou seja, os quadros que participaram ativamente da Revolução de 1917 — e as consequências desse processo para as mais amplas camadas dos povos que constituíram a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e que refletem ainda em nossos tempos, caso da guerra da Ucrânia.

Num momento em que os jovens, em todo o mundo, se levantam contra o sistema, contra a degradação humana em todas as suas formas — sendo a guerra a mais brutal delas —, é comum que busquem na história oficial o significado do comunismo. Por isso, é dever dos comunistas garantir que a palavra comunismo não seja, em nenhum momento, confundida com stalinismo e, por meio dos veículos independentes da nossa classe, oferecer material que sirva de base para a formação das novas gerações — propósito ao qual se dedica a presente edição da América Socialista.

Vale ressaltar que, durante décadas — e hoje mais do que nunca —, a propaganda do establishment faz um trabalho incansável para confundir os horrores do stalinismo com o comunismo. Nada poderia ser mais criminoso. A maior falsificação da história do bolchevismo, iniciada com os Processos de Moscou, ainda hoje ecoa. É preciso lembrar as palavras de Trotsky em 1936 para compreender a urgência de defender as genuínas ideias do comunismo e do bolchevismo — e, por isso, denunciar os crimes do stalinismo:

"O atual expurgo traça não só uma linha de sangue entre o bolchevismo e o stalinismo, mas todo um rio de sangue. A aniquilação de toda a geração dos velhos bolcheviques, de uma parte importante da geração intermediária que participou da guerra civil, e da parte da juventude que assumiu seriamente as tradições bolcheviques, demonstra que existe uma incompatibilidade total entre o bolchevismo e o stalinismo — não só política, mas também física."[1]

[1] (Trotsky – Escritos de 1936-37 – tradução livre do espanhol ao português)

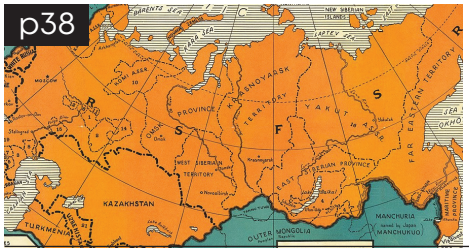
Índice

1ª PARTE

Pela Salvação da Itália: Reconciliação do povo italiano! 05
O que está por trás da oferta de Stalin de chegar a um acordo com Hitler? 16
Combater o imperialismo para combater ao fascismo 18

2ª PARTE

O Grande Terror 22
Declaração sobre o Exército Vermelho decapitado 29
A decapitação do Exército Vermelho 30

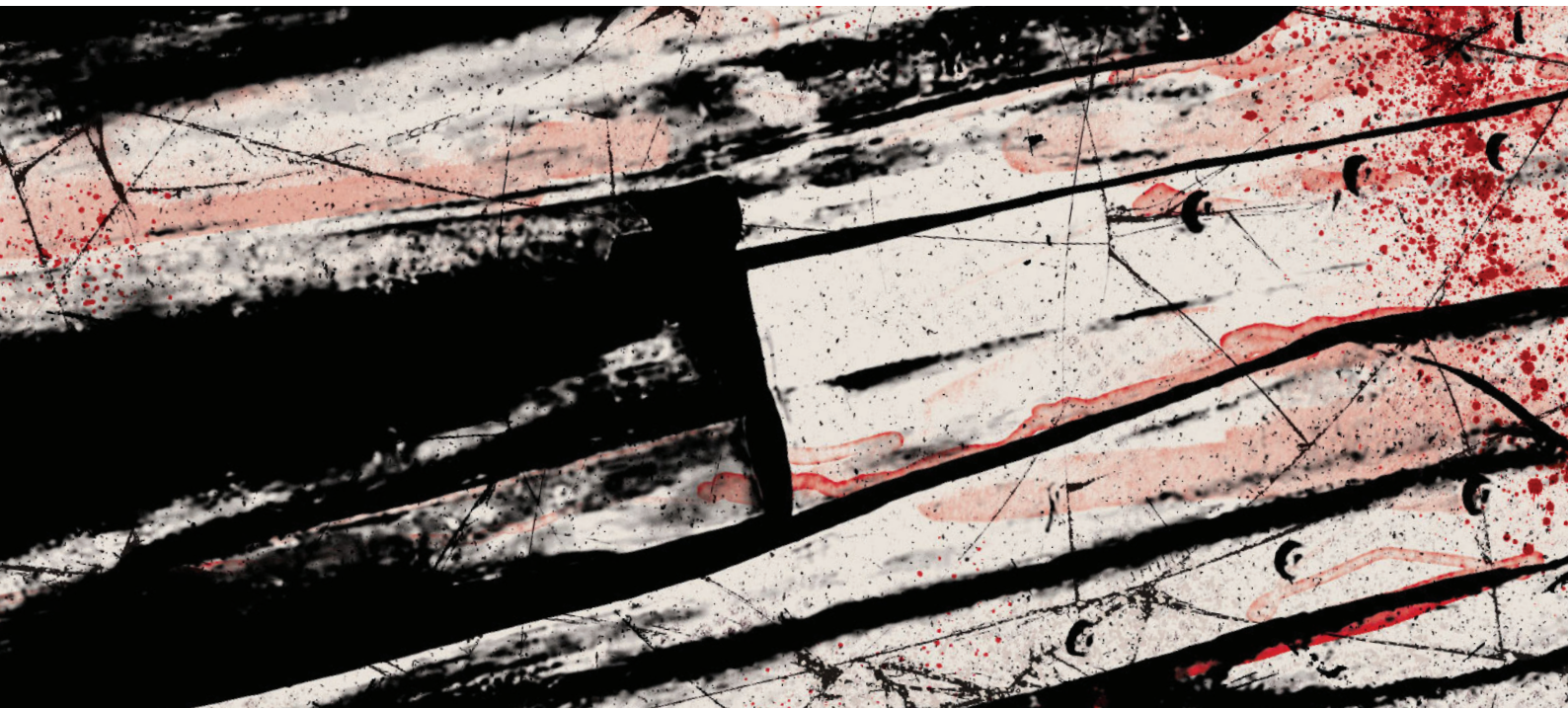


3ª PARTE

A caça aos letões de 1937-1938 (Arquivos comentados) 39
A fome na Ucrânia (1932-1933) 43
Um duplo "oradour-sur-glane" stalinista 48

4ª PARTE

O Expurgo de Stalin 51



1ª parte

Nesta primeira parte da Revista América Socialista 26, aprofundaremos o papel da burocracia stalinista, que buscou estancar a todo custo a revolução mundial para manter seu poder como camarilha burocrática, na consolidação do poder dos fascistas e, em certa medida, na sedimentação do caminho para todo o morticínio da Segunda Guerra Mundial. Para tanto, separamos três textos dos anos pré-guerra: o primeiro é uma amostra da política stalinista no período e os outros dois dão base para compreender o processo.

O primeiro texto, "Pela salvação da Itália, reconciliação do povo italiano!", é assinado pelo Comitê Central (CC) do Partido Comunista Italiano (PCI) e tem como primeiro signatário Palmiro Togliatti, provável redator do texto. Publicado na revista Lo stato operaio n. 8, de agosto de 1936, o texto é um apelo do PCI a todas as camadas que compunham a sociedade italiana, mas principalmente aos fascistas, por um tipo de união nacional para salvar o país.

O segundo, "Combater o imperialismo para combater o fascismo", é um texto de Leon Trotsky publicado no jornal *Socialist Appeal* de 8 de outubro de 1938 com o subtítulo "Declaração a um jornal cubano". Trata-se de uma resposta ao jornal *El País*.

O terceiro, "O que está por trás da oferta de Stalin de chegar a um acordo com Hitler?", é também um texto de Leon Trotsky publicado no *Socialist Appeal* de 28 de março de 1939.

No texto do PCI, temos a expressão do rebaixamento político que emanava do que sobrou do antigo partido bolchevique de Trotsky e Lênin e que, através da Internacional Comunista degenerada, submetia o proletariado a uma série de confusões e giros abruptos da tática política. Às vésperas do início da Segunda Guerra Mundial, o texto chama à constituição de uma frente ampla para enfrentar os "tubarões do capital", como o texto chama os empresários, aristocratas e alto clero italianos. Esse apelo estava direcionado aos trabalhadores católicos, ex-combatentes e aos "fascistas da velha guarda e jovens fascistas". Assim, essa frente tinha como objetivo lutar pela garantia de uma Itália "forte, unida e feliz".

Chamando pela união, o PCI afirma que "os comunistas fazem seu o programa fascista de 1919, que é um programa de liberdade", demonstrando o rebaixamento político e teórico ao qual o partido já havia sido submetido pela burocracia. Como Trotsky vai apontar em "O que está por trás da oferta de Stalin de chegar a um acordo com Hitler?", a burocracia do Kremlin usava o proletariado da Europa como mais uma commodity que era vendida e/ou cedida conforme o interesse da camarilha stalinista. Ainda segundo Trotsky, "os acordos entre o Kremlin e as 'democracias' significaram para as respectivas seções da Internacional Comunista a renúncia à luta de classes, o estrangulamento das organizações revolucionárias".

Essas palavras de Trotsky descrevem perfeitamente a Itália de 1936 e a tentativa de aliança com os fascistas. Ao não compreender, ou ao se negar a compreender por interesse da camarilha, o CC do PCI apaga que é o partido fascista o próprio batalhão de choque financiado e armado pelos "tubarões do capital" para destruir os comunistas e todas as ferramentas de organização independente da classe trabalhadora. Assim, o partido adota a união nacional e reduz a luta revolucionária à política social-patriota que vai contra o próprio internacionalismo proletário, uma das bases do comunismo.

O PCI então sacrifica o próprio proletariado em nome de uma união nacional com os fascistas. Desse modo, a burocracia se consolida como agente da contrarrevolução, diluindo o programa de um partido revolucionário para torná-lo mero defensor do Estado burguês, traindo e destruindo a capacidade de luta de toda uma geração de comunistas e proletários na Itália e, como veremos nas apresentações dos próximos textos, em todo o mundo. Isso tem um duplo objetivo para essa burocracia, como nos explica Trotsky:

> *"Qualquer acordo da camarilha do Kremlin com uma burguesia estrangeira se dirige imediatamente contra o proletariado do país com o qual conclui o acordo, assim como também contra o proletariado da URSS. O bando bonapartista do Kremlin não pode sobreviver senão debilitando, desmoralizando e derrotando o proletariado em qualquer lugar que este esteja sob sua influência."*

Neste momento de total desagregação das condições de vida, em que o capitalismo entra em um encruzilhada histórica, vemos o avanço, principalmente das camadas jovens, em direção ao comunismo. Afetados pela destruição material de suas vidas e pela falta de perspectiva de futuro, esses jovens quebram as falsas propagandas anticomunistas e tomam para si a defesa da construção de um novo mundo. A partir disso, essas novas camadas têm questionado não só o sistema atual, mas as velhas organizações comunistas burocratizadas.

Nesse sentido, é de vital importância para nós a experiência do desenvolvimento e degeneração do Partido Comunistas Italiano (PCI) e de sua capitulação frente à luta contra o capitalismo e seus capangas fascistas.

A partir desse entendimento, precisamos retomar as verdadeiras ideias dos revolucionários do passado que resistiram à degeneração stalinista e combateram para manter vivas as verdadeiras ideias de Marx, Engels e dos bolcheviques.

Está em nosso horizonte um novo momento de guerra de classes e é a partir dos métodos dos verdadeiros comunistas que poderemos avançar para a vitória de nossa classe em todo o mundo, colocando o sistema capitalista e os traidores e inimigos da revolução em seu lugar: a lata de lixo da História.

A Redação

PELA SALVAÇÃO DA ITÁLIA: RECONCILIAÇÃO DO POVO ITALIANO![1]

COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA ITALIANO (PCI) -
PRIMEIRO SIGNATÁRIO: PALMIRO TOGLIATTI

O texto a seguir é a íntegra de um artigo do PCI (Partido Comunista Italiano), de agosto de 1936, que reflete a política nefasta adotada pelos Partidos Comunistas sob a influência do stalinismo. As mesmas distorções ocorreram, em maior ou menor grau, em todos os Partidos Comunistas ao redor do mundo.

A Redação

Aos operários e camponeses,
Aos soldados, marinheiros, aviadores, milicianos,
Aos ex-combatentes e voluntários da guerra na Abissínia,
Aos artesãos, pequenos industriais e pequenos comerciantes,
Aos funcionários e técnicos,
Aos intelectuais,
Aos jovens,
Às mulheres,
A todo o povo italiano!

ITALIANOS, o anúncio do fim da guerra da África[2] foi saudado por vocês com alegria, pois em seus corações acendeu-se a esperança de finalmente verem melhorar suas penosas condições de vida.

Nos foi repetido que os sacrifícios da guerra eram necessários para assegurar o bem-estar do povo italiano, para garantir o pão e o trabalho a todos os nossos trabalhadores, para realizar — como disse Mussolini — "aquela mais elevada justiça social que, desde os tempos antigos, é o anseio das multidões que lutam árdua e cotidiana pelas mais elementares necessidades da vida", para dar terra aos nossos camponeses, para criar as condições para a paz.

Já se passaram vários meses desde o fim da guerra na África, e nenhuma das promessas que nos foram feitas foi cumprida. Pelo contrário, as condições das massas pioraram com o fim da guerra africana enquanto a ameaça de sermos arrastados para uma guerra maior, uma guerra mundial, cresce a cada dia que passa em nosso país.

Por que as promessas feitas ao povo nunca são cumpridas? Por que o nosso povo não consegue se reerguer e é jogado repetidamente em guerras que deveriam salvá-lo da miséria e que, ao contrário, aumentam cada vez mais essa miséria?

ITALIANOS, a causa dos nossos males e das nossas misérias está no fato de que a Itália é dominada por um punhado de grandes capitalistas parasitas do trabalho nacional que não hesitam em

Artilharia italiana na Etiópia

provocar a fome do povo desde que garantam lucros cada vez mais altos para si mesmos, e empurram o país para a guerra para ampliar as fronteiras de suas especulações e aumentar seus ganhos. Esse punhado de grandes capitalistas parasitas fez fortunas com a guerra na Abissínia, mas agora expulsam os operários das fábricas. Querem fazer o povo italiano pagar os custos da guerra e da colonização, e ameaçam arrastar-nos para uma guerra ainda maior.

Só a união fraterna do povo italiano, alcançada através da reconciliação entre fascistas e antifascistas, poderá derrubar o poder dos tubarões capitalistas em nosso país e arrancar as promessas que por muitos anos foram feitas às massas populares e nunca foram cumpridas.

O empresário italiano Giovanni Agnelli, fundador da indústria automobilística Fiat, conhece o industrial americano Henry Ford, fundador da Ford Motor Company, durante sua viagem pela América. Detroit, 1934

A Itália pode alimentar todos os seus filhos

ITALIANOS, nosso país pode alimentar todos os seus filhos e não deve temer como uma desgraça o aumento da população.

Vejam, filhos da Itália, nossos irmãos — vejam as joias da indústria turinense, as mil chaminés de Milão e da Lombardia, os estaleiros da Ligúria e da Campânia, as milhares de fábricas espalhadas pela Península, de onde saem máquinas perfeitas e produtos magníficos que nada devem aos fabricados em outros países.

Toda essa riqueza foi criada por vocês, operários italianos: Foi criada pelo seu trabalho inteligente e tenaz, aliado ao gênio dos nossos engenheiros e técnicos.

Vejam, filhos da Itália, os nossos campos onde se acumula o trabalho centenário de gerações de camponeses. Sim, somos o "país do sol", do céu azul e das flores, mas a nossa Itália é bela sobretudo porque os nossos camponeses a embelezam com seu trabalho.

Vejam, filhos da Itália, os palácios magníficos, os monumentos admiráveis, as estradas que cortam nosso país, as obras de saneamento.

Essas obras foram criadas por vocês, com o seu trabalho, operários italianos, vocês que deram ao nosso povo o nome de "povo de construtores".

Temos razão de nos orgulhar. Esta Itália bela, essas riquezas são fruto do trabalho dos nossos operários, dos nossos trabalhadores rurais, dos nossos camponeses, dos nossos artesãos, dos nossos engenheiros, dos nossos técnicos, dos nossos artistas, do gênio do nosso povo.

> Só a união fraterna do povo italiano, alcançada através da reconciliação entre fascistas e antifascistas, poderá derrubar o poder dos tubarões capitalistas

Mas essa riqueza não pertence a quem a criou.

Ela está nas mãos de algumas centenas de famílias, de grandes financistas e capitalistas, de grandes proprietários de terras, que são os verdadeiros donos de toda a riqueza do país, e que dominam a economia do país.

Esse punhado de dominadores do país são os responsáveis pela miséria do povo, pelas crises, pelo desemprego. Eles não se preocupam com as necessidades do povo, mas sim com seus lucros. A essa gente não importa que milhões de operários e trabalhadores rurais estejam sem trabalho, que milhares de jovens vivam no ócio forçado, que a juventude que sai das escolas não encontre ocupação — ao passo que, se fosse utilizada toda essa grande força atualmente ociosa, seria possível multiplicar as riquezas do país.

Os tubarões capitalistas famintos lançam o povo na fome, jogam os operários na rua, aumentam a exploração dos que ainda têm emprego e reduzem seus salários. Provocam a ruína dos camponeses, dos pequenos industriais, dos pequenos comerciantes e dos artesãos e, quando o povo cai na miséria, dizem-lhe que é preciso fazer a guerra, que é necessário ir morrer para encher seus cofres.

Esses tubarões não querem pagar as consequências da crise que eles próprios provocaram: ao contrário, fazem com que toda a nação lhes pague os bilhões necessários para cobrir os déficits de suas empresas!

Os tubarões impõem ao povo um gasto anual de seis bilhões de liras para os preparativos de guerra!

E para manter o povo faminto sob controle, para impor-lhe os mais duros sacrifícios, os tubarões precisam de um forte aparato policial que custa ao país mais de um bilhão por ano.

Quarenta e três milhões de italianos trabalham e sofrem para enriquecer um punhado de parasitas.

Quem são os inimigos do povo?

ITALIANOS, os inimigos do nosso povo — de todos os trabalhadores do braço e do pensamento, sejam eles fascistas ou não fascistas — são esses bandidos que se

apropriam do fruto do nosso trabalho, que ignoram as condições das massas populares e pensam apenas em aumentar seus lucros e suas rendas.

É inimigo do povo o conde Volpi, envolvido em 14 sociedades[3] com capital de 2 bilhões de liras.

É inimigo do povo o senador Motta, envolvido em 24 sociedades com capital de 4 bilhões e meio de liras.

É inimigo do povo o senador Agnelli, envolvido em 32 sociedades com capital de 2 bilhões de liras.

É inimigo do povo o honrado Donegani, o tubarão da Montecatini, que administra 33 sociedades com capital de 3 bilhões e meio de liras.

São inimigos do povo os irmãos Pirelli, envolvidos em 52 sociedades com capital de quase 9 bilhões de liras.

É inimigo do povo Edgardo Morpurgo, envolvido em 26 sociedades com capital de 1 bilhão e meio de liras.

É inimigo do povo o senador Vittorio Cini, envolvido em 16 sociedades com capital de 2 bilhões e meio de liras.

É inimigo do povo o senador Ettore Conti, da Commerciale, envolvido em 18 sociedades com capital de 3 bilhões e meio de liras.

São inimigos do povo os senhores Achille Gaggia e seu filho Luigi, envolvidos em 42 sociedades, com capital de quase 4 bilhões de liras.

É inimigo do povo o senhor Carlo Orsi, do Credito Italiano, envolvido em 18 sociedades com capital de 2 bilhões e meio de liras.

É inimigo do povo o senador Borletti, da Snia, envolvido em 20 sociedades com capital de 2 bilhões e meio de liras.

É inimigo do povo o conde Rebaudengo, grande latifundiário, envolvido em 17 sociedades com capital de 1 bilhão e meio de liras.

É inimigo do povo o conde Adriano Tournon, grande latifundiário e presidente da Federação Italiana dos Consórcios Agrários, envolvido em 11 sociedades com capital de meio bilhão de liras.

É inimigo do povo o conde Pavoncelli, grande latifundiário, envolvido em 11 sociedades com capital de 700 milhões de liras.

Os inimigos do povo são os multimilionários que estendem seus tentáculos sobre toda a economia do país.

São esses grandes magnatas do capital que impedem a união do nosso povo, colocando fascistas e antifascistas uns contra os outros, para poder nos explorar com mais liberdade.

São esses parasitas do trabalho nacional e do gênio italiano que tiraram do povo toda a liberdade, que amordaçaram os trabalhadores, os técnicos, os intelectuais — fascistas e não fascistas — para melhor explorá-los e escravizá-los.

São esses grandes saqueadores da riqueza do país que corromperam a vida pública, enriquecendo certos altos funcionários e hierarcas do Estado e do Partido Fascista — que ontem eram pobres e hoje têm vilas, automóveis e capitais investidos — para torná-los instrumentos servis de seus interesses.

São esses bandidos que nos arrastam à guerra, porque a guerra aumenta enormemente seus lucros e lhes oferece a possibilidade de novos roubos e de acumular novas e maiores riquezas.

POVO ITALIANO, unam-se para libertar a Itália dessas canalhas que decidem sobre a vida de quarenta e três milhões de italianos, que matam de fome nosso país e o conduzem à ruína, à guerra permanente. Unam-se para fazer com que os tubarões paguem os custos da guerra e da colonização!

Os tubarões devem pagar.

O povo italiano já fez sacrifícios demais.

O dinheiro para pagar os custos da guerra — e aquele necessário para dar trabalho aos nossos operários e melhorar as condições do povo italiano, para retomar as obras de saneamento interrompidas, para cultivar de forma racional os milhões de hectares mal explorados pela negligência dos latifundiários, especialmente no Sul e nas Ilhas, para construir esgotos, estradas, hospitais, escolas no Mezzogiorno e campos esportivos para nossa juventude, para aliviar a carga tributária sobre as massas populares — esse dinheiro deve vir de Volpi, Donegani, Pirelli, Morpurgo, Ruffo, Tournon, Pavoncelli e companhia.

São esses grandes magnatas do capital que impedem a união do nosso povo, colocando fascistas e antifascistas uns contra os outros, para poder nos explorar com mais liberdade

POVO ITALIANO, COMBATENTES DA ÁFRICA, enquanto suportamos novos sacrifícios impostos pela guerra, enquanto nossos soldados derramavam seu sangue nas terras abissínias e as nossas mulheres eram obrigadas a entregar suas alianças de casamento para cobrir os gastos da guerra, os capitalistas, os tubarões, fazem grandes negócios.

A Montecatini, típico exemplo de tubaronismo, teve em 1935 um lucro de 92 milhões e meio. Além disso, distribuiu gratuitamente aos acionistas 100 milhões em ações nominais, cotadas na Bolsa a 185, permitindo-lhes um ganho adicional de 85 milhões e ainda ofereceu ao valor de face outras 100 milhões em ações, que proporcionaram outro lucro de 85 milhões. No total, a Montecatini teve em 1935 um lucro de 362 milhões e meio!

O balanço da Fiat se encerrou em 1935 com 40 milhões de lucro.

A Edison lucrou, em 1935, 140 milhões de liras.

A sociedade Pirelli teve um lucro de 30 milhões.

Turim, 26 de abril de 1921. A Câmara do Trabalho é devastada por esquadrões fascistas.

A Snia Viscosa lucrou 34 milhões.

A Ilva lucrou 37 milhões.

As Assicurazioni Generali tiveram um lucro de 34 milhões.

A Sip (eletricidade) lucrou, em nove meses, 12 milhões.

etc. etc.

Esses lucros foram acumulados durante o ano de 1935, roubando dos salários dos operários e do Estado. E para 1936 os tubarões pretendem aumentar ainda mais os lucros de 1935. Por isso eles se opõem a qualquer melhoria nas condições materiais dos operários e a elevar seu padrão de vida ao nível de um povo civilizado.

Os sacrifícios da guerra foram exigidos dos operários, dos trabalhadores, dos pobres, das famílias dos combatentes, dos soldados e dos camisas-negras: agora os tubarões é que devem pagar!

Mussolini disse, em 1919, quando era preciso pagar os custos da Grande Guerra:

> *"Os cofres estão vazios. Quem deve enchê-los? Não nós, que não possuímos casas, automóveis, bancos, minas, terras, fábricas, papel moeda! Quem pode deve pagar. Neste momento, o que propomos é a expropriação fiscal. Ou os felizes possuidores se expropriam voluntariamente, ou nós conduzimos as massas dos combatentes contra esses obstáculos e os destruiremos. Quem não deu sangue, que dê dinheiro."* (Mussolini, em "Il Popolo d'Italia", 10 de junho de 1919)

Concordávamos com essas palavras em 1919. Concordamos ainda hoje. Os ricos, os capitalistas, os felizes possuidores devem pagar.

Seja feita uma tributação proporcional e progressiva sobre todos os patrimônios superiores a um milhão, sejam aplicados e estendidos a todas as sociedades os decretos de Bolzano sobre a limitação da distribuição de lucros das sociedades por ações, sejam confiscados todos os lucros acima de 6% das empresas. Todos os tubarões — Volpi, Donegani, Morpurgo, Pirelli, Conti e companhia — que obtiveram lucros excessivos com os sacrifícios do povo e dos nossos soldados devem ser obrigados a devolver o dinheiro roubado e levados aos tribunais como inimigos da nação.

As promessas devem ser cumpridas! Foi-nos prometido o pão:

Queremos que o pão seja garantido a todos!

POVO ITALIANO! SOLDADOS, CAMISAS-NEGRAS, EX-COMBATENTES E VOLUNTÁRIOS DA ÁFRICA, o Comitê Central do Partido Comunista da Itália, no apelo que lhes dirigiu em abril do ano passado ("Salvemos nosso país da catástrofe!"), às vésperas da guerra na África, disse:

> "Não é verdade que a eventual conquista *da Abissínia resolveria o problema do desemprego e melhoraria as condições dos trabalhadores italianos... Mesmo que a Abissínia se tornasse uma colônia italiana, isso não traria nenhuma melhoria para os trabalhadores. Como ocorre com as outras colônias, os lucros coloniais iriam para os bancos, especuladores e companhias concessionárias, enquanto os custos da colonização recairiam em maiores impostos para a população trabalhadora."*

Os comunistas tinham razão, companheiros, irmãos, amigos!

O desemprego aumenta, e muitas fábricas operam com equipes e horários reduzidos. E o desemprego crescerá ainda mais nos próximos meses, mesmo com o fim das sanções, pois todos os recursos do país estão sendo usados na preparação de uma nova guerra.

A miséria das massas aumentará, porque o punhado de parasitas que sangra a nação quer fazer com que os pobres, os trabalhadores, os camponeses, os pequenos comerciantes e os empregados arquem com os custos da guerra e da colonização.

A Guerra D'África já custou quase 20 bilhões de liras. A ocupação da Abissínia e a colonização custarão ainda muitos outros bilhões. O governo aumentará os impostos diretos e sobre o consumo, recorrerá a novos empréstimos forçados, vasculhará os últimos centavos da poupança interna, fará apelo ao capital estrangeiro, ao qual será preciso pagar altos juros.

O pão e o trabalho que esperamos não virão se não nos unirmos contra os grandes capitalistas que já lucraram imensamente com esta guerra e que agora se preparam para tirar proveito da conquista, fazendo com que o povo pague as despesas.

Foi-nos prometida a terra: queremos a nossa terra!

CAMPONESES, a terra que vocês desejam é a terra italiana. Metade desta terra está nas mãos de apenas 1% dos proprietários rurais, enquanto 4 milhões de trabalhadores agrícolas não têm terra.

A terra italiana que vocês trabalham está nas mãos dos príncipes Spada, Doria, Borghese, Torlonia, Ruffo, Lanza, Serracapriola, dos marqueses Di Bagno, Pottino di Capuana, Pallavicino, dos duques Visconti, dos condes Pavoncelli, Venerosi, Tournon, Casati e de toda a velha nobreza que permanece como uma gangrena sobre o corpo da nossa Itália.

Essa terra — a terra do seu país, a terra que vocês cultivam há séculos — não é de vocês.

E tampouco é de vocês a terra tomada dos abissínios. Dessa terra apropriam-se os ricos, os capitalistas, os milionários.

Se amanhã, empurrados pelo desespero, forem forçados ou autorizados a emigrar para a Abissínia, serão explorados pelos mesmos patrões italianos que os exploram aqui, serão tratados como os pobres negros, derramarão ainda mais o seu sangue para enriquecer os

patrões italianos, estarão sujeitos à disciplina militar, milhares de quilômetros longe da sua pátria, em um clima que destruirá suas vidas.

A terra de que vocês precisam, camponeses da Itália, nossos irmãos do Sul e das Ilhas, a terra que está nas mãos dos nobres que muitas vezes nem sabem onde ela fica, e dos grandes latifundiários — essa terra vocês não a terão se não se unirem e lutarem lado a lado com os operários contra o pequeno grupo de dominadores da nação.

Não é possível esperar mais!

Não, não é possível continuar esperando o cumprimento das promessas.

DESEMPREGADOS, exijam trabalho — ou ao menos que seja concedido um subsídio durante todo o período de desemprego, um auxílio que permita a vocês e suas famílias viverem com dignidade.

OPERÁRIOS, exijam que o aumento salarial agora prometido seja suficiente para lhes garantir uma vida digna; exijam o respeito absoluto aos contratos, a semana de 40 horas paga com o salário de 48, o que além de melhorar suas condições de vida, estimulará o mercado interno e permitirá absorver parte dos desempregados na produção.

CAMPONESES, exijam uma distribuição dos produtos mais favorável ao colono, impeçam o aumento dos alugueis e, ao contrário, exijam sua redução, reivindiquem a liberdade de cultivo nas terras que trabalham, a liberdade de comercializar os produtos do próprio trabalho e o retorno do pequeno crédito rural com juros baixos, exijam a suspensão dos confiscos.

FUNCIONÁRIOS, exijam o aumento de seus salários, com um critério que favoreça proporcionalmente os vencimentos mais baixos, hoje insuficientes para uma vida digna.

TODOS OS TRABALHADORES, foi-lhes prometida uma moradia digna — sejam proibidas imediatamente as ordens de despejo por inadimplência causada pelas precárias condições econômicas dos trabalhadores. Que seja desenvolvido com urgência um plano de construção de habitações populares e rurais higiênicas e equipadas com o que atende às necessidades de uma civilização moderna.

OPERÁRIOS, CAMPONESES, FUNCIONÁRIOS, PEQUENOS INDUSTRIAIS, ARTESÃOS, PEQUENOS COMERCIANTES, exijam a redução dos impostos que os esmagam, solicitem uma moratória de todos os débitos fiscais e particulares, reivindiquem isenções especiais para as populações do Sul e das Ilhas, que mais sofrem com a crise.

TRABALHADORES, exijam que um controle seja exercido por vocês, juntamente com os pequenos comerciantes, sobre os preços de atacado dos gêneros de consumo, com o objetivo de combater o alto custo de vida e cortar as garras dos grandes comerciantes e especuladores que fazem passar fome a população. Que as novas comissões de verificação de preços sejam escolhidas pelos consumidores e que recebam poderes judiciais e de investigação sobre os atacadistas, em vez de se voltarem contra os pequenos lojistas.

Fábrica da Fiat ocupada pelos trabalhadores, 1920

RECRUTADOS, exijam o pagamento dos subsídios estabelecidos pelo governo para suas famílias, exijam o aumento desses subsídios em função do aumento no custo de vida.

EX-COMBATENTES DA ÁFRICA, reivindiquem o dobro do subsídio de desmobilização e o direito a emprego garantido no momento do licenciamento.

MUTILADOS, FERIDOS E INVÁLIDOS DA GUERRA NA ÁFRICA, unam-se aos mutilados e inválidos da Grande Guerra para exigir uma pensão que lhes permita viver com dignidade. Todo o povo apoiará sua luta.

MÃES E VIÚVAS DOS MORTOS NA ÁFRICA, unam-se às mães e viúvas dos mortos na Grande Guerra e exijam pensões suficientes que lhes permitam uma vida digna.

POVO ITALIANO, prometeram a ti a justiça social. Não há justiça social enquanto não se melhorarem as condições de vida das massas populares e todos os direitos forem garantidos pelos exploradores e inimigos do povo. Basta de sofrimentos e privações!

Foi-nos prometida a paz: queremos a paz!

POVO ITALIANO, já se passaram alguns meses desde o fim da guerra na África, mas a desmobilização ainda não foi ordenada, e nossos soldados e camisas-negras estão submetidos a duras fadigas e são vítimas de todas as doenças, sem poderem voltar para suas casas.

Só voltaram para casa os "filhinhos de papai" e os altos hierarcas: aqueles que fizeram a guerra com discursos, os herois de vitrine da aviação — usada contra um adversário que não tinha absolutamente nenhum recurso nesse sentido.

Os filhinhos de papai e os altos hierarcas recebem medalhas e voltam para casa, mas ninguém se importa com os soldados e os camisas-negras. Exigimos a desmobilização e o retorno à pátria dos soldados e camisas-negras da África Oriental.

Os sofrimentos na África ainda não terminaram, e sobre a Europa e o mundo pairam nuvens de uma terrível tempestade.

Os comunistas disseram a vocês, no manifesto de abril de 1935, que a guerra ítalo-abissínia:

"Estimularia os Estados mais agressivos, que querem resolver com armas os graves problemas da hora presente."

E é isso que está acontecendo diante dos nossos olhos.

Hitler e o Japão, que ameaçam a paz mundial, foram incentivados em seus propósitos criminosos com os sucessos obtidos pelas forças armadas italianas na África.

No Reno, na Europa Central e Oriental, nos Bálcãs, na Ásia, os focos de guerra estão acesos.

Amanhã, talvez de repente, os instrumentos de morte aparecerão nos céus das nossas cidades e o nosso povo será dizimado: nossas mulheres e filhos morrerão entre espasmos atrozes e horrendas mutilações — como morreram as mulheres e crianças abissínias — e a nossa Itália se tornará um imenso cemitério.

Esse massacre não é inevitável.

Podemos evitá-lo, desde que nos unamos para exigir o abandono da atual política externa da Itália, em favor de uma política de paz internacional.

Hitler declara abertamente que quer a guerra. Ele rasga brutalmente os tratados e ameaça incendiar a Europa e o mundo. O povo italiano não quer se ajoelhar diante da ameaça hitleriana. O povo italiano quer a paz.

Mesmo que seja verdade — infelizmente! — que a guerra da Abissínia enfraqueceu a capacidade da Itália de enfrentar os perigos que ameaçam sua independência, é igualmente verdade que o povo italiano ainda pode defender a paz e a independência nacional.

Queremos que nosso país estabeleça pactos de assistência mútua com todos os nossos vizinhos, e antes de tudo com a França, povo ao qual estamos ligados por inúmeros vínculos históricos, culturais e de simpatia. Esses pactos devem ser abertos a todos os Estados que desejarem participar, pois não queremos cercar nem isolar nenhum país, já que nosso objetivo é o mesmo de todos os povos: a paz.

Queremos que nosso país promova pactos de assistência mútua com a Pequena Entente, com todos os países danubianos e balcânicos, pactos abertos a todos os Estados dispostos a aderir. Pois, se é justa nossa preocupação em garantir a independência nacional contra um agressor eventual que a ameace, devemos, por nossa vez, garantir a independência dos outros povos, sobretudo dos pequenos Estados.

No entanto, a atual política externa seguida pela Itália sacrificou a independência da Áustria aos planos anexionistas da Alemanha com o acordo austro-alemão e abriu caminho ao hitlerismo rumo ao Brennero e a Trieste. Essa política é contrária aos interesses do nosso país. Não foi para abrir caminho ao imperialismo germânico no Adriático que seiscentos mil soldados italianos morreram na última guerra!

Amanhã, talvez de repente, os instrumentos de morte aparecerão nos céus das nossas cidades, e o nosso povo será dizimado...

Queremos que a Itália exerça toda a sua influência para favorecer a realização de um sistema de pactos de assistência mútua no Leste da Europa e que atraia também a Alemanha para esse sistema, e que a Itália celebre um pacto análogo com a União Soviética, que é a mais ardente e obstinada defensora da paz no mundo. Não queremos ser instrumento do imperialismo britânico, representado pelo Partido Conservador da Grã-Bretanha, que tenta desviar para o Leste Europeu a tempestade que se anuncia. A paz é indivisível e, se for rompida em qualquer ponto da Europa, todos os povos serão arrastados para a guerra.

Queremos ser campeões na luta pelo respeito à integridade territorial e à independência nacional de todos os povos.

Esse grande ideal, transmitido por nossos antepassados, pelos Grandes Revolucionários que fizeram a unidade nacional do nosso país, não será renegado por nós, que o recebemos com orgulho como a herança mais preciosa que eles nos deixaram, junto ao dever sagrado de defender nossa unidade nacional, nascida do sangue de milhares de mártires e herois.

Para salvar a paz ameaçada, e para que a Itália seja um poderoso fator na organização da paz mundial, devemos nos unir nas fábricas e no campo, nos bairros das cidades, nos círculos, nos sindicatos, em todas as associações e exigir de todas as formas ao governo que a Itália entre na coalizão das forças da paz, que é a única capaz de fazer recuar as forças da guerra.

Povo italiano, a guerra não é inevitável. Podemos evitá-la, junto com os outros povos — com o povo soviético, francês, alemão, inglês e os de todos os outros países. Nós, comunistas, queremos lutar na vanguarda para evitá-la, contra os provocadores da guerra que estão em nossa casa — os tubarões, os grandes capitalistas, inimigos da Itália.

Os comunistas fazem seu o programa fascista de 1919, que é um programa de liberdade.

ITALIANOS, nestes anos nos foram impostos sacrifícios duros e nos foram retirados todos os direitos políticos em nome dos supostos interesses superiores da nação. Mas os ricos, os milionários, os capitalistas se beneficiaram de nossos sofrimentos e privações e encheram seus cofres.

Com a guerra na Abissínia, os sacrifícios do povo aumentaram e as leis se tornaram ainda mais rígidas. Agora o povo italiano deve dizer sua palavra.

A liberdade que pedimos não é anarquia nem caos. A liberdade que queremos é a disciplina consciente às leis e regulamentos elaborados e aprovados com a participação do povo.

Nosso povo é maior de idade. Não precisa de tutores. Quer falar. Seus filhos que combateram na África querem falar — e têm esse direito.

A entrada na guerra foi a notificação principal de todos os cotidianos italianos de 11 de junho de 1940

Queremos que a Itália exerça toda a sua influência para favorecer a realização de um sistema de pactos de assistência mútua no Leste da Europa, e que atraía também a Alemanha para esse sistema, e que a Itália celebre um pacto análogo com a União Soviética

Mas os patrões, os capitalistas, os tubarões não querem nos deixar falar, porque querem nos fazer pagar pelos custos da guerra e da colonização, porque preparam um novo massacre, porque têm medo de que descubramos a unidade e a força para conquistar nosso pão, nossa terra e a paz.

Queremos uma Itália forte, livre e feliz!

POVO ITALIANO, nós, comunistas italianos, lutamos para derrubar o domínio dos capitalistas no nosso país, para tomar das mãos deles as riquezas que monopolizam e devolvê-las ao povo que as produziu. Lutamos para fundar na Itália um Estado onde todo cidadão tenha direito ao trabalho e a receber uma remuneração proporcional à quantidade e qualidade do trabalho realizado, em que todo cidadão tenha direito ao descanso remunerado e a todas as seguridades sociais e para a velhice às custas do Estado, um Estado onde todo cidadão tenha direito à instrução gratuita, do ensino básico ao superior, um Estado de trabalhadores livres, em que todos tenham plena liberdade política, de pensamento, de organização e de imprensa, um Estado nas mãos dos trabalhadores, governado por trabalhadores. Num Estado assim, o desemprego será destruído para sempre, as crises abolidas e as riquezas do país colocadas a serviço de todo o povo.

Nossos jovens, nossos engenheiros, nossos técnicos terão espaço para desenvolver suas capacidades, e todos trabalharão menos horas por dia, melhorando suas condições materiais e culturais.

Os camponeses não mais sofrerão em terras que não lhes pertencem.

A cultura, que hoje é limitada e comprimida, alcançará um desenvolvimento nunca antes visto em nosso país.

Queremos fundar uma Itália forte, livre e feliz, como forte, livre e feliz é a União Soviética, onde nestes dias 170 milhões de trabalhadores discutem a nova Constituição, a Carta da Liberdade, o Estatuto de uma sociedade de trabalhadores livres.

A vitória do programa dos comunistas na Itália será a liberdade assegurada pela disciplina consciente do povo senhor de seus próprios destinos. Serão o pão, o bem-estar e a cultura garantidos a toda a população trabalhador,; será a política da paz e da fraternidade entre os povos garantida pelo povo no poder.

Nós, comunistas, defendemos os interesses de todas as camadas populares, os interesses de toda a nação.

Porque a nação é o povo, é o trabalho, é o engenho italiano, porque a nação italiana é a soma de todas as dores e lutas seculares do nosso povo pelo bem-estar, pela paz, pela liberdade, porque o Partido Comunista, lutando pela liberdade do povo e por sua elevação material e cultural, contra o punhado de parasitas que nos faz passar fome e oprime, é o herdeiro das tradições revolucionárias do *Risorgimento* nacional, o herdeiro e continuador da obra de Garibaldi, Mameli, Pisacane, os irmãos Cairoli, os Bandiera, e dos milhares de mártires e heróis que lutaram não só pela independência nacional da Itália, mas também pelo bem-estar material e liberdade política do povo.

Na luta por esse grande ideal de justiça e liberdade, dezenas de comunistas tombaram e milhares foram condenados nestes anos a penas monstruosos. Centenas desses combatentes heroicos pela causa do povo definham nas prisões e nas ilhas de confinamento. Dezenas deles estão encarcerados há mais de dez anos.

Homens como Antonio Gramsci, Umberto Terracini, Mauro Scoccimarro, Gerolamo Li Causi, Giovanni Parodi, Battista Santhià, Adele Bei e centenas de outros — o melhor da classe operária e do povo italiano, os defensores heroicos da cultura italiana e dos interesses do país que amam com um amor inigualável e ao qual dedicaram suas vidas — não recuaram diante de risco algum para proclamar a necessidade da reconciliação do povo italiano, para tornar a Itália forte, livre e feliz.

Mas esse programa só poderá ser realizado com a vontade do povo. Hoje, o povo ainda não vê possível a luta por esse programa. Hoje, o povo quer resolver os problemas mais urgentes e angustiantes que enfrenta — os problemas do pão, do trabalho, da paz e da liberdade para todos. E nós estamos com o povo, e fazemos um apelo à sua união e reconciliação para conquistar essas reivindicações inadiáveis.

O programa fascista de 1919 não foi realizado!

POVO ITALIANO! FASCISTAS DA VELHA GUARDA! JOVENS FASCISTAS, nós, comunistas, adotamos

Os comunistas fazem seu o programa fascista de 1919, que é um programa de liberdade

herdeiro das tradições revolucionárias do Risorgimento nacional, o herdeiro e continuador da obra de Garibaldi, Mameli, Pisacane, os irmãos Cairoli, os Bandiera

Barricadas de Parma

como nosso o programa fascista de 1919, que é um programa de paz, liberdade e defesa dos interesses dos trabalhadores, e dizemos a vocês:

Lutemos unidos pela realização desse programa!

O programa fascista de 1919 dizia: Salário mínimo assegurado aos operários.

Por que o salário mínimo não está assegurado e depende da vontade dos patrões? Por que os contratos de trabalho não são respeitados? Porque são os patrões que mandam na Itália e fazem o que querem, e quando vocês, fascistas, exigem o respeito aos contratos, se deparam com o muro da força patronal, que chega até a ameaçá-los.

Nas duas últimas reuniões do Conselho Nacional da Confederação dos Sindicatos da Indústria, a maioria dos dirigentes sindicais provinciais, sob a pressão de vocês, se declarou a favor do aumento dos salários e da semana de 40 horas paga com o salário de 48. Mas, como sempre, reservas e adiamentos são usados pelos patrões para impedir que essas demandas sejam atendidas.

Desde novembro de 1934, o Comitê Corporativo Central aprovou uma moção que estabelecia que: a fixação de qualquer tipo de trabalho por peça deveria ser acordada entre patrões e operários. Essa moção nunca foi aplicada. Os trabalhos por peça são fixados ao arbítrio dos patrões, os quais reduzem assim os salários, anulando, de fato, a eficácia dos contratos que eles mesmos assinaram.

O programa fascista de 1919 dizia: O camponês quer a terra — e deve ter a sua terra.

Mas os camponeses não receberam a terra e, quando a têm, os grandes proprietários e o fisco a tiram deles com contratos abusivos, impostos pesados, toda sorte de retenções e obrigações e com o sistema de culturas obrigatórias e fiscalizações repressivas.

O programa fascista de 1919 dizia: Nacionalização de todas as fábricas de armas e munições.

Mas os grandes industriais conseguiram a aprovação de um plano de produção de guerra que transfere todos os riscos operacionais de suas empresas ao Estado (ou seja, ao povo), e ainda lhes garante lucros generosos.

O programa fascista de 1919 dizia: Imposto extraordinário sobre o capital, com taxas progressivas, visando uma expropriação parcial das riquezas.

Ao invés disso, os grandes capitalistas defenderam com unhas e dentes seus cofres, enquanto os pequenos industriais, comerciantes, camponeses e artesãos estão indo à ruína.

O programa fascista de 1919 dizia: Revisão de todos os contratos de fornecimento de guerra e confisco de até 85% dos lucros excessivos obtidos com a guerra.

Mas em 1922 os tubarões dissolveram a comissão parlamentar de inquérito sobre os lucros de guerra e na guerra da Abissínia eles garantiram para si os lucros excedentes.

O programa fascista de 1919 dizia: Sufrágio universal por escrutínio regional, com representação proporcional dos eleitores e participação das mulheres na vida política como eleitoras e elegíveis.

Ao contrário, foi suprimida toda liberdade política, foi suprimida a liberdade de associação e de imprensa e o chamado Estado Corporativo garantiu ao punhado de parasitas do trabalho nacional o domínio sobre toda a economia do país. Todas as representações do Estado e dos municípios são nomeadas de cima para baixo. A inferioridade das mulheres foi sancionada nos princípios do chamado Estado Corporativo.

O programa fascista de 1919 dizia: Abolição do Senado.

Mas essa estúpida e inútil carcaça reacionária foi mantida de pé.

O programa de 1919 dizia: Criação de uma milícia nacional (em lugar do exército atual), com serviço curtíssimo, já que teria apenas função defensiva.

Mas em vez disso chegou-se a afirmar que a Itália deve ser uma nação guerreira e militarista, e que todos os cidadãos do sexo masculino são soldados desde os 8 anos de idade!

O programa fascista de 1919 dizia: Política externa que vise valorizar a Nação Italiana por meio de obras de paz.

Ao contrário, foi propagado e aplicado o falso princípio de que a valorização da Itália só pode se dar pela guerra!

FASCISTAS DA VELHA GUARDA! JOVENS FASCISTAS, nada do que foi prometido em 1919 foi cumprido.

Os sindicatos, tirados da direção livre dos operários, foram reduzidos a órgãos que impedem os trabalhadores de pressionar os patrões para defender seus direitos. A assembleia parlamentar é controlada pelos tubarões e seus funcionários, e nenhuma voz independente se levanta em defesa dos interesses sagrados do povo.

Vocês homenageiam a memória de Filippo Corridoni. Mas o ideal

pelo qual Corridoni lutou durante toda a vida foi conquistar à classe operária o direito de ser dona do próprio destino. O sindicalismo de Corridoni se expressou na luta dos explorados contra os exploradores, no sonho da vitória dos explorados e sua redenção da opressão capitalista.

FASCISTAS DA VELHA GUARDA! JOVENS FASCISTAS, nós proclamamos que estamos dispostos a lutar ao lado de vocês e de todo o povo italiano pela realização do programa fascista de 1919, e por toda reivindicação que expresse um interesse imediato, particular ou geral, dos trabalhadores e do povo italiano. Estamos prontos para lutar com qualquer um que queira, de verdade, combater o punhado de parasitas que sangra e oprime a nação, e contra aqueles hierarcas que os servem.

Para que nossa luta seja coroada de êxito, devemos exigir a...

Reconciliação do povo italiano

Restabelecendo a unidade da Nação pela salvação da Pátria, superando a divisão criminosa criada em nosso povo por aqueles que tinham interesse em quebrar nossa fraternidade.

Devemos unir a classe operária e formar ao seu redor a unidade do povo, marchar unidos como irmãos:

Pelo pão, pelo trabalho, pela terra, pela paz e pela liberdade.

Devemos restabelecer a confiança mútua entre os italianos, liquidar os rancores do passado, abandonar a vergonhosa prática da espionagem que aumenta a desconfiança, estimular a coragem cívica das opiniões livremente expressas. Nenhum de nós deseja conspirar contra sua pátria. Todos queremos defender os interesses do nosso país que amamos.

Anistia completa para todos os filhos do povo condenados por delitos de opinião. Abolição das leis contra a liberdade e do Tribunal Especial, que atingem os defensores do povo e protegem os interesses dos inimigos do povo e da Itália.

Dêem-se as mãos, filhos da nação italiana! Dêem-se as mãos, fascistas e comunistas, católicos e socialistas, homens de todas as opiniões. Dêem-se as mãos e caminhem lado a lado para conquistar o direito de serem cidadãos de um país civilizado como é o nosso. Sofremos as mesmas dores. Temos a mesma ambição: fazer da Itália uma nação forte, livre e feliz. Todo sindicato, toda associação de lazer, toda organização deve se tornar o centro da nossa unidade reencontrada e ativa, a expressão da nossa vontade de quebrar o poder do pequeno grupo de parasitas capitalistas que nos deixam passar fome e nos oprimem.

Povo italiano, a luta à qual te chamamos é uma luta possível

POVO ITALIANO, a luta que o Partido Comunista da Itália te propõe é possível nas condições atuais do nosso país.

Muitas vezes, os operários e trabalhadores se uniram — nas fábricas, nas assembleias sindicais, nas associações recreativas, nas mútuas, nas cooperativas e outras entidades — para resistir aos ataques patronais contra os salários, contra o agravamento das condições de trabalho, para defender os direitos dos associados, para denunciar os abusos de certos hierarcas indignos e exigir sua substituição por pessoas honestas e capazes de defender os interesses do povo. Quando foram convocadas assembleias operárias, frequentemente foi possível eleger para cargos de confiança sindical ou de direção local trabalhadores conscientes dos interesses de seus companheiros, que não se deixaram intimidar pelas ameaças dos patrões e dos hierarcas submissos a eles. Muitas vezes os trabalhadores unificados formaram comissões eleitas por seus companheiros, que negociavam com sucesso com sindicatos, patrões e autoridades as questões de interesse das diversas categorias de trabalhadores. Em muitos casos — e até recentemente — os operários interromperam o trabalho para protestar contra a conduta dos patrões que não respeitam os contratos de trabalho e que cometem roubos contra os operários — e obtiveram vitórias.

Essa experiência precisa ser ampliada a todas as camadas da população. Mas os operários, os trabalhadores, todo o povo não pode limitar-se a essas reivindicações parciais: é necessário lutar para criar amplas correntes de opinião popular e desenvolver movimentos de massa pela conquista do pão e pela liberdade para todo o povo, e não apenas para os capitalistas, pela paz. Unidade de todo o povo, contra o aparelhamento de guerra nas fábricas, pela desmilitarização das fábricas auxiliares, para permitir aos trabalhadores defenderem seus próprios interesses nos sindicatos.

Unidade de todo o povo para fazer os ricos pagarem, para exigir que as promessas feitas ao povo sejam cumpridas, para promover e defender a política de paz.

Benito Mussolini faz discurso na Itália.
Foto de NPL - DeA Picture Library Bridgeman Images

Unidade de todo o povo para impor a desmobilização e o retorno dos ex-combatentes da África Oriental.

Unidade de todo o povo, pela liberdade, pela realização do programa fascista de 1919.

Unidade dos operários e dos camponeses, do Norte e do Sul, e dos italianos com as minorias nacionais do Alto Ádige e da Venezia Giulia.

Unidade com todos os que realmente defendam — não só com palavras, mas com ações — os interesses do povo.

Espaço para a juventude!

JUVENTUDE ITALIANA, a canção fascista diz que a juventude é a primavera da beleza. Mas você sabe que não há beleza sem trabalho, sem perspectiva de um futuro certo, sem lazer, sem possibilidades de desenvolver a própria personalidade, sem amor e sem alegria.

A beleza está na vida ativa e serena.

O verdadeiro heroísmo está na superação grandiosa para elevar o bem-estar e a cultura dos povos.

Você tem direito à vida, juventude da Itália.

Una-se aos adultos e lute pelo direito à vida, contra aqueles que lhe negam o trabalho, o mantêm no ócio forçado e querem enviá-lo ao massacre para enriquecer-se com seu sangue.

Espaço para a juventude! Nas fábricas, nos escritórios, nas escolas — em todo lugar: trabalho para todos os jovens! Salário igual para trabalho igual!

Espaço para os jovens engenheiros e técnicos! Espaço para os jovens médicos! Espaço para os jovens professores! Espaço para os jovens escritores e artistas! Abaixo as panelinhas que fecham as portas à juventude!

Campos esportivos gratuitos para todos os jovens! Fim do esporte industrializado!

Direito ao estudo livre e à leitura e publicação livres de livros, jornais e revistas culturais.

Preocupar-se com a vida e o futuro da juventude, resolvendo a cada dia um problema que abra caminho à sua realização na vida: essa é a via principal para defender a família italiana, que então se baseará em fundamentos materiais sólidos e num bem-estar crescente de todo o povo.

A VOCÊ, TRABALHADOR FASCISTA, trabalhador fascista, estendemos a mão a você porque queremos construir com você a Itália do trabalho e da paz, porque somos, como você, filhos do povo, somos seus irmãos, temos os mesmos interesses e os mesmos inimigos.

Estendemos a mão porque a hora é grave e, se não nos unirmos agora, todos seremos arrastados à ruína, à mais negra miséria e a uma guerra terrível.

Estendemos a mão porque queremos acabar com a fome e a opressão.

É hora de empunhar o porrete contra os capitalistas que nos dividiram para que nos devolvam o que nos tiraram!

Estendemos a mão porque queremos, junto com você, fazer a nossa bela Itália forte, livre e feliz.

A VOCÊ, TRABALHADOR CATÓLICO, nós, comunistas, estendemos a mão a você, trabalhador católico, porque junto com você queremos lutar por uma justiça maior, pela paz entre os homens, pela liberdade.

O Papa Pio XI, na encíclica *Quadragesimo Anno*, atacava duramente o poder econômico que se concentrou nas mãos de um pequeno número de homens, que controlam o crédito e o usam a seu bel-prazer, que detêm em suas mãos a vida dos povos.

Contra esse poder, para derrubá-lo, queremos nos unir a você.

Os comunistas são seus irmãos. Eles lutam com coragem contra os responsáveis pela miséria do povo e contra o flagelo da guerra. Eles abandonam tudo, até suas famílias, como os primeiros apóstolos do cristianismo, pela causa do povo.

Os comunistas respeitam e defendem suas opiniões religiosas. Eles as defendem contra o sacrilégio cotidiano da exploração patronal, contra os patrões que se dizem cristãos. Eles as defendem contra aqueles que mancham a bandeira de Cristo na agitação belicista, eles as defendem lutando contra a causa da corrupção dos costumes, que é a miséria, filha da exploração imposta aos trabalhadores pelos ricos e pelos tubarões.

Apoiadores Arditi de D'Annunzio, outubro de 1919

Mussolini, cercado por simpatizantes, entra em Roma em outubro de 1922, acompanhado do quadriumviri, a cúpula do Partido Fascista, na primeira fileira da esquerda para a direita: Emilio De Bono, Cesare Maria De Vecchi, Benito Mussolini e Italo Balbo. Foto de Leonard de Selva Bridgeman Images

Estendemos a mão a você, trabalhador católico, porque queremos que você esteja conosco na boa e santa luta pelo pão de cada dia, pela paz entre todos os homens de boa vontade, pela liberdade daqueles que sofrem e que não têm outra riqueza além de seus braços e dos nobres sentimentos de fraternidade.

As forças da liberdade e da paz se organizam no mundo inteiro

ITALIANOS, os povos se unem no mundo para salvar a paz e partem para o ataque contra o poder do punhado de parasitas que, em todos os países, são a causa da miséria das massas populares e da guerra.

As vitórias da Frente Popular na Espanha e na França, as vitórias que as massas populares estão prestes a alcançar em outros países, demonstram que os povos estão reagindo contra seus atuais dominadores em nome do direito à vida, à liberdade e à paz.

Na Espanha, a luta pela defesa da liberdade e pela conquista do pão e da terra já exigiu o sangue generoso de milhares de combatentes heroicos pela causa do povo. O povo espanhol não hesitou em enfrentar os maiores sacrifícios para defender o grande bem da liberdade contra aqueles que queriam tirá-la dele, e que tentavam dividi-lo entre fascistas e antifascistas para melhor oprimi-lo. Todo o povo da Espanha se armou — os velhos, os jovens, as mulheres, as crianças — contra as forças sombrias da opressão política e da guerra, pela liberdade.

Na França, a vitória da Frente Popular fez recuar os inimigos da liberdade e da paz, os mesmos que exploram os trabalhadores e os reduzem à miséria. O povo francês unido defendeu a liberdade e conquistou importantes vitórias econômicas frente aos grandes capitalistas: o aumento dos salários, a semana de 40 horas paga com o salário de 48 horas, os contratos coletivos controlados pelos sindicatos livres, as comissões de fábrica nomeadas por todo o corpo de trabalhadores por sufrágio universal e com voto secreto. Agora o povo francês se ocupa em melhorar as condições dos camponeses, dos pequenos industriais, dos artesãos e dos pequenos comerciantes.

Tudo isso foi possível porque a classe operária da Espanha e da França se uniu e porque em torno dela se uniram todas as camadas da população trabalhadora e a melhor parte da intelectualidade, acima de diferenças políticas ou religiosas.

Sigamos o exemplo dos outros povos irmãos e junto com eles salvaremos a Itália e o mundo da miséria e da guerra.

TRABALHADORES E HOMENS DE PENSAMENTO — SOCIALISTAS, DEMOCRATAS, LIBERAIS, CATÓLICOS, coloquem suas forças a serviço da obra de reconciliação e união do povo italiano, da constituição da Frente Popular na Itália. Os dominadores atuais querem manter o povo italiano dividido entre fascistas e não fascistas. Levantemos bem alto a bandeira da unidade do povo, pelo pão, pelo trabalho, pela liberdade e pela paz!

POVO ITALIANO, faça com que todos os teus filhos deem as mãos, se reconheçam como irmãos e lutem unidos para exigir que as promessas feitas ao povo sejam cumpridas, para que os ricos, os tubarões, paguem as despesas da guerra e da miséria, para que a todos os operários seja garantido o pão e o trabalho, para que os camponeses sejam salvos da miséria, pela melhoria imediata das condições dos operários e dos empregados, por uma moradia digna para todos os trabalhadores, pela defesa e pelo futuro da nossa juventude, pela paz, pela liberdade.

Este é o apelo que te dirige o Partido Comunista da Itália, o Partido que luta para fazer da Itália um país forte, livre e feliz.

Agosto de 1936.

NOTAS E REFERÊNCIAS

[1] *Tradução feita do texto original: Per la salvezza dell'Italia riconciliazione del popolo Italiano! Presente na edição n.8, de Agosto de 1936, da revista Lo Stato Operaio. O acesso ao texto original foi feito em: archive.org/search?query=lo+stato+operaio&and%5B%5D=year%3A%221936%22*

[2] *Quando o redator traz no texto o termo "Guerra d'Africa", está fazendo referência à invasão da Etiópia pelas tropas fascistas italianas 1935-1936.*

[3] *Encontramos em outra tradução, o uso de "Empresas" para a tradução dessa palavra. Entretanto preferimos manter a tradução literal do original "società". Assim nos aproximamos do significado correto, que se refere a associações financeiras burguesas. Algo próximo de fundos de investimentos.*

O QUE ESTÁ POR TRÁS DA OFERTA DE STALIN DE CHEGAR A UM ACORDO COM HITLER?

LEON TROTSKY

Nos últimos meses, os jornais diários publicaram bastante a respeito de negociações secretas entre Berlim e Moscou. Houve rumores de que, sob o disfarce de um tratado econômico, está sendo preparado um acordo político e inclusive militar. É difícil determinar, contudo, o que há de verdadeiro nestas informações. De qualquer maneira, existem sintomas inconfundíveis que certificam com eloquência que se desenvolveu e se desenvolvem em alguns tipos de negociações. Seja como for, os resultados destas negociações secretas, neste momento, não dependem somente da lealdade de Stalin aos princípios da democracia ou da fidelidade de Hitler às bandeiras do "anti-marxismo", mas precisamente da conjuntura internacional. Um acordo entre Stalin e Hitler, se é que buscam isso – e não é impossível que ele ocorra – só poderia surpreender aos mais incuráveis imbecis que participam em todas as variedades de "frentes" democráticas ou "ligas" pacifistas.

Não nos deteremos aqui na questão de que e em qual medida é provável um acordo entre Stalin e Hitler, ou, para dizer mais corretamente, entre Hitler e Stalin, no futuro imediato. Este problema requereria uma análise detalhada da situação internacional em todas as suas possíveis variantes. Porém, inclusive se a fizéssemos, a resposta teria que ser sumamente limitada, uma vez que atualmente os próprios protagonistas dificilmente conseguiriam dizer, com completa certeza, até onde os levará este jogo. No entanto, mesmo antes de que se efetive a aproximação entre Moscou e Berlim, este assunto já se converteu em um fator da política internacional, pois todos os centros diplomáticos da Europa e do mundo estão considerando agora esta possibilidade. Consideremos brevemente, também nós.

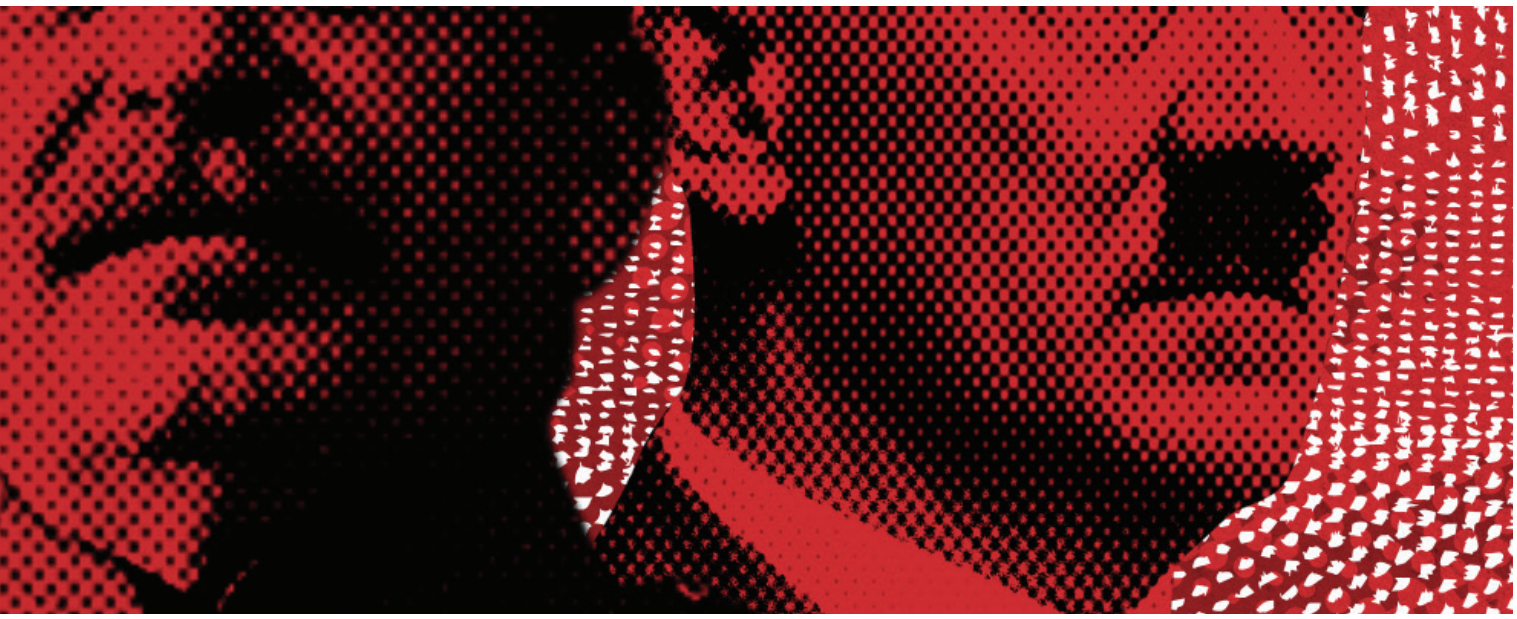
Um acordo com uma nação imperialista – à margem de ser fascista ou democrática – é um acordo com escravagistas e exploradores. Logicamente, um acordo temporário de tal natureza pode, segundo as circunstâncias, fazer-se compulsivo. É impossível dizer categoricamente que os acordos com os imperialistas não são permitidos em nenhum caso; seria o mesmo que dizer que em nenhuma circunstância um sindicato tem o direito de chegar a um acerto com o patrão. Uma "irreconciabilidade" dessa natureza seria totalmente falsa.

Enquanto um Estado operário permaneça isolado, são inevitáveis acordos episódicos de um ou outro tipo com o imperialismo. Porém, devemos entender claramente que a questão se reduz a aproveitar os antagonismos entre os dois bandos de potências imperialistas, e nada mais. Não cabe discussão alguma sobre a possibilidade de disfarçar tais acordos com consignas que reclamem ideais comuns, como, por exemplo, "defesa da democracia". Consignas que somente significam o mais infame engano aos trabalhadores. É essencial que os operários dos países capitalistas não se vejam atados na luta de classes contra sua própria burguesia por acordos empíricos firmados pelo Estado operário. Esta regra fundamental se observou rigorosamente durante o primeiro período de existência da República Soviética.

Apesar disso, se entre um Estado operário e um imperialista, incluindo a um fascista, se pode admitir acordos, e se é assim, sob quais condições, é uma questão que em sua forma abstrata perdeu todo o sentido na atualidade. Não se trata de um Estado operário em geral, mas de um Estado operário degenerado e putrefato. A natureza de um acordo, seus limites e objetivos, dependem diretamente dos que o assinam. O governo de Lênin se viu obrigado em Brest-Litovsk a chegar a um acordo temporário com os Hohenzollern com a finalidade de salvar a revolução. O governo de Stalin é capaz de chegar a acordos somente em função dos interesses da camarilha governante do Kremlin em detrimento dos interesses da classe operária internacional.

Os acordos entre o Kremlin e as "democracias" significaram para as respectivas seções da Internacional Comunista a renúncia à luta de classes, o estrangulamento das organizações revolucionárias, o apoio ao social-patriotismo e, em consequência, a destruição da revolução espanhola e a sabotagem à luta de classes do proletariado francês.

O acordo com Chiang Kai-Shek [na China] significou a liquidação imediata do movimento revolucionário camponês, a renúncia do Partido Comunista a seus últimos vestígios de independência e a substituição oficial do marxismo pelo sunyatsenismo. O semi-acordo com a Polônia significou a destruição



do Partido Comunista Polonês e o aniquilamento de sua condução. Qualquer acordo da camarilha do Kremlin com uma burguesia estrangeira se dirige imediatamente contra o proletariado do país com o qual conclui o acordo, como assim também contra o proletariado da URSS. O bando bonapartista do Kremlin não pode sobreviver senão debilitando, desmoralizando e derrotando o proletariado em qualquer lugar que este esteja sobre sua influência.

Na Grã-Bretanha, a Comintern está agitando atualmente a favor da criação de uma "frente popular" com a participação dos liberais. À primeira vista, dita política parece absolutamente incompreensível. O Partido Trabalhista é uma poderosa organização; se poderia entender facilmente que a social patriota Comintern desejasse aproximar-se dele. Porém, os liberais são uma força completamente comprometida e politicamente de segunda ordem. Além disso, estão divididos em vários grupos. Na luta por manter sua influência, os trabalhistas rechaçam naturalmente qualquer ideia de formar um bloco com os liberais, para não infectar-se com seu veneno gangrenoso. Estão se defendendo com bastante energia – por meio de expulsões – contra a ideia de uma "frente popular".

Por que então a Comintern não se limita a lutar por colaborar com os trabalhistas? Por que em contrapartida solicita invariavelmente a inclusão das tendências liberais do passado na frente única? O cerne da questão reside em que a política do Partido Trabalhista é demasiadamente radical para o Kremlin. Uma aliança entre os comunistas e os trabalhistas pode assumir um verniz de anti-imperialismo e tornaria, portanto, mais difícil uma aproximação entre Moscou e Londres. A presença dos liberais na "frente popular" significaria uma censura direta e imediata do imperialismo sobre as ações do Partido Trabalhista. Sob o manto desta censura, Stalin estaria em condições de prestar ao imperialismo britânico todos os serviços necessários.

O traço fundamental da política internacional de Stalin nos últimos anos foi este: faz negócios com o movimento operário como se negociasse com petróleo, manganês e outros bens. Não há nenhuma ponta de exagero no que afirmo. Stalin considera as seções da Comintern dos diferentes países e a luta pela liberação nacional das nações oprimidas como moeda de troca em seu tratamento com as potências imperialistas.

Quando necessita a ajuda da França, submete o proletariado francês à burguesia radical. Quando tem que apoiar a China contra o Japão, submete o proletariado chinês ao Kuomintang. Que faria no caso de um acordo com Hitler? Evidentemente, Hitler não necessita especificamente a ajuda de Stalin para estrangular o Partido Comunista Alemão. Ademais, toda a política precedente do PCA o levou a uma situação na qual se encontra reduzido. Porém, é muito provável que Stalin esteja de acordo em lhe cortar todos os subsídios para o trabalho ilegal na Alemanha. Esta é uma das concessões menores que teria que fazer, e estaria bem disposto a isso.

Deve-se supor também que se fará calar astutamente a ruidosa, histérica e vazia campanha contra o fascismo que a Comintern vem desenvolvendo durante os últimos anos. Chama a atenção que no dia 20 de fevereiro, quando nossa seção norte-americana mobilizou uma considerável massa de trabalhadores para lutar contra os nazis americanos, que os stalinistas tenham se negado categoricamente a participar na contramanifestação, que teria repercussões nacionais, e fizeram tudo o que estava ao seu alcance para minimizar sua importância, colaborando assim com os admiradores ianques de Hitler. O que há verdadeiramente por trás desta política traidora? É somente estupidez conservadora e ódio à Quarta Internacional? Ou há também algo novo; por exemplo, as últimas instruções de Moscou recomendando aos senhores "antifascistas" que calem a boca para não interferir nas negociações entre os diplomatas de Moscou e Berlim? Esta suposição não é de nenhuma maneira descabida. As próximas semanas o demonstrarão.

Podemos afirmar algo com certeza. O acordo entre Stalin e Hitler não alteraria essencialmente em nada o rol contrarrevolucionário da oligarquia do Kremlin. Só serviria para pôr a nu este rol, fazê-lo ressaltar mais nitidamente e acelerar o colapso das ilusões e falsificações. Nossa tarefa política não consiste em "salvar" Stalin dos abraços de Hitler, e sim derrubar a ambos.

NOTAS

A tradução deste texto foi cedida pela editora - Editorial Sobrado Verde – editorialsobradoverde@gmail.com Tradução: Anísio Garcez Homem Texto traduzido da versão espanhola digitalizada pelo CEIP (Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones "León Trotsky"), com sede na Argentina. O texto faz parte dos Escritos de Trotsky entre 1929-1940 que foram editados em livros, em 1977, pela desaparecida Editorial Pluma. A versão espanhola da Editorial Pluma é uma tradução a partir de "Writings", publicado em inglês pela editora Pathfinder.

COMBATER O IMPERIALISMO PARA COMBATER O FASCISMO

LEON TROTSKY

Em política, o mais importante e, na minha opinião, o mais difícil é definir por um lado as leis gerais que determinam a luta até a morte que se leva a cabo nos países do mundo moderno e, por outro, descobrir a combinação especial destas leis para cada país. Toda a humanidade atual, desde os operários britânicos até os nômades etíopes, vive atada ao jugo do imperialismo. Não há que esquecer isso nem um só minuto. Porém, isto não significa que o imperialismo se manifesta da mesma maneira em todos os países. Não. Alguns países são os condutores do imperialismo e outros, suas vítimas. Essa é a linha divisória fundamental dos estados e nações modernas. A partir dessa perspectiva, e somente dela, há que se considerar o problema tão complexo do fascismo e da democracia.

Para o México, por exemplo, democracia significa o desejo de um país semicolonial de escapar à dependência, de dar a terra aos camponeses, de elevar o nível cultural dos indígenas etc. Em outras palavras, os problemas democráticos no México são de caráter progressivo e revolucionário. E o que quer dizer democracia na Grã-Bretanha? A conservação do que existe. Sobretudo o domínio da metrópole sobre as colônias. O mesmo se aplica à França. Nesses dois países as bandeiras da democracia ocultam a hegemonia imperialista da minoria privilegiada sobre a maioria oprimida.

Do mesmo modo, tampouco podemos falar de fascismo "em geral". Na Alemanha, Itália e Japão o fascismo e o militarismo são armas de um imperialismo ambicioso, faminto e, portanto, agressivo. Nos países latino-americanos o fascismo é a expressão da dependência mais servil do imperialismo estrangeiro. Temos que ser capazes de descobrir, sob a forma política, o conteúdo econômico e social.

Em alguns círculos da intelligentsia se tornou popular a ideia da "unificação de todos os estados democráticos" contra o fascismo. Considero que essa ideia é fantasiosa, quimérica, apta somente a enganar as massas, especialmente os povos fracos e oprimidos. De verdade, alguém pode crer, ao menos por um instante, que Chamberlain, Daladier ou Roosevelt são capazes de declarar uma guerra para defender o princípio abstrato da "democracia"? Se o governo britânico amasse tanto a democracia teria concedido a liberdade à Índia. E o mesmo faria a França. A Grã-Bretanha prefere a ditadura de Franco na Espanha à dominação política dos operários e camponeses, porque Franco pode ser um agente do imperialismo britânico muito mais complacente e de confiança. Inglaterra e França não opuseram resistência para entregar a Áustria a Hitler, porém, inevitavelmente lhe declarariam guerra se ousasse tocar em suas colônias.

Conclusão: é impossível combater o fascismo sem combater o imperialismo. Os países coloniais e semicoloniais devem lutar antes de tudo contra o país imperialista que os oprime diretamente, ainda que carregue a máscara do fascismo ou da democracia.

Nos países latino-americanos, o melhor método de luta contra o fascismo, e o mais seguro, é a revolução agrária. O levante do General Cedillo ficou no ar porque o México deu passos importantes nesse sentido. Por outro lado, as cruéis derrotas dos republicanos na Espanha se devem a que o governo de Azaña, em aliança com Stalin, suprimiu a revolução agrária e o movimento independente dos trabalhadores. Nos países fracos e semicoloniais, uma política social conservadora, e mais ainda uma reacionária, significa trair, no mais amplo sentido da palavra, a independência nacional.

Os países coloniais e semicoloniais devem lutar antes de tudo contra o país imperialista que os oprime diretamente, ainda que carregue a máscara do fascismo ou da democracia

Perguntar-me-ão: como se explica que o governo soviético, surgido da Revolução de Outubro, esmague o movimento revolucionário na Espanha? A resposta é simples: uma nova casta burocrática privilegiada, muito conservadora, ávida e tirânica, conseguiu elevar-se por cima dos soviets. Essa burocracia não confia nas massas, teme-as. Busca aproximar-se das classes governantes, especialmente dos imperialistas "democráticos". Para provar que podem confiar nele, Stalin está disposto a desempenhar em todo o mundo o papel de polícia. A burocracia stalinista e sua agência, a Comintern, representam agora o maior perigo para a independência e o progresso dos povos fracos e coloniais.

Conheço muito pouco Cuba para permitir-me um julgamento independente sobre vossa pátria. Vocês podem julgar melhor que eu se as opiniões acima expressas se aplicam à situação de Cuba. No que me diz respeito pessoalmente, espero poder visitar a Pérola das Antilhas e conhecer mais de perto seu povo, ao qual envio, através deste jornal, minha saudação mais cálida e sincera.

NOTAS

A tradução deste texto foi cedida pela editora Editorial Sobrado Verde – editorialsobradoverde@gmail.com Tradução: Anísio Garcez Homem Texto traduzido da versão espanhola digitalizada pelo CEIP (Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones "León Trotsky"), com sede na Argentina. O texto faz parte dos Escritos de Trotsky entre 1929-1940 que foram editados em livros, em 1977, pela desaparecida Editorial Pluma. A versão espanhola da Editorial Pluma é uma tradução a partir de "Writings", publicado em inglês pela editora Pathfinder.

2ª parte

Os detratores de Lênin e do bolchevismo teimam em dizer que o stalinismo foi fruto do bolchevismo, sua "consequência inevitável". Enxergam no centralismo democrático de Lênin as sementes que deram vida à árvore monstruosa da ditadura stalinista. Nada mais falso!

Leon Trotsky, que foi capaz de dissecar cientificamente o fenômeno da degeneração stalinista da Revolução Russa, demonstra que o fato de que o stalinismo sucedeu o bolchevismo só pode ser corretamente compreendido de maneira dialética. Pois o stalinismo não sucedeu o bolchevismo como sua continuação, mas sim como a sua negação.

E a prova disso é o rio de sangue que separa o stalinismo do bolchevismo. Para que Stalin pudesse consolidar seu poder inquestionável, sua ditadura totalitária e impor o monolitismo no partido que havia sido o mais democrático e dinâmico da história humana foi necessário eliminar fisicamente todos os velhos bolcheviques! Camadas e camadas de quadros políticos forjados antes, durante e após a Revolução de Outubro foram exterminadas. De tal forma que o partido monolítico que emerge sob Stalin ao final da década de 1930 já é formado majoritariamente por ex-mencheviques das décadas anteriores.

Entre 1937 e 1938, Stalin desencadeou uma repressão sem precedentes na União Soviética, conhecida como o "Grande Terror". Centenas de milhares de comunistas foram executados, presos ou deportados sob as acusações mais absurdas. Quotas de mortes eram estabelecidas por Moscou e frequentemente superadas pelas autoridades locais em busca de aprovação política.

Para acelerar as condenações, Stalin criou estruturas repressivas como as "troikas" (grupos de três oficiais) e "dvoikas" (grupos de dois), que realizavam julgamentos simplificados. As prisões superlotadas eram "desafogadas" por execuções em massa. A lógica era clara: eliminar o máximo de pessoas no menor tempo possível.

Milhares de comunistas foram fuzilados, olhando nos olhos dos seus camaradas que disparavam os fuzis, recebendo as balas enquanto, com o punho erguido, cantavam A Internacional!

O massacre atingiu não apenas opositores reais ou imaginários, mas também membros do Partido Comunista, minorias étnicas (poloneses, alemães soviéticos, letões, entre outros) e até mesmo os próprios agentes do NKVD. Denúncias falsas e torturas eram usadas para fabricar confissões absurdas e justificar as mortes. O clima paranoico instaurado por Stalin transformou todos em suspeitos potenciais, incluindo os executores da repressão.

Stalin justificava essas ações como uma forma de prevenir a formação de uma "quinta coluna" interna que pudesse colaborar com inimigos externos. Mas o verdadeiro objetivo era consolidar seu poder pessoal ao eliminar antigos aliados revolucionários e promover uma nova geração burocrática leal ao regime.

Nada disso foi um raio em céu azul. Já em 1926, numa reunião da oposição unificada, quando o stalinismo ainda estava longe de se consolidar como poder totalitário e ainda existia uma série de oposições de direita e de esquerda dentro do partido, Krupskaya – que havia sido a companheira de Lênin por toda a vida – disse que se Lênin estivesse vivo naquele momento, provavelmente estaria numa das prisões stalinistas!

População derrubaa estátua de Stalin na revolução Húngara de 1956. | Reprodução

De fato, em 1940, após o assassinato de Trotsky por um agente stalinista, de todos os membros do Comitê Central de 1917 apenas Stalin e Kolontai permaneciam vivos. A maioria foi fuzilada. Os velhos bolcheviques que dirigiram a Revolução de Outubro foram acusados por Stalin de serem espiões de potências imperialistas e condenados à morte.

Como disse Leon Sedov (dirigente da Oposição de Esquerda, um dos filhos de Trotsky assassinado por agentes stalinistas em 1938), se as acusações de Stalin fossem verdadeiras, todos os membros do Bureau Político de Lênin seriam assassinos, bandidos e espiões, o que invalidaria a própria Revolução de Outubro e o bolchevismo.

Mas não foram apenas os bolcheviques contemporâneos a Lênin que foram perseguidos e mortos. A dinâmica de perseguição e repressão do regime stalinista era tal que obrigava a cortar na própria carne. Os executores da geração anterior eram executados por novos executores da geração seguinte. Qualquer um que mostrasse algum sinal de insatisfação em relação à direção do partido ou do Estado, era "descoberto" como um espião a serviço dos alemães ou como um "trotsquista" – o que era o mesmo que uma sentença de morte.

Assim, os próprios stalinistas que seguiam fielmente a Stalin iam sendo tragados pelo estômago sedento de sangue do Terror Stalinista. Para se ter uma ideia, já em 1934, quando não existia mais oposição na URSS, foi eleito um Comitê Central no 17º Congresso do Partido Comunista. Todos os delegados eleitos para este congresso eram stalinistas que não ousavam questionar uma vírgula da política ditada por Stalin. E eram todos dirigentes de um aparato de centenas de milhares de militantes. Ainda assim, dos 1.966 delegados deste congresso, 1.108 haviam sido fuzilados menos de quatro anos depois! E dos 139 membros do Comitê Central eleitos neste congresso, 98 foram executados!

No texto que publicamos a seguir, assinado por Vadím Rogóvin, podemos ver como este processo de eliminação se dava na prática. Rogóvin foi um sociólogo e historiador marxista russo, Ph.D. em Filosofia e pesquisador-chefe do Instituto de Sociologia da Academia Russa de Ciências até sua morte em 1998. Rogóvin nasceu em 1937 (ano do "Grande Terror" stalinista) e, portanto, não vivenciou diretamente nada disso, mas como historiador teve acesso aos arquivos secretos da URSS que começaram a ser abertos na década de 1980. É com base direta nas fontes originais, nos documentos oficiais, atas, relatórios que foram mantidos em sigilo por mais de 50 anos, que Rogóvin escreveu toda sua obra historiográfica. A obra de Rogóvin tem um valor inestimável não apenas por investigar nas fontes originais da URSS, mas por contrapor de maneira científica toda a indústria de propaganda soviética que distorceu os registros históricos de maneira brutal durante décadas.

Os outros textos de Trotsky a seguir complementam o texto de Rogóvin à medida que, escritos ainda sob o calor dos acontecimentos, tratam de como as purgas e assassinatos stalinistas atingiram não apenas as camadas políticas da cúpula do partido e do Estado, mas também sua ala militar, enfraquecendo de maneira perigosíssima o Exército Vermelho às vésperas da Segunda Guerra Mundial. O que reforça a tese de que a vitória dos soviéticos sobre os nazistas ao final se deu apesar de Stalin e não por qualquer mérito de sua "liderança".

A Redação

O GRANDE TERROR

VADÍM ROGÓVIN

NOS BASTIDORES DO POLITBURO

No *plenum* do Comitê Central de 10 de fevereiro de 1934, foi eleito um Politburo composto por dez membros (Stalin, Molotov, Kaganovitch, Vorochilov, Kalinin, Ordjonikidze, Kuibyshev, Kirov, Andreev e Kossior) e cinco suplentes (Mikoian, Tchubar, Petrovski, Postychev, Roudzoutak). Essa lista, que segue a ordem do comunicado, reflete bem qual era a posição de cada um na hierarquia e sua popularidade no partido e no país (ou, mais exatamente, a popularidade que a propaganda oficial lhe atribuía).

Não houve nenhuma modificação na composição desse Politburo antes de 1937, exceto no *plenum* de 1935, quando Mikoïan e Tchubar foram eleitos membros, e Jdanov e Eikhe, suplentes. Antes do *plenum* de fevereiro-março de 1937, o Politburo contava com nove membros (Kirov, Kuibyshev e Ordjonikidze haviam morrido) e cinco suplentes. Dois membros e três suplentes foram vítimas dos expurgos, o suplente Petrovski foi destituído, os demais membros foram reeleitos no XVIII Congresso e Jdanov tornou-se membro titular após o XVIII Congresso.

Muitas obras estrangeiras sobre o Grande Expurgo explicam que os membros e suplentes vítimas das repressões faziam parte de um "grupo liberal" que teria tentado se opor ao terror stalinista. Por exemplo, Avtorkhanov afirma que Kossior, Tchubar, Roudzoutak e Postychev se posicionaram junto com Ordjonikidze contra o julgamento de Rykov e Bukharin[1]. No entanto, as fontes que se tornaram acessíveis recentemente mostram que essa explicação não tem fundamento. A "seleção" de Stalin se explica por outras razões, e muito provavelmente por sua desconfiança em relação aos "estrangeiros". Postychev era o único russo entre as cinco vítimas. Roudzoutak e Eikhe eram letões, Kossior, polonês, e Tchubar, ucraniano. Eles nunca fizeram parte do círculo próximo de Stalin e, com exceção de Roudzoutak (e, a partir de 1934, de Tchubar), não participaram da atividade cotidiana da liderança do Kremlin, pois não estavam em Moscou. Em 1937, Eikhe e Kossior foram transferidos para Moscou, mas foram presos alguns meses depois e expulsos do partido sem a menor consulta formal aos membros do Comitê Central.

Eikhe foi nomeado comissário da Agricultura em outubro de 1937 e recebeu a aprovação de Stalin ao intervir no *plenum* de 1938. No entanto, foi preso em 29 de abril de 1938.

Kossior foi nomeado, em janeiro de 1938, vice-presidente do Conselho dos Comissários do Povo e presidente da comissão de controle desse conselho. No entanto, em abril foi destituído de todas as suas funções e preso em maio. Não houve, a esse respeito, nenhuma decisão do Politburo nem troca de opiniões entre seus membros[2].

Uma das possíveis causas de sua prisão foi ter cometido um erro inadmissível aos olhos de Stalin: ele tentou interceder em favor de seu irmão Vladimir, um trotskista insubmisso que estava deportado desde 1928. No início de 1936, Vladimir enviou uma carta furiosa ao irmão exigindo a libertação de sua esposa, que havia sido presa recentemente. Kossior repassou a carta a Iejov para que ele analisasse o caso. Quando soube disso, Stalin ficou profundamente indignado por "Kossior achar que poderia se envolver nessa manobra de chantagem"[3].

Vlas Tchubar, por sua vez, foi promovido, em janeiro de 1938, ao cargo de primeiro vice-presidente do Conselho dos Comissários do Povo. Em 16 de junho de 1938, o Politburo adotou uma resolução que dizia:

"Ao considerar que as declarações de Kossior, Eikhe, T. Tchubar (o irmão de Vlas Tchubar), assim como as de Roudzoutak e Antipov, levantam dúvidas sobre Vlas Tchubar, o Politburo do CC não considera possível mantê-lo entre seus membros nem no cargo de vice-presidente do Conselho dos Comissários do Povo; considera que é apenas possível atribuir-lhe uma função provisória na província."

No dia seguinte, o Politburo adotou outra resolução nomeando-o responsável pela construção do complexo de celulose de Solikamsk[4].

Khrushchov, que assistiu à última conversa telefônica de Stalin com Tchubar, relatou que Stalin disse, em seguida, ao seu círculo próximo: "'Tchubar chora, ele está preocupado, quer provar sua honestidade', e realmente parecia lamentar e ter compaixão de suas preocupações. E fiquei muito surpreso quando, no dia seguinte, Tchubar foi preso"[5].

Os membros e suplentes do Politburo vítimas das repressões sempre se destacaram, antes de sua prisão, por uma obediência inabalável e asseguravam ao tribunal seu total acordo com a política de Stalin, que chamavam, como de costume, de política do partido. "Eu, pessoalmente", declarava Roudzoutak, "nunca tive nenhum pensamento contra a política do nosso partido." Eikhe dizia que morreria "com a mesma fé na justeza da política do partido que sempre teve durante toda a sua atividade"[6].

Uma das possíveis causas de sua prisão foi ter cometido um erro inadmissível aos olhos de Stalin: ele tentou interceder em favor de seu irmão Vladimir, um trotskista insubmisso que estava deportado desde 1928

Petrovski foi o único membro do Politburo a ser destituído de suas funções de liderança e, ao mesmo tempo, a escapar da repressão. Em janeiro de 1938, foi eleito vice-presidente do Soviete Supremo e, um mês depois, em comemoração aos seus 60 anos, foi condecorado com a Ordem de Lênin. No entanto, ele caiu em desgraça pouco depois, aparentemente porque seu filho e seu genro haviam sido presos e seu segundo filho, comandante de corpo de exército, fora expulso do exército. Em 1939, Petrovski foi destituído de todas as suas funções e ficou um ano sem trabalho até que seu velho camarada Samoïlov, diretor do Museu da Revolução, lhe ofereceu o cargo de vice-diretor.

Segundo Khrushchov, ele escapou da repressão porque "depois da revolução, não era mais considerado no partido como um organizador ativo. Ele desempenhava, por assim dizer, o papel de um ícone. Assim, Petrovski não representava nenhum perigo para Stalin e, portanto, foi o suficiente escondê-lo no Museu da Revolução"[7].

A LIQUIDAÇÃO DO COMITÊ CENTRAL

Os historiadores que buscam a origem do Grande Terror nas instituições do partido durante o período de Lênin se referem com mais frequência à resolução "Sobre a unidade do partido", adotada no X Congresso do Partido Comunista da Rússia (bolchevique). É indiscutível que essa resolução, elaborada nas condições extremas da revolta de Kronstadt, reduziu consideravelmente a democracia dentro do partido. Trata-se, em particular, do parágrafo 7, que concede ao Comitê Central o direito de aplicar aos seus membros "toda medida disciplinar, incluindo a exclusão para aqueles que infringirem a disciplina do partido, criarem frações ou as tolerarem".

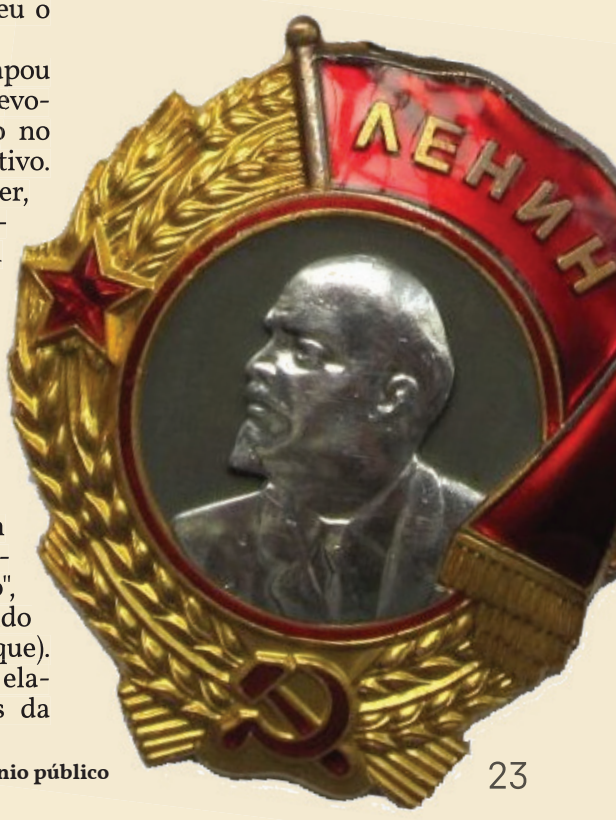
Em seu discurso de conclusão, Lênin havia dito claramente diante do congresso que este parágrafo contradizia os estatutos do partido e o princípio do centralismo democrático. Ele expressou a esperança de que essa medida extrema, provocada pela ameaça de divisão do partido em diferentes facções, não fosse aplicada[9].

É, evidentemente, ninguém poderia imaginar que este parágrafo um dia permitiria excluir e ainda mais eliminar a grande maioria dos membros do Comitê Central.

"DESOBSTRUIR OS CAMINHOS"

Para justificar as purgas de 1936-1937 no Comitê Central, Molotov afirma que tudo estava conforme os estatutos do partido e o princípio do centralismo democrático. "Não havia nenhuma disposição prevista para que a minoria excluísse a maioria", dizia ele. "Isso foi feito gradualmente. Setenta excluíram dez ou quinze, depois sessenta excluíram mais quinze... No final, restou no CC apenas uma minoria dessa maioria... Foi um processo gradual, embora bastante rápido, para desobstruir os caminhos"[10].

Apesar dessas considerações sofisticadas, o "desobstruir os caminhos", ou seja, a liquidação da maioria do Comitê Central, não ocorreu sem muitas violações, especialmente no que diz



Ordem de Lênin - Domínio público

respeito ao modo de exclusão mencionado na resolução, ou seja, o necessário debate no plenum. Na realidade, apenas o caso de Bukharin e Rykov foi examinado em dois *plenums*.

Após o *plenum* de fevereiro-março de 1937, a exclusão de membros do Comitê Central era feita por consulta, seguida de votação sobre listas. Nos *plenums* de junho de 1937, outubro de 1937 e janeiro de 1938, 36 membros e 39 suplentes foram excluídos por listas, ou seja, mais da metade do CC[11]. Vários haviam sido presos antes da votação.

O *plenum* de julho ratificou a exclusão de 8 membros ou suplentes que haviam sido presos em abril-maio de 1937. Além disso, desde o primeiro dia dos trabalhos, 26 outros foram excluídos e mais 5 nos dias seguintes.

Alguns dos excluídos já haviam sido afastados de suas funções muito antes (Tchudov em julho de 1936, Kalmanovitch em abril de 1937). Outros foram presos alguns dias antes da abertura do *plenum* (Koubiak, Roumianets, Unschlicht) ou durante os trabalhos (Soulimov, Sedelnikov, Struppe). Alguns permaneceram em suas funções por um tempo após o plenum. Lavrentiev foi destituído em julho de 1937, Lioubimov em setembro e Antipov em janeiro de 1938.

No *plenum* seguinte, em outubro, um novo regime de acesso foi implementado. Assim, Boubnov e Zatonksi não puderam entrar no Kremlin, apesar de seus passes do Comitê Central. Foi o guarda da KGB que lhes informou sobre o novo regulamento: para participar, era necessário um cartão especial além do passe. Boubnov voltou então para seu comissariado do povo, onde soube pelo rádio que havia sido destituído de suas funções por "insuficiência profissional", fórmula também usada para outros membros do Comitê Central[12]. Ele seria excluído do partido e preso em dezembro de 1937. Quanto a Zatonksi, ele retornou à Ucrânia, onde foi preso em 1938.

Em 11 de outubro, o *plenum* examinou a questão da campanha eleitoral para o Soviet Supremo.

No dia seguinte, os debates sobre o segundo ponto da ordem do dia, "a composição do Comitê Central", se resumiram à intervenção de Stalin, que anunciou "a saída e a prisão" de 8 membros e 16 suplentes desde o *plenum* de julho.

> *'"Após o exame de todos os processos e a verificação dos arquivos', declarou ele com seu estilo peculiar, 'ficou claro que essas pessoas eram inimigos do povo. Se não houver perguntas, proponho (sic) que tomemos nota desta informação.'"*

No entanto, no *plenum* de outubro, Stalin deu um "presente" a alguns dos suplentes sobreviventes. Ele propôs promover dez deles. Como a lista dos suplentes eleitos no XVII Congresso havia sido constituída por votação majoritária, ele sugeriu eleger membros os dez primeiros da lista.

Após a intervenção de Stalin, Khrushchov propôs eleger mais quatro, que haviam "realizado um grande trabalho". Após a votação das propostas de Stalin e Khrushchov, passou-se ao próximo ponto[13].

O *plenum* de janeiro de 1938 ratificou a exclusão de 13 outros membros e suplentes presos após o *plenum* de outubro. A maioria deles havia sido excluída por consulta entre 4 e 8 de dezembro de 1937, com listas do Politburo que mencionavam as prisões e solicitavam aos membros que as ratificassem. No ato da ata do *plenum* de janeiro, essa medida foi justificada da seguinte forma:

> *"Com base em dados irrefutáveis, o plenário do CC do PCR(b) reconhece a necessidade de excluir de seus quadros os seguintes membros como inimigos do povo e de colocá-los em estado de prisão: Bauman, Boubnov, Bouline, V. Mejlaouk, Roukhimovitch e Tchemov, desmascarados como espiões alemães, V. Ivanov e I. Iakovlev, desmascarados como espiões alemães e agentes da Okhrana tsarista, M. Mikhaïlov, que estava em contato em suas atividades contrarrevolucionárias com Iakovlev, e Ryndine, em contato em suas atividades contrarrevolucionárias com Rykov e Soulimov. O secretário do comitê central, I. Stalin."*[14]

Dois deles, Tchernov e Ivanov, foram citados no julgamento do "bloco dos trotskistas e dos direitistas", mas aparentemente não se obteve nenhuma confissão dos outros. Bauman, destituído em abril de 1937, foi preso em 12 de outubro e morreu alguns dias depois na prisão de Lefortovo. Ele seria excluído do Comitê Central postumamente.

"É PRECISO EXTERMINAR TODOS ESSES CANALHAS, TODAS ESSAS IMUNDÍCIES"

Durante a votação de dezembro, A. Egorov havia inscrito em sua lista de consulta:

> *"É preciso exterminar todos esses canalhas, todas essas imundícies, como as mais ignóbeis víboras, como a mais repugnante praga."*[15]

Mas isso não o salvou. Sobre ele, Stalin enviou, em 28 de fevereiro de 1938, a seguinte carta aos membros e suplentes do Comitê Central:

"Considerando que o camarada Egorov, como mostrou seu confronto com os conspiradores presos Belov, Griaznov, Grinko e Sediakine, se mostrou politicamente muito mais comprometido do que se poderia imaginar antes do confronto e considerando que sua esposa, nascida Tsechkovskaïa, com quem Egorov viveu em perfeita harmonia, se revelou ser uma espiã polonesa desde há muito tempo, como consta de suas próprias confissões, o CC do PCR(b) e o Conselho dos Comissários do Povo decidiram destituir o camarada Egorov de suas funções de comandante da região militar da Transcaucásia e revogá-lo do exército. Portanto, o Politburo do CC do PCR(b) reconhece a necessidade de excluir o camarada Egorov dos suplentes do CC do PCR(b)".[16] Poucos dias depois, Egorov foi preso. Ele foi acusado, entre outras coisas, de ter estabelecido em 1919 "ligações criminosas" com Trotsky e de ter preparado em 1920 (!) um ato terrorista contra Stalin.[17]

Egorov foi preso. Ele foi acusado, entre outras coisas, de ter estabelecido em 1919 "ligações criminosas" com Trotsky e de ter preparado em 1920 (!) um ato terrorista contra Stalin

Após o *plenum* de janeiro, nenhum outro será convocado até o XVII Congresso (em março de 1939). Em 1938, 14 membros e 11 suplentes foram excluídos por consulta. Para outros 7, nem mesmo essa formalidade foi respeitada.

Entre 1936 e 1940, 44 membros dos 71 eleitos no XVII Congresso e 55 suplentes dos 68 foram vítimas da repressão. Mais de 80% deles tinham menos de 50 anos no momento de sua prisão, ou seja, estavam no auge da sua força.

Entre o XVII e o XVIII Congresso, a composição do comitê central foi

reduzida a 108 pessoas, ou seja, 78%. Cinco morreram de morte natural (Kouïbychev, Menjinski, Kroupskaïa, Tovstoukha e Steinhart), dois de morte violenta (Kirov e Ordjonikidze). I. Kossior teria morrido em um sanatório na região de Moscou em 3 de julho de 1937.

Mas essa morte prematura, poucos dias após o *plenum* de julho que anunciava uma nova onda de repressões, leva a crer que ele se suicidou, assim como o fato de não ter sido enterrado na Praça Vermelha. Três se suicidaram antes de sua prisão (Tomski, Gamarnik e Lioubtchenko); oficialmente, explicou-se que eles "estavam envolvidos em assuntos criminosos".

Na abertura do XVIII Congresso, restavam apenas 31 membros titulares e suplentes no comitê central. Dentre eles, sete não foram reeleitos, dos quais cinco (Petrovski, Krjijanovski, Broïdo, Tchouvyrine e Schwarz) foram afastados da direção ou colocados na aposentadoria, e dois (Iourkine e Zaveniaguine) foram reintegrados no XIX e no XX Congresso.

Assim, restaram apenas 24 dos eleitos no XVII Congresso no comitê central. Posteriormente, quatro morreram de morte violenta. Michel Kaganovitch, acusado de espionagem, se suicidou em 1º de julho de 1941. Lozovski será condenado durante o julgamento do Comitê Judeu Antifascista e fuzilado em 1952. Beria e Baguirov serão condenados à pena capital após a morte de Stalin.

Dos 20 restantes, oito morreram antes da morte de Stalin: Nikolaïeva (a única ex-opositora que permaneceu no comitê central), Kalinin, Jdanov, Litvinov, Mekhlis, Badaev, Weinberg e Makarov. Após a morte de Stalin, faleceram Manouilski (1959), Poskrebychev (1965), Vorochilov (1971), Boudionny (1973), Boulganine (1975), Mikoïan (1978), Molotov (1986) e Kaganovitch (1991).

Entre os membros do comitê central eleitos no XVII Congresso, 15 foram reeleitos no XIX, 11 no XX, 4 no XXII (Boudionny, Mikoïan, Khrouchtchev e Chvernik), 4 no XXIII (Boudionny, Vorochilov, Mikoïan e Chvernik) e 2 no XXIV (Boudionny e Mikoïan).

A maioria dos membros titulares e suplentes vítimas da repressão (89 pessoas) foi reabilitada entre 1954 e 1961. As reabilitações dessas décadas geralmente não envolviam as vítimas dos processos de Moscou (Piatakov, Sokolnikov, Boukharine, Rykov, Rosenholtz, Tchernov), que só foram reabilitadas em 1988.

Dois membros do comitê central foram condenados à morte no julgamento do "centro trotskista antissoviético" em 1937, oito no do "bloco dos trotskistas e dos direitistas" e três no julgamento à porta fechada dos chefes militares. A execução de Enoukidze e de Cheboldaev foi oficialmente divulgada em uma informação sobre um julgamento à porta fechada, que teria ocorrido em dezembro de 1937. Na realidade, eles haviam sido fuzilados sem julgamento em 30 de outubro do mesmo ano.

A prisão e o destino dos outros membros e suplentes do comitê central não eram comunicados oficialmente. Por isso, no Ocidente, eles não eram mencionados como fuzilados, mas como "desaparecidos". A opinião pública não podia imaginar toda a ferocidade das repressões organizadas por Stalin nos altos escalões da liderança.

Mais da metade dos membros e suplentes vítimas das repressões foram fuzilados em grupo. Doze em 30 de outubro de 1937, sete em 27 de novembro de 1937, cinco em 10 de fevereiro de 1938, nove em 28 de julho de 1938 e sete em 25 e 26 de fevereiro de 1939[18].

A existência do partido e de seus órgãos eleitos só faz sentido na elaboração coletiva das grandes decisões políticas, sob a forma de debates em todas as assembleias do partido, onde os diferentes pontos de vista e plataformas alternativas sejam discutidos livremente

Outras instâncias do partido também foram submetidas a purgas implacáveis. Entre 1937 e 1938, 18 dos 22 membros da Comissão Central de Controle foram presos e condenados, e quase a metade (29 de 61) dos membros da comissão de controle do partido[19].

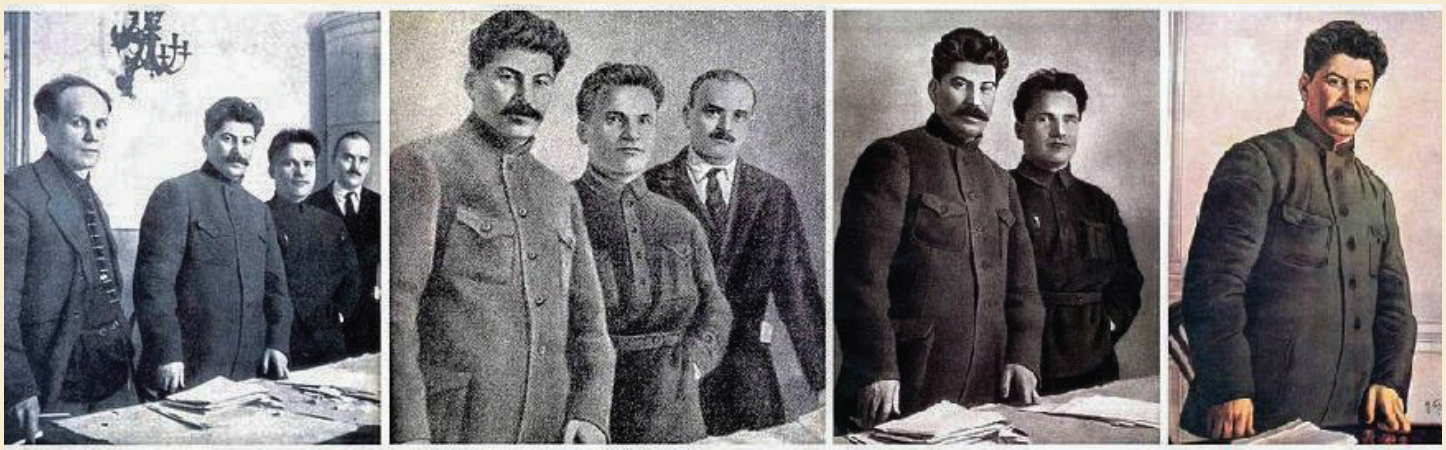
Uma questão se coloca, no entanto: por que os membros e suplentes do comitê central, que tinham a possibilidade, mesmo que formal, de se opor às repressões, não conseguiram evitá-las?

"ELE TERIA SE DEIXADO FUZILAR?"

Um começo de resposta será fornecido no *plenum* de julho de 1957, onde alguém disse:

> *"Se o plenum tivesse realmente participado da direção do partido, ele teria se deixado fuzilar?"*[20]

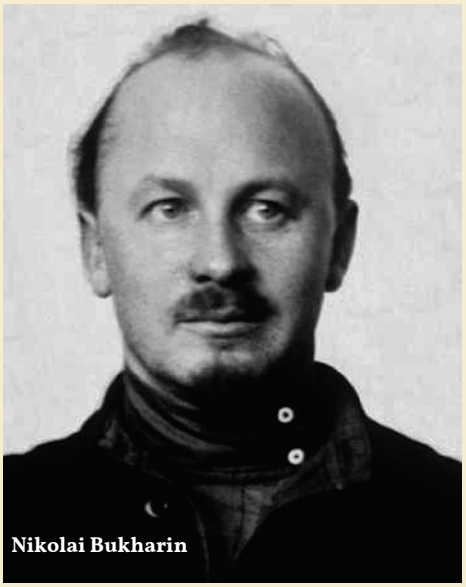
A existência do partido e de seus órgãos eleitos só faz sentido na elaboração coletiva das grandes decisões políticas, sob a forma de debates em todas as assembleias do partido, onde os diferentes pontos de vista e plataformas alternativas sejam discutidos livremente. Mesmo em plena guerra



A imagem mostra como, com o tempo, cada um dos camaradas de Stalin da cena original foram removidos à medida que eram executados.

Lazar Kaganovich

Sergo Ordjonikidze


Nikolai Bukharin

civil, ou seja, nas condições mais desfavoráveis, o debate nunca cessou em torno de todas as questões-chave da política interna e externa. Considerava-se normal que houvesse facções e regroupamentos dentro do partido. A Oposição de Esquerda, que se constituiu em 1923, tentou renovar essa experiência. Em resposta, o grupo de direita decidiu perpetuar a proibição das facções, utilizando o parágrafo 7 da resolução do X Congresso ("Sobre a unidade do partido"), que foi divulgado pela primeira vez na XIII Conferência do partido, em janeiro de 1924. A partir de então, a batalha contra todas as oposições será a do "monolitismo" contra o "partidarismo".

Todos aqueles que manifestavam seu espírito crítico foram removidos do Comitê Central nas décadas de 1920 e início dos anos 1930. No entanto, até 1937, o comitê central permaneceu uma instituição com a qual Stalin ainda precisava contar até certo ponto e que ao menos deveria ratificar as decisões de prisão de seus próprios membros. Para alcançar completamente o ideal stalinista de "monolitismo", era necessário liquidar de fato o antigo Comitê Central, substituindo-o por novas pessoas, cuja submissão a Stalin fosse garantida em todas as circunstâncias.

Durante os anos do totalitarismo stalinista, a hierarquia dos órgãos do partido foi praticamente invertida em relação ao que deveria ser de acordo com os estatutos. Nos tempos de Lênin, a estrutura hierárquica era a seguinte: o Congresso do partido, o *plenum* do Comitê Central, o Politburo, o bureau de organização e o secretariado. As questões mais importantes eram tratadas pelos congressos e *plenums*, e geravam acaloradas discussões na imprensa. As polêmicas eram muito intensas, mas os comunistas nunca se permitiam ofensas pessoais. A situação mudou imediatamente após a morte de Lênin: a atmosfera dos congressos e dos *plenums* se tornou abertamente insalubre e a polêmica perdeu todo o espírito de camaradagem.

Desde 1923-1924, o Politburo se transformou em um super-governo hipertrofiado e passou a exercer as funções de legislador supremo do país (essa situação se manteria até os últimos anos da "perestroika" de Gorbatchov). Assim, não era mais o partido nem o Comitê Central que definia a "política do partido", mas um grupo muito pequeno de dirigentes.

No meio da década de 1930, o Politburo examinava a cada sessão dezenas, até centenas de questões, das quais a maioria era submetida à votação. No entanto, como os membros não podiam nem sequer pensar em entrar nos detalhes, as decisões eram preparadas pelo aparato dos funcionários do Comitê Central, cujo papel aumentava constantemente. As questões mais importantes passavam pelo secretariado pessoal de Stalin.

Somente uma pequena parte das decisões adotadas pelo Politburo, pelo bureau de organização e pelo secretariado do Comitê Central eram publicadas na imprensa. As outras permaneciam estritamente confidenciais.

Na verdade, os *plenums* só ratificavam as decisões preparadas pelo aparato e aprovadas pelo Politburo. Após 1929, já não havia mais nenhuma discussão e todas as decisões eram votadas por unanimidade. Apenas as resoluções dos plenários eram publicadas, às vezes os relatórios que eram lidos neles e, muito raramente, as intervenções nos debates. Quanto aos estenogramas dos congressos, eles eram publicados na íntegra, mas os próprios congressos haviam adquirido um caráter de ritual incantatório, e as intervenções se resumiam aos relatórios dos burocratas e aos elogios circunstanciais à "linha geral". Assim começou a funcionar a lei segundo a qual, quanto menos um órgão do partido realmente dirigia, mais secreta era sua atividade.

Durante a grande purga, os direitos do Comitê Central e de seus membros foram ainda mais reduzidos. Nos anos seguintes ao XVII Congresso, os membros "de base" podiam assistir às sessões do Politburo sem participar das discussões. Eles não eram admitidos nas sessões a portas fechadas, mas podiam tomar conhecimento das decisões secretas adotadas (isso era chamado de "dossiê especial"). Após a grande purga e até a liquidação do partido em 1991, a grande maioria dos membros do Comitê Central nunca assistia às sessões do Politburo, embora, de acordo com os estatutos, este fosse subordinado ao Comitê Central. O acesso às informações também foi consideravelmente restrito. "Não meter o nariz nos assuntos dos outros", esse era o comando tácito, a regra inevitável para todo burocrata de alto escalão.

Como relata Khrushchov, "por volta de 1938, a antiga democracia no CC já estava fortemente corroída. Por exemplo, eu, como suplente do Politburo, não recebia os materiais de nossas sessões. Após o terrível ano de 1937, eu nem sabia exatamente a quem eles eram enviados. Eu recebia apenas os que Stalin achava conveniente divulgar"[21].

"DE ONDE VÊM ELES? DO CLUBE DE TROTSKY"

Tudo isso mostra qual era o papel lamentável dos membros e suplentes "de base", que eram governados antes de qualquer outra consideração pelo medo de se encontrarem na lista dos proscritos. Encontra-se um

testemunho de seu estado de espírito nas memórias do escritor Avdeïenko, que era correspondente da Pravda no Donbass, em 1937. Sarkissov, suplente do Comitê Central e secretário do comitê do partido de Donetsk, lhe confidenciou durante uma conversa:

> *"Em nossa região, no Donbass, não há uma única empresa, nem um kolkhoz, sovkhoz ou qualquer outra instituição onde não atuem bandidos políticos com carteiras do partido no bolso.*
> *— E de onde vêm eles, então?*
> *— De onde vêm? Do clube de Trotsky. Os antigos herdeiros e os rejeitados de hoje. Aqueles que leem às escondidas o Boletim da Oposição (*), de Trotsky."*[22]

Sarkissov tinha motivos particulares para temer as repressões de Stalin: ele era o único eleito do XVII Congresso (exceto Piatakov, executado em janeiro de 1937) a ter sido expulso do partido em 1927 por participação ativa no "bloco de oposição".

Mas Pramnek, o suplente que substituiu Sarkissov em maio de 1937 e que nunca havia participado de nenhuma oposição, estava igualmente preocupado. Avdeïenko conta da seguinte maneira uma conversa que teve com ele:

> *"'Como vai o seu trabalho no Donbass?', perguntei. Ele deu de ombros com um gesto de impotência.*
> *'Com quem trabalhar? Todos os primeiros e segundos secretários dos comitês municipais e distritais se revelaram inimigos do povo. Quase todos os membros do bureau foram condenados. Os diretores de empresas eram saboteadores ou espiões. Os engenheiros chefes, os operários especializados e até os médicos-chefes das policlínicas e hospitais também faziam parte dos traidores. As pessoas honestas se contam nos dedos de uma mão. É preciso se esforçar para distinguir as pessoas corretas da escória fascista.'"*

Lançado nessa caça insensata aos "inimigos do povo", Pramnek apressava-se em demonstrar sua vigilância diante de seu interlocutor, com medo de deixar escapar uma palavra imprudente.

Este trecho reflete o medo constante e a autocensura que os indivíduos experimentavam durante o período das purgas stalinistas, quando qualquer comentário ou gesto podia ser interpretado como uma ameaça ao regime. A paranoia era tão intensa que até uma conversa trivial podia ser vista como um risco.

Ao descobrir as regras do jogo, aceitas tacitamente em sua conversa com Pramnek, Avdeïenko escreveu:

> *"Pramnek e eu estávamos paralisados de medo diante das repressões que varriam o país, mas fazíamos de tudo para esconder um do outro nossos sentimentos, para que, acima de tudo, ninguém pensasse que o outro tivesse algo a se reprovar. Escondíamos nosso pânico atrás de um discurso ultranacionalista grandiloquente. Pois era necessário. O instinto de sobrevivência exigia a perda de toda consciência humana."*[23]

A paranoia era tão intensa que até uma conversa trivial podia ser vista como um risco

O quadro apresentado por Avdeïenko nos mergulha de volta na atmosfera do ano de 1937. Os interlocutores, mesmo em uma conversa particular, escondem mutuamente seus verdadeiros pensamentos e tormentos, utilizando clichês jornalísticos e ofensas de vendedores ambulantes. Eles só têm em mente a senha tácita da época stalinista: "Era necessário." Em outras palavras, era preciso se submeter às exigências e proibições estabelecidas, sem questionar sua legitimidade. E o jornalista, assim como o secretário de partido, se veem dominados pelo medo de seu destino pessoal e camuflam esse medo sob os anátemas da moda contra os "inimigos do povo". Eles sabem que, se não esconderem seu medo, seu interlocutor se perguntará se não têm boas razões para temê-lo.

Mas o suplente do Comitê Central tem ainda mais medo do que o comum dos mortais. Ele se dá conta confusamente de que a caça está aberta, antes de tudo, contra os políticos de seu nível. A principal condição para sua sobrevivência, ele vê, é a demonstração constante de sua devoção pessoal a Stalin.

O ABANDONO DA ECONOMIA

A caça obstinada aos "inimigos do povo" criava uma espécie de círculo vicioso. Ela desviava a atenção dos dirigentes do partido da gestão da economia nacional, o que, por sua vez, fazia com que o abandono da economia gerasse novas dificuldades, fracassos e catástrofes, e então buscava-se novos bodes expiatórios.

"A indústria do Donbass não cumpre os planos do Estado, nem para a fundição, nem para o aço, nem para o carvão, nem para a química, nem para as máquinas-ferramenta", conclui Avdeïenko após sua conversa com Pramnek. "Uma grande região está trabalhando este ano pior do que em 1936. A produtividade caiu. Mas a quebra da frente de trabalho preocupa menos o novo secretário do que a ruptura da frente ideológica dos quadros. Basta descobrir os inimigos do povo e substituí-los por pessoas da estatura de Stalin, e todo o resto será resolvido"[24].

Qual era realmente o estado de espírito dos membros do Comitê Central antes e depois da sua prisão? Infelizmente, temos muito poucos testemunhos a esse respeito. É evidente que eles eram mantidos ainda mais isolados do que os outros detidos, ou que eram trancados com seus semelhantes (os titulares e suplentes vítimas das repressões foram todos fuzilados sem exceção).

Um dos raros testemunhos que temos é o de M. Schreider, que era, em 1938, vice-presidente do comissariado para os Assuntos Estrangeiros do Cazaquistão. Ele se lembra de que, na manifestação do 1º de Maio, havia muitos retratos de Mirzoïan, o primeiro secretário do Comitê Central do partido da república. Um ou dois dias depois, uma diretiva de Stalin chegou a Alma-Ata sobre sua demissão. Convocado ao Comitê Central, Mirzoïan foi preso antes de chegar a Moscou.

Segundo Schreider, que compartilhou um momento na cela de Mirzoïan, ele foi submetido a torturas particularmente brutais. Todas as suas costelas foram quebradas. Beria participou várias vezes dos interrogatórios e o agrediu pessoalmente. Durante um interrogatório, Molotov, Kaganovitch e Malenkov entraram na sala. Mirzoïan declarou a eles que havia sido torturado cruelmente, após o que sua voz falhou e ele desabou em pranto. "E você acha que vamos ter consideração com um canalha como você?", disse Kaganovitch, e todos os presentes sorriram com essa "delicadeza".

Em outubro de 1954, Moskatov, um funcionário do partido, que em 1937 era delegado do PC do Cazaquistão em Alma-Ata, ainda declarava a Schreider que Mirzoïan era "um perigoso inimigo do povo". Mas ele ficou abalado quando Schreider lhe contou que haviam arrancado de Mirzoïan confissões contra ele, Moskatov[25].

Em suas Memórias, Avtorkhanov conta sobre seu encontro em uma cela da prisão de Butírka com um grupo de antigos membros do Comitê Central, incluindo Postychev e Vareikis. Segundo Avtorkhanov, Postychev não

havia assinado confissões e, portanto, estava sujeito a um regime de torturas contínuas. Antes de sua chegada à cela, os detidos consideravam os carreiristas do NKVD como terroristas, pois, segundo eles, haviam fomentado um complô gigantesco dentro do partido para liquidar os antigos revolucionários, depois Stalin próprio, e estabelecer uma ditadura fascista. Esse ponto de vista era compartilhado, por exemplo, por Vareikis, que mencionava o "complô de Iejov contra Stalin". Ao ouvir essas reflexões, Postychev disse a Vareikis:

"Sua fórmula estaria correta se a invertêssemos: 'O complô de Stalin contra Iejov.' Iejov é um cão de caça que Stalin mantém na coleira, mas um cão fiel e inteligente que obedece ao seu mestre para destruir o partido e aterrorizar o povo. Assim que o cão terminar seu trabalho (mas já não estaremos mais neste mundo), Stalin o acusará de raiva e o liquidará."

A Vareikis, que lhe dizia: "Se o preço a pagar para conservar o socialismo no país for a nossa morte, então um bolchevique deve estar pronto para aceitar esse sacrifício", Postychev respondia defendendo os princípios:

"Se o preço a pagar para conservar o socialismo for a destruição do partido que liderou sua construção e o campo de concentração para os milhões que o construíram, então eu não me importo com esse socialismo. Aliás, nós ainda não construímos o socialismo... Sim, Lênin dizia que tínhamos tudo o que era necessário para construir o socialismo, mas Stalin provou que também temos, aparentemente, tudo o que é necessário para construir uma tirania pessoal que se apoia nos carrascos do NKVD, nas prostitutas do partido e nos bandidos da sociedade... E que Vareikis não se faça ilusões sobre o 'socialismo triunfante' que deixamos para trás. Ele não escapará, não só permanecerá, mas é em nome da sua defesa que Stalin continuará a justificar tanto a inquisição atual quanto todos os seus crimes futuros"[26].

Pode-se dificilmente considerar as memórias de Avtorkhanov como uma fonte totalmente confiável, e não apenas porque ele frequentemente fez passar suas próprias divagações como fatos comprovados.

É pouco provável que detidos como os membros do Comitê Central tenham podido ser encarcerados em grande número em uma única cela. Além disso, Avtorkhanov faz com que Postychev evolua muito rapidamente após sua prisão.

No entanto, a argumentação que ele coloca na boca de seu personagem poderia ter passado pela cabeça de muitos membros do Comitê Central na prisão (e talvez até antes). Ela é muito próxima da argumentação dos detidos trotskistas e daqueles que permaneceram no exterior nos anos de 1937-1938.

Lev Kamenev e Leon Trotsky com delegados do 12º congresso do Partido Comunista Russo

NOTAS

Traduzido de: Rogovine, Vadim. La Grande Terreur. Cahiers du mouvement ouvrier, n. 3, p. 11-21, 1998.

[1] *Oktiabr ("Outubro"), 1992, 8, pp. 158-159.*

[2] *Reabilitatsia ("As Reabilitações"), p. 39.*

[3] *Khlebniouk O. V. : Politbiouro. Mekhanizmy polititcheskoï vlasti v 30-e gody ("Politburo. Mecanismos do poder político nos anos 1930"), p. 240.*

[4] *Stalinskoe Politbiouro v 30-e gody ("O Politburo de Stalin nos anos 1930"), pp. 167-168.*

[5] *Voprossy istorii ("Questões de História") 1992, 2-3, p. 86.*

[6] *Reabilitatsia, pp. 36-37.*

[7] *Voprossy istorii, 1990, 3, p. 79.*

[8] *KPSS v rezolioutsiakh i recheniakh ("O PCUS nas resoluções e nas decisões"), t. 2, Moscou, 1970, pp. 220-221.*

[9] *Lénine, Œuvres complètes, t. 43, p. 108.*

[10] *Tchouïev F., Sto sorok bessed s Molotovym ("Cento e quarenta conversas com Molotov"), p. 463.*

[11] *Izvestia TsK KPSS ("As Novidades do CC do PCUS"), 1989, n° 12, p. 87.*

[12] *Binevitch A., Serebrianski Z., Andreï Boubnov. Moscou, 1964,pp. 78-79.*

[13] *Stalinskoe Politbiouro v 30-e gody ("O Politburo de Stalin nas décadas de 1930"), pp. 157-158.*

[14] *Centre russe de conservation et d'étude des documents d'histoire contemporaine (CR- CEDHC), f. 17, op. 2, d. 630, l. 4.*

[15] *Ibidem, 1. 51.*

[16] *CRCEDHC, f. 17 , op. 2, d. 640, 1. 104.*

[17] *Voprossy istorii ("Questões de História"),1995, no 4, p. 144.*

[18] *Izvestia TsK KPSS ("As Novidades do CC do PCUS"), 1989, no 12, p. 86.*

[19] *Reabilitatsia ("As Reabilitações"), p. 83.*

[20] *Istoritcheski arkhiv ("Os Arquivos Históricos"), 1993, n° 4, p. 70*

[21] *Voprossy istorii, 1990, no 3, p. 70.*

[22] ** Essa observação mostra até que ponto a clique stalinista temia a publicação de Trotsky, que, apesar de sair em uma tiragem muito baixa na distante França, chegava à URSS mesmo em 1937 (V. R.).*

[23] *Avdeïenko A., Nakazanie bez prestouplenia ("Punição sem crime"), pp. 171-172.*

[24] *Ibidem, pp. 182-183.*

[25] *Ibidem, p. 183.*

[26] *Schreider M.B. NKVD iznoutri ("Por dentro do NKVD"), pp. 109-110, 172-174.*

[27] *Oktiabr ("Outubro"), 1992, n° 8, pp. 158-159.*

DECLARAÇÃO SOBRE O EXÉRCITO VERMELHO DECAPITADO[1]

LEON TROTSKY

Após ter decapitado o partido e o aparelho soviético, Stalin decapitou o exército. Vorochilov[2] não é senão o instrumento de Stalin: ele não é nem uma figura política, nem um estrategista, nem um administrador. À frente do exército encontrava-se de fato Tukhatchevski[3], em quem todos viam o futuro comandante supremo em caso de guerra, e Gamarnik[4], instrutor político do exército. Gamarnik suicidou-se e Tukhatchevski foi fuzilado.

Encabeçando os dois mais importantes distritos militares encontravam-se Iakir e Uborevitch[5], estrategistas de talento da guerra civil, preparados há anos para seu papel em caso de guerra com a Polônia e a Alemanha. É preciso acrescentar a eles Kork e o jovem Putna, oficial do estado-maior, e também Primakov, brilhante general de cavalaria[6]. Eu não conheço no Exército Vermelho um único oficial (exceto talvez Budienny[7])que possa igualar em popularidade, para não falar em conhecimentos e talentos, aos chefes fuzilados. A acusação de que essas pessoas pudessem ser agentes da Alemanha é tão tola e tão descarada que não merece refutação. O próprio Stalin não esperava que a Europa e a América acreditassem nessa acusação. Mas ele precisa justificar por argumentos impactantes o extermínio de todos os homens capazes, distintos e independentes perante os operários e os camponeses russos.

Quais são as verdadeiras causas do extermínio dos melhores generais soviéticos? Eu só posso expressar a este respeito hipóteses com base em um certo número de sintomas. Dada a aproximação do perigo de guerra, os comandantes mais responsáveis não podiam deixar de ficar alarmados com o fato de que à frente das forças armadas se encontrava Vorochilov. Alguns dos condenados tinham concepções particulares sobre a política externa da URSS, na questão das relações com a Alemanha em particular? Não é de se descartar. Mas as discordâncias com a política oficial, se existissem, não poderiam sair dos quadros do patriotismo soviético. Todo o passado dos acusados é garantia disso. Não se chegou a um "complô" contra Stalin? Eu não acredito nisso. A própria acusação não diz nada sobre isso. Mas é muito provável que o estado-maior tenha tentado ou se preparado para exercer uma pressão sobre o bureau político com o objetivo de destituir Vorochilov.

É preciso dizer que o próprio Stalin não se iludia a respeito de Vorochilov e frequentemente apoiou contra ele Tukhatchevski como pessoa mais capaz. Mas quando Stalin teve que escolher, ele optou por Vorochilov, que era somente seu instrumento, e traiu Tukhatchevski, que podia se tornar um adversário perigoso.

A própria possibilidade de tal conflito nasceu da evolução do regime soviético: 1) onde a burocracia em seu conjunto é completamente independente do povo, a burocracia militar se esforça para se tornar independente da burocracia civil. O conflito entre as duas frações da burocracia, ou mais concretamente entre o bureau político com Vorochilov, de um lado, e a flor do comando soviético, de outro, encontra-se na base do último processo.

Stalin desferiu ao exército o golpe mais terrível que se possa imaginar. O exército foi rebaixado em várias cabeças.

Ele está moralmente abalado até seus fundamentos. Os interesses da defesa do país foram vítimas dos interesses da autoconservação da camarilha dirigente. Após os processos de Zinoviev e de Kamenev, de Radek e de Piatakov[8], o processo de Tukhatchevski, Iakir e outros marca o começo do fim da ditadura stalinista.

Leon Trotsky, Obras,
maio-setembro de 1937, volume 14

NOTAS

1 *Declaração à imprensa (T 4158-1).*

2 *Kliment E. Vorochilov (1881-1969), metalúrgico, velho-bolchevique, tinha sido chefe de partisans durante a guerra civil e tinha feito parte com Stalin do "grupo de Tsaritsyne"; sua ligação ao entorno de Stalin explicava sua rápida ascensão: ele tinha sucedido a Frunze à frente do exército, embora não tivesse nenhuma competência técnica nem capacidade de estrategista.*

3 *Mikhail N. Tukhatchevski (1893-1937), antigo oficial de pequena nobreza servindo na Guarda imperial, prisioneiro de guerra evadido, membro do partido em 1918, era, desde 1934, vice-comissário do povo para a Defesa, e sua competência era reconhecida por todos.*

4 *Ian B. Gamarnik (1894-1937), membro do partido desde 1916, tinha feito uma carreira de comissário e tinha sido nomeado em 1929 à frente dos serviços políticos do Exército Vermelho. Ele havia se suicidado em 31 de maio.*

5 *Iona E. Iakir (1896-1937), estudante em Kharkov depois Basileia, bolchevique em 1915, chefe de guardas vermelhos em 1917-1918, depois comandante de divisão durante a guerra civil, era um dos chefes mais instruídos do Exército Vermelho. Ele era membro do comitê central do partido ucraniano. Ele tinha sido preso em 1º de junho de 1937. Ieronim P. Uborevitch (1896-1937), oficial de artilharia durante a guerra, tornado comandante de exército no Exército Vermelho, tinha sido preso em 22 de maio.*

6 *Avgust I. Kork (1887-1937), oficial tsarista passado em 1918 para o Exército Vermelho, tornado comandante de exército, tinha sido preso em maio. Vitovt K. Putna (1893-1937), oficial da reserva, membro do partido em 1917, tinha se tornado comandante de divisão, depois inspetor-geral do Exército Vermelho e tinha militado na Oposição de esquerda. Ele tinha sido posto em questão por Radek em seu processo em janeiro de 1937, quando ele estava preso e interrogado há meses. Vitali M. Primakov (1897-1937), filho de professor, Cossaco zaporogue, membro do partido em 1914, tinha comandado um corpo de cavalaria durante a guerra civil, antes de servir na China como conselheiro militar. Ele tinha sido preso em agosto de 1936. Segundo Claude Roy, marido de Lili Erik, a irmã de Elsa Triolet, ele era o cunhado de Louis Aragon.*

7 *Semion M. Budienny (1883-1973) tinha sido, durante a guerra civil, um dos chefes da cavalaria vermelha.*

8 *Os dois primeiros em agosto de 1936, os dois últimos em janeiro de 1937.*

***

A tradução deste texto foi cedida pela editora - EditorialSobrado Verde – editorialsobradoverde@gmail.com
Tradução: Anísio Garcez Homem
Texto traduzido da versão espanhola digitalizada pelo CEIP (Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones "León Trotsky"), com sede na Argentina. O texto faz parte dos Escritos de Trotsky entre 1929-1940 que foram editados em livros, em 1977, pela desaparecida Editorial Pluma. A versão espanhola da Editorial Pluma é uma tradução a partir de "Writings", publicado em inglês pela editora Pathfinder.

Leon Trotsky liderando o Exército Vermelho durante a Guerra Civil após a Revolução Russa

A DECAPITAÇÃO DO EXÉRCITO VERMELHO

LEON TROTSKY

17 de junho de 1937

É necessário prosseguir buscando detalhes, estudando as atas letra por letra, reunindo os argumentos necessários para refutar as acusações, submetendo os métodos da fraude judicial a uma análise microscópica? O próprio Stalin nos proporciona argumentos para refutá-lo em escala incomparavelmente maior. Dia após dia chegam notícias espetaculares da URSS para demonstrar que o regime está envolvido em sua última crise, o que poderíamos chamar sua agonia mortal se essa analogia com os seres vivos não fizesse pensar em um lapso excessivamente breve.

A "Velha Guarda", em nome da qual se lançou a guerra contra o "trotskysmo", em 1923, foi liquidada politicamente já faz tempo. Agora Stalin consumou seu extermínio físico, seguindo seu estilo, no qual a selvageria sádica se combina com o pedantismo burocrático. No entanto, seria demasiadamente superficial explicar as medidas assassinas e suicidas de Stalin exclusivamente sobre a base de sua ânsia de poder, crueldade, espírito vingativo e demais qualidades pessoais. Já faz tempo que Stalin perdeu o controle sobre sua própria política. A burocracia, em seu conjunto, perdeu o controle de seus reflexos de autodefesa. A nova onda repressiva, que supera todos os limites do concebível, foi imposta à burocracia como consequência lógica de suas ações repressivas anteriores. Qualquer regime obrigado a montar fraude após fraude perante os olhos do mundo inteiro e a ampliar automaticamente o círculo de suas vítimas está condenado inexoravelmente.

Após os primeiros experimentos, Stalin se viu obrigado a desistir dos processos públicos. Isto se deve, segundo se diz de maneira oficiosa, porque o país tem "tarefas mais importantes". Sob esta consigna, os

Stalin em discurso. Foto: Getty Images

De acordo com as cifras oficiais, oitenta e três "trotskystas" foram mortos diante do pelotão de fuzilamento no longínquo Oriente soviético desde o início de maio até esta data

"amigos" ocidentais da União Soviética lançaram a campanha contra toda a tentativa de realizar um contra-processo. Ao mesmo tempo, em variados locais da União Soviética se descobre continuamente novos centros de "trotskysmo, sabotagem e espionagem". De acordo com as cifras oficiais, oitenta e três "trotskystas" foram mortos diante do pelotão de fuzilamento no longínquo Oriente Soviético desde o início de maio até esta data. A obra continua; nada se informa a respeito dos processos, nem sequer os nomes das vítimas.

Quem são os fuzilados? Provavelmente alguns autênticos espiões. Esta é uma espécie que prolifera no longínquo Oriente Soviético. Outros são militantes de oposição, descontentes e insatisfeitos. Um terceiro setor está integrado pelos provocadores que serviram para vincular os "trotskystas" com os espiões e, portanto, são testemunhas perigosas. Porém, existe um quarto setor, cujas fileiras crescem, integrado por parentes, amigos, subordinados e conhecidos dos fuzilados, pessoas que conhecem a verdade dos julgamentos e, mesmo que não possam protestar, podem falar a outros sobre os crimes de Stalin.

O que se passa hoje nos níveis inferiores, sobretudo nas zonas afastadas, aonde os assassinatos são anônimos, pode deduzir-se sobre a base do que se sucede nos níveis superiores. Stalin não pôde montar o processo de Bukharin e Rikov no momento oportuno porque os acusados se negaram a "confessar". Foi necessário continuar sua reeducação. De acordo com variados informes, Rikov e Bukharin, ex-chefe de Estado e ex-presidente da Internacional Comunista, respectivamente, foram sentenciados, a portas fechadas, a oito anos de prisão; da mesma maneira, em julho de 1935, entre os dois julgamentos públicos, Kamenev foi setenciado, a portas fechadas, a dez anos de prisão. Esta analogia nos obriga a tirar a conclusão de que a sentença de Rikov e Bukharin não é definitiva. A imprensa, encabeçada pelo vulgar analfabeto Meklis, ex-secretário privado de Stalin, exige o "extermínio" dos inimigos do povo. O mais surpreendente – se se pode dar ao luxo de surpreender-se – é que agora acusem Rikov e Bukharin de "trotskystas". Isso depois dos golpes mais duros da Oposição de Esquerda terem sido dirigidos invariavelmente contra a direita, encabeçada por Rikov e Bukharin. Na luta contra o trotskysmo somente Bukharin pode proporcionar a Stalin um arremedo de doutrina sobre a qual basear-se – na medida em que se baseou em doutrina alguma – por vários anos. Hoje, descobre-se que os inumeráveis artigos e livros antitrotskystas de Bukharin, escritos que serviram para educar o aparato da Comintern, não foram senão uma cobertura para ocultar

sua colaboração com o terrorismo trotskysta. É como se o arcebispo de Canterbury tivesse difundido propaganda ateia ao amparo de sua posição eclesiástica. Porém, quem se preocupa hoje em dia por semelhantes disparates? Os que conhecem o passado estão mortos, ou calam por temor de serem exterminados. Os lacaios da Comintern, que faz poucos anos se arrastavam no pó diante de Bukharin, agora exigem sua crucificação por ser "trotskysta" e inimigo do povo.

Em uma etapa revolucionária as massas populares cerram fileiras. Mas, ao contrário, em uma etapa reacionária se impõem as forças centrífugas. Durante os últimos 14 anos, no Partido Bolchevique não foi fechada nenhuma brecha, curada nenhuma ferida, resolvido nenhum conflito. As capitulações e atos autodepreciativos não contribuíram para isso. As forças centrífugas operam nas menores brechas até convertê-las em abismos sem salvação. Qualquer um que se veja envolvido em uma dessas brechas, mesmo que minimamente, está irremediavelmente perdido.

A maior parte da "Velha Guarda", ou seja, os bolcheviques que atuaram na clandestinidade sob o czarismo foi exterminada. Agora as pistolas da GPU são apontadas para a geração seguinte, a que surgiu durante a Guerra Civil. Desde o começo, nos processos anteriores, alguns jovens estiveram no banco dos réus junto com a Velha Guarda. Porém, eram elementos secundários, introduzidos ali com a finalidade de retomar o amálgama. Agora, se põe sistematicamente à prova a geração dos que têm quarenta anos, que ajudou Stalin a exterminar a Velha Guarda. Não são elementos casuais, e sim estrelas de segunda grandeza.

Postishev chegou ao posto de secretário do Comitê Central graças a sua participação entusiasta na luta contra o trotskysmo. Em 1933, na Ucrânia, Postishev expurgou dos aparatos do estado e do partido os elementos "nacionalistas", empurrou o comissário do povo Skripnik ao suicídio, acusando-o falsamente de "protetor dos nacionalistas". O fato provocou grande surpresa no partido, uma vez que no ano anterior Skripnik, bolchevique da Velha Guarda, membro do Comitê Central e cem por cento stalinista, havia sido festejado com todo esplendor em Jarkov e Moscou, por ocasião de seu aniversário. Em 1933 publiquei o seguinte comentário: "O fato de que o sistema stalinista requeira este tipo de sacrifícios demonstra quais são as contradições que o desgarram, inclusive na cúpula". (*BiulletenOppozitsii*, Nº. 36-37, outubro de 1933). Agora, quatro anos mais tarde, acusam a Postishev, que em virtude de suas façanhas foi nomeado sátrapa da Ucrânia, de protetor de nacionalistas. Ao cair em desgraça foi transferido para a região do Volga. Podemos supor que esta situação não se prolongará. Não falemos de feridas: agora nem sequer se curam os arranhões. Não importa o caminho que tome Postishev (o suicídio ou a confissão de crimes não cometidos): sua sorte está celada.

Em uma etapa revolucionária as massas populares cerram fileiras. Mas, ao contrário, em uma etapa reacionária se impõem as forças centrífugas

Na Bielorússia se suicidou o presidente do Comitê Executivo Central Cherviakov. No passado ele esteve vinculado à direita, porém, há alguns anos atrás se somou à luta contra este setor. Um despacho oficial vergonhoso declara que Cherviakov, que por lei gozava dos mesmos direitos de Kalinin, pôs fim à sua vida por "razões familiares". Desta maneira Stalin perdeu a oportunidade de acusar ao presidente da República Soviética da Bielorússia de agente alemão. Porém, simultaneamente, com o suicídio, o comissário do povo da Bielorússia, homem estreitamente ligado a Cherviakov, foi preso em Minsk. Também por "razões familiares"? Se considerarmos a burocracia como uma "família", devemos reconhecer que chegou a um estado no qual os vínculos internos se tornaram sumamente negligentes.

Muitíssimo mais surpreendente (novamente, se é que alguém pode dar-se ao luxo de surpreender-se) é a trajetória de Iagoda, o colaborador mais estreito de Stalin durante toda a última década. Jamais Stalin confiou tantos segredos do Birô Político como ao chefe da GPU. Iagoda era um canalha: isso todos sabiam. Porém, em primeiro lugar, não era nem mais nem menos canalha que seus colegas. Em segundo lugar, precisamente porque era um canalha direto e reto, Stalin necessitava dele para levar a cabo as tarefas mais sujas. Toda a luta contra a Oposição, que tomou a forma de uma cadeia interminável de calúnias e fraudes, se levou adiante sob a direção de Iagoda, segundo os apontamentos designados diretamente por Stalin. E eis que este guardião do estado, exterminador da velha geração do partido, passa a ser um criminoso traidor. Confessará de acordo com o ritual elaborado por ele mesmo? Isso não mudará sua sorte. Enquanto isso, a imprensa mundial se pergunta com toda a seriedade se Iagoda não estava vinculado aos trotskystas. Por que não? Se Bukharin encobriu seus vínculos com os trotskystas exterminando-os no terreno da teoria, Iagoda fez isso exterminando-os fisicamente.

Porém, as notícias mais assombrosas são as referentes ao Departamento da Guerra, em seus mais altos níveis. Após decapitar ao aparato partidário e os soviets, Stalin faz o mesmo com o exército.

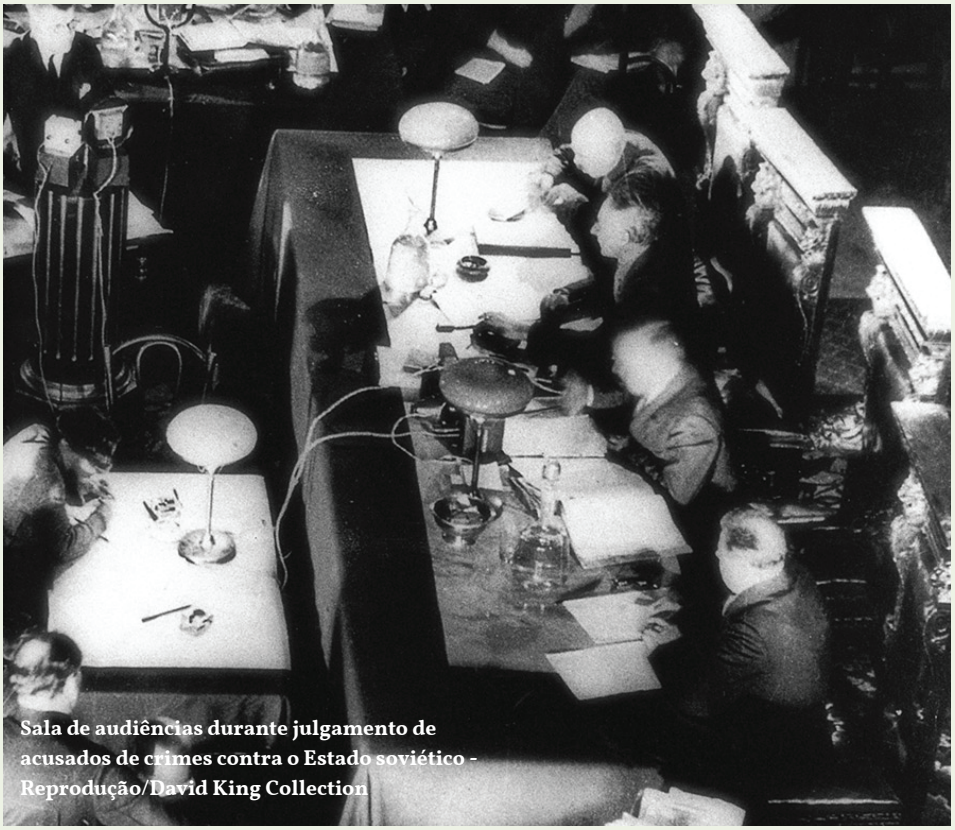
Em 11 de maio, o célebre marechal Tukachevski foi tirado do seu posto de Vice- Comissário de defesa e transferido a um posto de segundo escalão nas províncias. Nos dias seguintes se passou o mesmo com os Comandantes dos distritos militares e com Generais mais destacados. Estas medidas não pressagiam nada de bom. Em 16 de maio, se promulgou um decreto de criação de Conselhos Militares para assumir o comando nos distritos militares e navais. Evidentemente, existia um conflito grave entre o mando político e o corpo de oficiais.

Mikhail Tukhachevsky

Durante a Guerra Civil eu introduzi os "Conselhos Militares Revolucionários". Cada Conselho estava integrado por um alto oficial e dois, em alguns casos três, membros políticos. Embora o oficial chefe retivesse formalmente o pleno poder de mando, suas ordens não tinham efeito se não fossem referendadas pelos membros políticos do conselho. Esta medida de segurança, que consideramos um mal temporário, se fez necessária devido a falta de oficiais de confiança e a desconfiança manifestada pelos soldados inclusive em relação aos comandantes leais. Esperávamos que a criação gradual de um corpo de oficiais vermelhos poria fim aos Conselhos e restabeleceria o princípio do mando unificado, necessidade inexorável da ciência militar.

Frunze, quem em 1925 me substituiu como chefe do Departamento da Guerra, introduziu o mando unificado em ritmo acelerado. Voroshilov, seu substituto, seguiu o mesmo caminho. Pode-se dizer que o governo soviético já havia tido tempo suficiente para educar a um corpo de oficiais dignos de confiança e eliminar assim a onerosa necessidade de utilizar os comissários políticos para vigiar os chefes militares. Porém, a realidade foi diferente. Na véspera do vigésimo aniversário da Revolução, a oligarquia de Moscou impõe uma administração coletiva sobre o Exército. Os novos Conselhos Militares não levam o nome de "revolucionários". E, na verdade, não têm nada que ver com os protótipos. Mediante os Conselhos Militares da guerra civil, a classe revolucionária exercia seu controle sobre os técnicos militares provenientes das fileiras inimigas. A tarefa dos conselhos de 1937 é ajudar a oligarquia, empoleirada sobre a classe revolucionária, a proteger seu poder usurpado de toda a intromissão por parte de seus próprios generais e marechais.

Quando Tukachevski foi degradado, todas as pessoas informadas se perguntaram: quem se encarregará da defesa soviética? O substituto de Tukachevski é o marechal Iegorov, Tenente-Coronel durante a Guerra Civil, homem indeciso e medíocre. Shaposhnikov, novo Chefe do Estado-Maior, é um culto oficial do velho exército, homem carente de talento estratégico e de iniciativa. E Voroshilov? Não é nenhum segredo que Voroshilov, "militante da Velha Guarda", é uma figura decorativa e nada mais. Quando Lênin era vivo, a ninguém ocorreu postulá-lo ao Comitê Central. Durante a Guerra Civil Voroshilov combinou sua inegável valentia pessoal com uma falta total de talento militar e administrativo e uma visão completamente estreita e provinciana. Se hoje ocupa um posto no Birô Político e é, ademais, Comissário do Povo para a defesa, isso se deve unicamente a que, de Zarizin, apoiou a oposição de Stalin a essa estratégia militar que garantiu a vitória na Guerra Civil. Digamos de passagem que nem Stalin, nem qualquer outro membro do Birô Político, jamais abrigou a menor ilusão a respeito de Voroshilov como chefe militar. Por isso, o rodearam de colaboradores idôneos. Os verdadeiros chefes do Exército nos últimos anos eram dois homens: Tukachevski e Gamarnik.



Sala de audiências durante julgamento de acusados de crimes contra o Estado soviético - Reprodução/David King Collection

Nenhum dos dois pertenceu à Velha Guarda. Os dois se destacaram na Guerra Civil, não sem a ajuda do autor destas linhas. Tukachevski demonstrou ser um estrategista de grande talento. No entanto, lhe falta capacidade para avaliar uma situação militar a partir de todos os ângulos. Em todas as suas estratégias havia um elemento de aventureirismo. Por isso, houve entre nós alguns choques que, não obstante, se resolveram da maneira mais fraternal. Vi-me obrigado a criticar seu intento de criar uma "nova doutrina militar", baseada em algumas fórmulas marxistas elementares estudadas de modo vago. Apesar disso, não esqueçamos que Tukachevski, homem muito jovem naquele momento, havia saltado com excessiva rapidez das fileiras da oficialidade czarista para o lado bolchevique. Daí em diante se dedicou ao estudo sério não do marxismo, que ninguém estuda hoje em dia na URSS, mas da ciência militar. Adquiriu conhecimento das técnicas militares modernas e cumpriu o papel de responsável pela mecanização do Exército com certo êxito. Teria adquirido esse equilíbrio de forças internas, sem a qual não se pode ser um grande comandante de operações? Somente uma nova guerra – na qual Tukachevski desempenhasse o papel de generalíssimo – poderia demonstrar.

Jan Gamarnik, nascido no seio de uma família judia ucraniana, se destacou na Guerra Civil por seu talento político e administrativo, mesmo que somente em escala provinciana. Em 1924 foi mencionado como "trotskysta" ucraniano. Eu já havia rompido meus vínculos pessoais com ele. O triunvirato (Zinoviev, Stalin, Kamenev) que dirigia o país, tratou de arrancar os "trotskystas" mais capazes de seu entorno natural, colocá-los em novas situações e, na medida do possível, comprá-los com a perspectiva de uma boa carreira. Gamarnik foi de Kiev para o longínquo Oriente, aonde não tardou em ascender na escala administrativa; já havia deixado de ser "trotskysta" em 1925, dois ou três anos antes das capitulações dos processados mais destacados dos últimos julgamentos. Terminada sua "reeducação", Gamarnik foi para Moscou para pôr-se à cabeça do Departamento Político da Marinha e do Exército. Durante dez anos ocupou cargos de importância no próprio centro do aparato partidário e colaborou diariamente com a GPU. É concebível que, em semelhantes circunstâncias,

Stalin (esquerda) fotografado com Rykov, Kamenev e Zinoviev em 1925. Os três foram executados por ordem de Stalin durante os expurgos

Zinoviev e Kamenev pereceram porque seu passado os fazia parecer perigosos: também, e isso é o mais importante, porque Stalin pensava que seus fuzilamentos seria um golpe mortal para o "trotskysmo"

levará uma vida dupla: uma pública, para o mundo exterior, e uma privada? Gamarnik, membro do Comitê Central, o mais alto representante do partido governante no Exército, era, como Tukachevski, carne da carne e sangue do sangue da casta dominante.

Sendo assim, por que caiu o machado sobre estes dois chefes das Forças Armadas? Zinoviev e Kamenev pereceram porque seu passado os fazia parecer perigosos: também, e isso é o mais importante, porque Stalin pensava que seus fuzilamentos seria um golpe mortal para o "trotskysmo". Piatakov e Radek, ex-trotskystas proeminentes, acabaram por ser os únicos personagens aptos para um novo processo que corrigiria os erros do primeiro amálgama, que havia sido demasiado grosseiro. Nem Tukachevski, nem Gamarnik, se tornaram úteis para este fim. Tukachevski jamais foi trotskysta. Gamarnik sim, porém numa época na qual ninguém o conhecia. Por que então se instruiu a Radek que nomeasse Tukachevski durante a oitiva preliminar? E por que aparece o nome de Gamarnik, depois de sua misteriosa morte, na lista de "inimigos do povo"?

Como educador do corpo de mando e futuro Generalíssimo, Tukachevski necessariamente devia valorizar os chefes militares de talento. Putna era um dos oficiais mais brilhantes do Estado-Maior. É verdade que Tukachevski solicitou certos informes a Radek por intermédio de Putna? Radek era o porta-voz oficioso da política externa. Putna era adido militar na Inglaterra. É possível que Tukachevski tenha utilizado os serviços de Putna para obter informes de Radek, assim como o próprio Stalin utilizava os próprios escritos de Radek para confeccionar seus discursos. Porém, também é possível que todo o episódio, como tantos outros, seja uma invenção. Isso não muda as coisas. É indubitável que Tukachevski intercedeu por Putna e por muitos outros oficiais imiscuídos nos amálgamas da GPU. Era preciso dar-lhe uma lição. Qual foi o papel de Voroshilov em tudo isso? Até o momento o que determinou a política de Voroshilov era sua vinculação com Stalin, muito mais que sua vinculação com o Exército. Além disso, um homem de olhar estreito e irresponsável como era Voroshilov, não deveria sentir grande amizade por seu muito talentoso Vice-Comissário. Essa bem pode ter sido a origem do conflito.

Gamarnik participou em todos os grandes expurgos do Exército e fez o que lhe ordenaram. Porém, nestes casos, se tratava de militantes da Oposição, elementos descontentes, tipos suspeitos, por conseguinte, tudo se fazia por conta do interesse do "Estado". No entanto, no ano anterior se fez necessário expulsar do Exército pessoas culpadas de nada, porém, que, em virtude de seu passado, dos postos que ocupavam, ou simplesmente de algum fator casual, tornaram-se úteis no processo de organização de novas fraudes judiciais. Gamarnik, como Tukachevski, estava atado a muitos destes chefes militares por laços de amizade e camaradagem. Como chefe do Departamento Político do Exército e da Marinha, Gamarnik se viu obrigado a entregar seus colaboradores para Voroshilov e, além disso, participar na fabricação de falsas acusações. É provável que ao entrar em conflito com a GPU se queixara de Iekov diante de Stalin! Isso bastou para pô-lo em perigo.

É possível que os interesses da defesa tenham levado os Comandantes de distrito e os Generais mais responsáveis a interceder por Tukachevski. O torvelinho de transferências e prisões de maio e junho não pode ser fruto senão do pânico na cúpula. Em 31 de maio, Gamarnik se suicidou, ou morreu fuzilado. Os Comandantes de distritos militares ocuparam seus novos postos e imediatamente foram presos e colocados à disposição dos tribunais. Em seguida se prendeu Tukachevski, que acabava de assumir funções em Samara, a Iakir, que acabava de ser

transferido para Leningrado, a Uborevich, comandante do distrito militar da Bielo-Rússia; a Kork, diretor da Academia Militar, a Feldman, chefe do Escritório de Pessoal do Exército, e Eideman, Presidente da Osoaviajim [Sociedade para a Promoção da Defesa, a Aviação e a Química]; a Putna, ex-adido militar em Tóquio e Londres, a Primakov, General de Cavalaria. A prisão destes dois últimos foi um pouco anterior. Oito foram fuzilados.

O Exército se comoveu até suas fibras mais íntimas. Todos deviam se fazer a mesma pergunta: Por que fuzilaram aos heróis lendários da Guerra Civil, oficiais e organizadores talentosos, chefes do Exército Vermelho que até ontem eram as vigas e a esperança do regime? Recordemos brevemente quem eles são.

Enquanto Tukachevski, oficial do Exército do czar, se passara para o lado bolchevique, Iakir, estudante enfermo e tuberculoso, se convertia em comandante vermelho. Desde o princípio Iakir demonstrou possuir os recursos e a imaginação de um estrategista. Mais de um oficial veterano contemplou com assombro a este Comissário alto e magro que traçava operações com um fósforo sobre um mapa militar. Iakir demonstrou sua devoção à revolução e ao partido de maneira muito mais direta que Tukachevski. Quando acabou a guerra civil se dedicou a estudar com afinco e seriedade. Seu prestígio era grande e merecido.

Junto a Iakir colocaremos Uborevich, um comandante de operações menos brilhante que este, porém, provado e digno de confiança. A estes dois homens se confiou a defesa da frente ocidental, e durante anos se prepararam para os papéis que deveriam cumprir na próxima grande guerra.

Kork, graduado na Academia Militar czarista, dirigiu vitoriosamente um dos corpos de exército durante os anos críticos; posteriormente comandou um distrito militar e, por último, se tornou encarregado da Academia Militar como sucessor de Eidemann, homem do círculo de Frunze.

Eidemann dirigiu a Osoaviajim, o vínculo entre a população civil e o Exército.

Putna era um General jovem e culto, com uma visão internacional. Feldman concentrava em suas mãos a supervisão direta do pessoal de mando, o qual demonstra que gozava de grande confiança. Depois de Budenni, Primakov era indiscutivelmente o mais brilhante dos oficiais de cavalaria.

Pode dizer-se, sem exagerar, que em todo o Exército Vermelho não resta um só homem, com exceção de Budenni, cuja popularidade, para não falar de talento e conhecimento, que possa comparar-se com os supostos criminosos. Portanto, a decapitação do Exército Vermelho se levou a cabo com plena consciência de suas implicações!

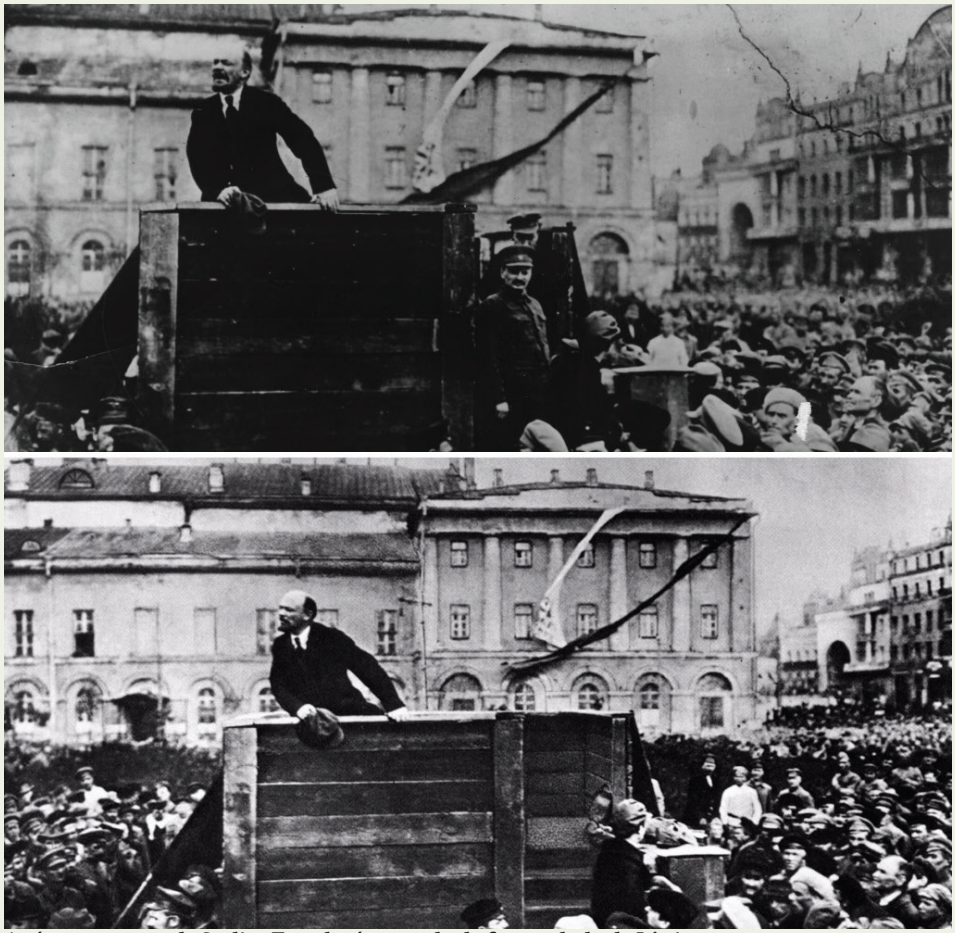
Deve-se prestar especial atenção à forma como se organizou o julgamento: um grupo de generais, encabeçados por Budenni e presididos por Ulrich, burocrata de baixo estofo, impôs a seus camaradas de armas uma sentença ditada por Stalin do alto do secretariado. Assim, o diabo pôs a verdade à prova. De agora em diante, os chefes militares sobreviventes estão atados a Stalin pela vergonha com a qual este os cobriu. Porém, o sistema de intrigas é, contudo, mais profundo.

Stalin temia não somente a Tukachevski, mas também a Voroshilov. Prova disso é a nomeação de Budenni como comandante do distrito militar de Moscou. Budenni, antigo suboficial de cavalaria, sempre desprezou a Voroshilov por seu diletantismo militar. Quando trabalharam juntos em Zarizin, mais de uma vez chegaram a enfrentar-se com pistolas. Os postos importantes que ocupavam lhes obrigou a moderarem a expressão externa de sua inimizade, porém, isso sequer foi um paliativo. Agora, Budenni exerce o poder militar na capital para fazer contrapeso a Voroshilov. Qual dos dois estará na próxima lista de executados? O futuro dirá.

A acusação de que Tukachevski, Iakir e os demais eram agentes alemães é tão absurda e descarada que não merece uma refutação. Nem sequer Stalin tinha esperanças de que a suja calúnia seria acreditada no exterior. No entanto, deveria encontrar argumentos esmagadores que justificassem o extermínio destas pessoas talentosas e independentes aos olhos dos operários e camponeses russos. Confia conseguir o impacto hipnótico através de uma imprensa e rádio totalitárias.

Qual é o verdadeiro motivo do extermínio dos generais soviéticos? Somente se pode construir hipóteses baseadas em uma série de sintomas diretos e indiretos. Ante o perigo de guerra iminente, os comandantes mais responsáveis não deixariam de alarmar-se pelo fato de que Voroshilov fora o comandante supremo das forças armadas. Não resta dúvida de que estes setores postularam que Tukacheski fosse o substituto de Voroshilov. Nesta primeira etapa, os generais trataram de ganhar para sua "conjura" a Stalin, que desde tempos fazia seu habitual jogo ambíguo, explorando a rivalidade entre Voroshilov e Tukachevski.

Tukachevski e seus partidários sobrestimaram suas forças. Diante da situação de ter de optar, Stalin preferiu a Voroshilov, quem sempre



Após montagem de Stalin, Trotsky é apagado de foto ao lado de Lênin

foi uma ferramenta submissa, e entregou Tukachevski aos verdugos, já que este poderia converter-se em um adversário perigoso. Perdidas suas esperanças, encolerizados pela "traição" de Stalin, os generais devem ter discutido como libertar o exército do jugo do Birô Político. Daí a uma conspiração reta e direta há ainda um longo caminho. Porém, para o regime totalitário é suficiente que tenham dado o primeiro passo.

Pesando bem a trajetória e as características pessoais dos fuzilados, é difícil pensar que os unia um programa comum. Porém, é possível que o setor encabeçado por Tukachevski tivesse um programa para a defesa nacional. Não esqueçamos que depois da ascensão de Hitler ao poder, Stalin se esforçou por manter relações cordiais com a Alemanha. Os diplomatas soviéticos não economizaram suas declarações em favor do fascismo, declarações que hoje provocariam escândalo. Stalin assentou as bases desta política: "O mais importante é proteger a construção do socialismo em nosso país. A democracia e o fascismo não são antípodas e sim gêmeos. A França nos atacará, e podemos neutralizar a ameaça alemã se colaborarmos com este país". Diante deste sinal os chefes militares trataram de manter relações cordiais com os adidos militares, engenheiros e industriais alemães, para convencê-los de que a colaboração entre os dois países era uma possibilidade real. Alguns generais aceitaram esta linha política com maior convicção, quanto maior era sua disposição a aceitar a tecnologia e a "disciplina" alemãs.

Apesar disso, as circunstâncias obrigaram Stalin a contrapesar suas relações "amistosas" com a Alemanha mediante um pacto de defesa com a França. Hitler não podia aceitar semelhante coisa. Ele necessitava ter as mãos livres em ambas as direções. Respondeu à aproximação entre Moscou e Paris com uma forte afronta a Stalin. Pouco depois, Mussolini fez a sua também. Apesar de suas primeiras intenções, Stalin se viu obrigado a descartar a teoria dos "gêmeos" e endereçar o rumo para a amizade com as "democracias" ocidentais. Foi efetuado um alívio simbólico no Ministério de Assuntos Exteriores: Kretinski, lugar-tenente de Litvinov e ex-embaixador soviético na Alemanha foi substituído pelo ex-embaixador na França, Potemkin. Não foi tão fácil efetuar mudanças na cúpula militar: a casta militar é, por sua essência, muito mais numerosa e menos elástica que o corpo diplomático.

Não esqueçamos que depois da ascensão de Hitler ao poder, Stalin se esforçou por manter relações cordiais com a Alemanha. Os diplomatas soviéticos não economizaram suas declarações em favor do fascismo, declarações que hoje provocariam escândalo

Se é verdade que Tukachevski aderiu à orientação pró-alemã (da qual não estou certo), não o fez como agente de Hitler, mas sim como patriota soviético, baseado em determinadas considerações estratégias e econômicas compartilhadas pelo próprio Stalin. Por um lado, é indubitável que alguns generais se sintam comprometidos com suas declarações de amizade com a Alemanha. Em vista da necessidade de manobrar e deixar ambas as portas abertas durante um longo tempo, Stalin se absteve conscientemente de dar a seus generais o sinal de retirada. Crendo contar com seu apoio, é possível que os generais tenham se excedido em seus planos. De outro lado, é muito possível que Voroshilov, quem, por ser membro do Birô Político, já estava informado da mudança de orientação, permitira a Tukachevski exceder os limites da disciplina militar e partidária e em seguida lhe exigira, com sua deslealdade característica, um brusco giro de timão. Repentinamente, o problema de se manter a amizade com a Alemanha ou com a França, se transformou em uma pergunta: "Quem manda no Exército: Voroshilov, membro do Birô Político, ou Tukachevski, respaldado pela nata do corpo de comando?" E dado que não existe opinião pública, nem partido, nem sovietes, e que o regime perdeu o último vestígio de flexibilidade, todos os problemas agudos se resolvem com a ajuda de uma pistola Mauser. Por sua vez Stalin não se opôs ao sangrento ajuste de contas, uma vez que a necessidade de demonstrar sua boa fé aos novos aliados internacionais o obrigou a encontrar cordeiros emissários de sua política de ontem.

Que relação existia entre generais e a Oposição de Esquerda? Os periódicos de Moscou qualificaram a Gamarnik de "trotskysta", após sua morte. Meses antes, nos processos de Zinoviev e Kamenev, se disse que Putna era "trotskysta". Porém, os demais não receberam este horrível rótulo nem antes do processo, nem tampouco durante o mesmo, já que é de se supor que nem os juízes e nem os acusados tinham razão alguma para realizar esta comédia a portas fechadas. Porém, a falta de vínculos diretos com o trotskysmo não foi o único fator que impediu com que Tukachevski, Iakir, Uborevich, Eideman e os demais recebessem este mote; também existia o desejo de não exagerar a influência trotskysta no Exército. No entanto, na ordem do dia de Voroshilov, publicada no dia seguinte do fuzilamento, se tachava a todas as vítimas de trotskystas. Já vimos que as fraudes têm sua própria lógica: se os generais e os trotskystas serviram à Alemanha com a finalidade de "restaurar o capitalismo", então a Alemanha deve tê-los reunido em defesa dos seus interesses. Por outro lado, o "trotskysmo" se converteu faz muito tempo em um conceito global, que abarca tudo que merece o extermínio.

Toda a nossa análise da decapitação do exército contém um forte elemento conjuntural. Quiçá os detalhes, que não serão conhecidos rapidamente, sejam diferentes. Porém o significado desta sangria já é claro. Se Stalin tivesse desejado salvar os generais, poderia ter-lhes deixado aberta a porta de saída. Teme mostrar com isso debilidade. Teme ao Exército. Teme a sua própria burocracia.

Com justa razão. Os milhões de funcionários e comandantes que provêm das filas do bolchevismo apoiaram a Stalin no último período por convicção, não por medo. Porém, os últimos acontecimentos despertaram seus temores: temor pela sorte do regime e pela sua própria sorte. Os que ajudaram Stalin a ascender se tornam cada vez menos aptos para mantê-lo nas cúpulas vertiginosas. Por isso, se Stalin se vê obrigado a renovar seus instrumentos de poder com frequência crescente. Ao mesmo tempo, teme que os novos instrumentos elejam a um novo chefe para encabeçá-los.

O perigo é maior no caso do Exército. Quando a burocracia se libera do controle popular, a casta militar trata inevitavelmente de liberar-se do jugo

> O bonapartismo tende sempre a assumir a forma de dominação pela força das armas

da burocracia civil. O bonapartismo tende sempre a assumir a forma de dominação pela força das armas. É provável que, independentemente das ambições reais ou supostas de Tukachevski, o corpo de oficiais tenha adquirido uma consciência crescente de sua superioridade a respeito dos ditadores de escritório. Por outro lado, Stalin não poderia desconhecer que a dominação policial sobre o povo, fortalecida mediante a hierarquia de secretários partidários, poderia ser exercida de maneira mais simples e direta por um dos "marechais", respaldado pelo aparato militar. O perigo era iminente. No momento não existia uma conjura, isso é certo. Mas já estava na ordem do dia. A sangria teve um caráter preventivo. Stalin aproveitou um incidente "feliz" para dar ao corpo de oficiais uma lição sangrenta.

E, no entanto, se pode dizer a priori que esta lição não deterá ninguém e nada. Stalin pode desempenhar com êxito o papel de coveiro do bolchevismo porque ele mesmo é um bolchevique da Velha Guarda. A burocracia empregou esta máscara para afogar as massas e esmagar a concha oca da tradição espartana. Porém, os partidários do termidor não constituem um campo homogêneo. Seu estrato superior privilegiado está integrado por indivíduos que, todavia, não cortaram todos os seus vínculos com as tradições bolcheviques.

O regime não termina na camada intermediária dos Postishev, Cherviakov, Tukachevsk, Iakir, para não falar dos Iagoda. Continua em outra camada, encabeçada por funcionários indiferentes, indivíduos trapaceiros e arrivistas. Ninguém conhece as intenções destes setores melhor do que Stalin. Por isso pensa que, afogadas as massas e exterminada a Velha Guarda, a salvação do socialismo depende exclusivamente dele.

Aqui não se trata somente de crueldade pessoal e avidez do poder. Stalin não podia deixar de lutar pela confirmação jurídica de seu poder pessoal, seja na qualidade de "Líder" vitalício, presidente com poderes extraordinários ou, por último, imperador coroado. Ao mesmo tempo, não pode liberar-se do temor de que no seio da burocracia, sobretudo do Exército, existirá oposição a seus planos cesaristas. Isto significa que, antes de cair no abismo – com ou sem coroa – Stalin tratará de exterminar aos melhores elementos do aparato estatal.

Seja como for, o Exército Vermelho sofreu um golpe terrível. As últimas fraudes judiciais mutilaram muitas cabeças. A moral do Exército se comoveu até os cimentos. Stalin sacrificou os interesses da defesa soviética no altar da autodefesa da casta dominante. Depois dos processos de Zinoviev e Kamenev, Radek e Piatakov, o processo de Tukachevski, Iakir e os demais assinala o princípio do fim da ditadura stalinista.

NOTAS

A tradução deste texto foi cedida pela editora - Editorial Sobrado Verde – editorialsobradoverde@gmail.com Tradução: Anísio Garcez Homem

Texto traduzido da versão espanhola digitalizada pelo CEIP (Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones "León Trotsky"), com sede na Argentina. O texto faz parte dos Escritos de Trotsky entre 1929-1940 que foram editados em livros, em 1977, pela desaparecida Editorial Pluma. A versão espanhola da Editorial Pluma é uma tradução a partir de "Writings", publicado em inglês pela editora Pathfinder.

3a parte

O Império Russo, desde o tempo de sua formação, se constituiu em um caldeirão de povos oprimidos. O programa do Partido Bolchevique deixava claro o direito de autodeterminação de todas as nações. Isto não significava a separação imediata; o que fazia cada partido em sua nação era defender a autodeterminação e, de acordo com as condições locais, defender ou não a integração numa nação soberana após a Revolução.

É preciso lembrar que o Partido Bolchevique foi constituído como um partido internacionalista, contrário à posição de socialismo num só país. Isso significa dizer que a proposta original do Partido Bolchevique, depois Partido Comunista da Rússia, era que todas as nações, de todo o mundo, constituíssem uma federação mundial socialista. Esse era o objetivo. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, constituída após a guerra civil, visava isso: preservar as diferentes repúblicas existentes no interior da mesma união. O problema está em que, com a definição da política chamada "socialismo num só país", essa linha de ação passou a ser a exploração de outras repúblicas em benefício da russa. Isso é consequência imediata do fato de que você não estava mais falando do internacionalismo, mas sim de uma espécie de "nacionalismo proletário" que nasceu das mãos de Stalin e da burocracia como forma de combater a política de estender a revolução para o mundo inteiro.

É evidente que, se de um lado houve em determinado momento a necessidade de fazer um acordo com o imperialismo para evitar a invasão da União Soviética - principal argumento da teoria do socialismo em um só país -, havia um outro lado, um lado material. Na medida que a burocracia substituia a revolução, pouco a pouco as relações igualitárias conquistadas pela revolução eram substituídas pela opressão burocrática da principal república existente, que, no caso, era a república russa, ou seja, o nacionalismo russo, o antigo nacionalismo russo, que sobrevivia na burocracia que tomou conta do partido. Ou, como Lênin explicou em determinado período: não são os comunistas que dirigem os burocratas do Estado, parece mais que a burocracia dirige os comunistas. Neste sentido, começaram as opressões burocráticas sobre as diferentes repúblicas. Isso, evidentemente, foi exacerbado pelo domínio burocrático, pelo stalinismo. Os artigos aqui mostram até que ponto isso chegou, de uma maneira extremamente absurda, comparável, inclusive, a toda a mortandade que a antiga burocracia czarista fazia.

Se a burocracia, de alguma forma, se inspirou na antiga burocracia czarista, ela carregou também consigo toda a crueldade que essa burocracia antiga carregava contra os povos e contra as outras nacionalidades. Essa terceira parte do dossiê mostra como a burocracia soviética, stalinista, levou isso até pontos inimagináveis. É evidente que a perseguição aos povos não tem nenhuma relação com a luta pelo socialismo e o conjunto de textos selecionados aqui marca o quanto o stalinismo se constituiu no oposto do comunismo.

A Redação

Yakov Alksnis, chefe da Força Aérea do Exército Vermelho, foi vítima da "Operação Letã" em 1938. Foto: Domínio Público

A CAÇA AOS LETÕES DE 1937-1938

ARQUIVO COMENTADO POR VADÍM ROGÓVIN

À opressão política e social, o stalinismo acrescentou a opressão nacional — justamente numa União Soviética que abrigava cerca de 140 nacionalidades diferentes. A repressão de caráter nacional começou em 1932, contra os finlandeses que viviam na Carélia, ao norte de Leningrado, próximo à fronteira com a Finlândia. Por causa de sua nacionalidade, passaram a ser suspeitos de espionagem potencial em favor da Finlândia. Mais de 10 mil deles foram então deslocados. A acusação de espionagem (mesmo que ainda apenas "potencial"!) antecipa aquela que se tornaria a acusação central dos Processos de Moscou — com sua variante: a "traição". Depois dos finlandeses, o segundo grupo de deportados foi formado pelos poloneses das regiões fronteiriças da URSS. Em 28 de abril de 1936, Stalin ordenou ao Conselho dos Comissários do Povo a deportação dos cerca de 36 mil poloneses que viviam nessas regiões para o Cazaquistão. Uma verdadeira campanha antipolonesa foi então desencadeada. Os distritos autônomos poloneses que levavam os nomes de Marchlewski e até mesmo de Dzerjinski — o primeiro presidente da Tcheka — foram dissolvidos. Um sobrevivente dessa repressão declarou: "O regime stalinista ensaiou com os poloneses soviéticos o mesmo roteiro que depois utilizaria para deportar povos inteiros e liqui-

dar suas instituições estatais (...). Naquela época, ser polonês era de fato arriscar a própria vida. Bastava que seus vizinhos de apartamento o denunciassem dizendo que você falava polonês." Depois, chegou a vez dos letões que viviam na URSS. Muitos letões bolcheviques, ou simpatizantes dos bolcheviques, haviam decidido emigrar para a Rússia Soviética após a instalação, em 1920, de um governo burguês, nacionalista, chauvinista e reacionário na Letônia. Eles criaram a sociedade "cultural" Prometeu e fundaram 350 vilarejos letões. Em 16 de julho de 1937, Stalin ordenou ao Conselho dos Comissários do Povo a liquidação da sociedade Prometeu e dos vilarejos letões, com a consequente dispersão e deportação de seus habitantes. Dos 350 vilarejos fundados pelos letões, ao final do século XX restaria apenas um único...

BOAS RAZÕES PARA DESPERTAR A AVERSÃO DE STALIN

Os historiadores Nikita Okhotine e Arseni Roguinski escrevem na revista letã de língua russa: "As prisões e execuções em massa visavam permitir ao NKVD eliminar a 'base insurrecional' na URSS. Em 2 de julho de 1937, foi aprovada uma resolução no bureau político, e no dia 31 foi publicado o famoso decreto do NKVD nº 00447, conhecido como o decreto 'dos kulaks', que estabelecia 'cotas' de fuzilamentos para as diferentes regiões. No dia 5 de agosto, começaram as prisões em todo o país. Para 'executar' esse decreto, foram criadas 'troikas' especiais, que julgaram mais de 730 mil inocentes em 18 meses — cerca da metade foi condenada à pena de morte.

A segunda operação, dividida em 'campanhas nacionais' distintas, tratava da eliminação das 'bases de espionagem e sabotagem' dos países do 'entorno capitalista': o alvo eram colônias estrangeiras e outras comunidades diretamente ou indiretamente ligadas ao exterior.

A série das chamadas 'operações nacionais' começou com as três mais relevantes politicamente: a polonesa (decreto nº 00485, de 11 de agosto), a japonesa (nº 00593, de 20 de setembro) e a alemã (nº 00439, de 11 de agosto). Juntas, essas três campanhas resultaram, até novembro de 1938, em quase 250 mil condenações de 'espiões' e 'sabotadores'.

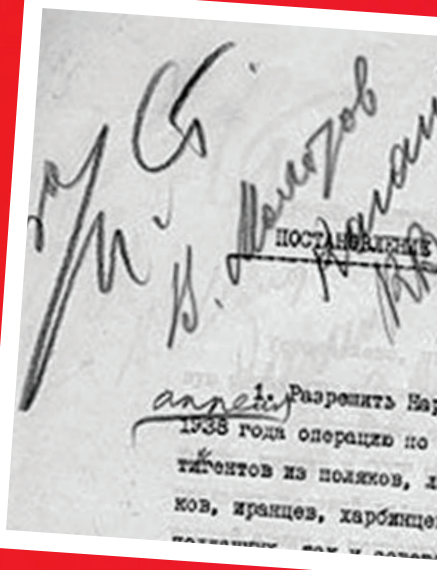
À medida que essas operações se expandiam, o NKVD incluía cada vez mais categorias da população em seus planos de repressão

A operação polonesa virou o modelo para todas as outras operações 'nacionais'. Foi justamente no decreto nº 00485 (e na carta de instruções anexa) que se elaborou, em detalhes, o 'método' a ser seguido. Lá também foram definidas as categorias principais de pessoas 'suspeitas de espionagem' e os setores do Estado mais 'contaminados'. No parágrafo 6, especificava-se ainda o 'catálogo' das penas, aplicado pela primeira vez pelo NKVD: durante a investigação, eram feitas fichas para cada acusado, já com a proposta de condenação (pena de morte ou de 5 a 10 anos de campo). O chefe da direção regional do NKVD e o procurador local examinavam e assinavam essas fichas, reunidas num 'álbum' especial enviado a Moscou. A decisão final cabia a uma comissão de duas pessoas: o comissário do povo para os Assuntos Internos e o procurador da URSS (Iejov e Vychinski). As sentenças eram executadas assim que os 'álbuns' retornavam.

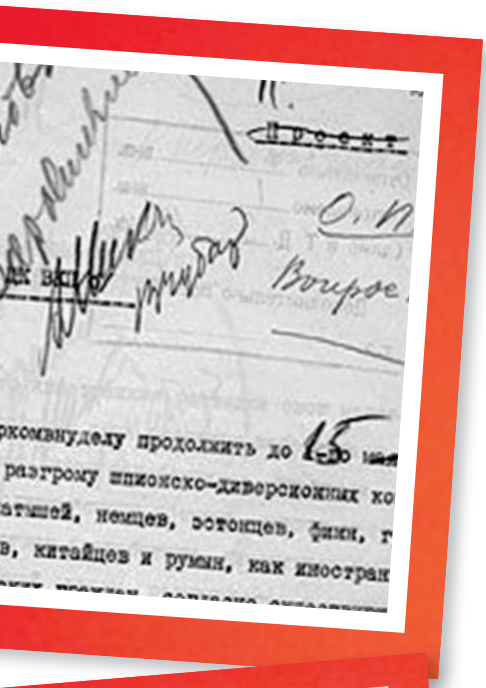
Em setembro de 1938, pouco antes do fim das operações nacionais, o procedimento foi modificado: eram troikas especiais formadas em cada região que agora pronunciavam as condenações no âmbito das operações "nacionais" (decreto nº 00606 de 17 de setembro de 1938).

À medida que essas operações se expandiam, o NKVD incluía cada vez mais categorias da população em seus planos de repressão. Depois dos poloneses, vieram os alemães, os antigos funcionários das ferrovias do Oriente e da China — praticamente todos considerados espiões japoneses — e os romenos. No fim de novembro de

Prisioneiros no Gulag soviético, em 1932.
Foto: Reprodução



Resolução do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Janeiro de 1938.



Esses documentos praticamente dispensam comentários, tamanha a clareza com que expõem o plano da campanha repressiva. E como essas diretrizes foram aplicadas? Segundo dados estatísticos do NKVD, cerca de 25 mil pessoas foram presas em um ano

1937, foi a vez dos letões, seguidos quase imediatamente pelos finlandeses, estonianos, chineses, afegãos, iranianos, gregos, búlgaros, entre outros.

Essa era a própria lógica das "operações nacionais".

Mas a atenção especial dada à diáspora letã se explicava em grande parte pelos cargos elevados que letões ocupavam em setores estratégicos — no exército, na indústria bélica, no NKVD — e pelo fato de muitos deles pertencerem à casta dos velhos bolcheviques, uma categoria odiada por Stalin.

A Letônia tinha bons motivos para atrair a aversão de Stalin:

"Tudo começou com a habitual diretriz telegráfica do comissário do povo para os Assuntos Internos sobre o recenseamento das categorias de 'espiões' nas regiões (ver documento nº 1).

Uma semana depois, chegou (também por telegrama) o decreto sobre o início da operação (ver documento nº 2).

Esses documentos praticamente dispensam comentários, tamanha a clareza com que expõem o plano da campanha repressiva. E como essas diretrizes foram aplicadas? Segundo dados estatísticos do NKVD, cerca de 25 mil pessoas foram presas em um ano (entre dezembro de 1937 e meados de novembro de 1938) apenas na 'campanha letã'. No mesmo período, 22.360 pessoas foram condenadas, das quais 16.573 à pena de morte. Os processos dos demais só foram concluídos em 1939, durante o 'degelo Beria', e uma parte deles (cerca de mil) acabou sendo libertada.

Quase metade dos letões foi presa já em dezembro de 1937, no início da operação — um total de 12.280 pessoas, na maioria nas regiões de Leningrado, Moscou, Novossibirsk e Smolensk.

Nikita Okhotine e Arseni Roguinski explicam:

"Durante a 'campanha letã', não foram presos apenas letões: poloneses, russos, alemães e judeus também acabaram enquadrados como 'espiões letões'. Às vezes, os tchequistas locais exageravam tanto que a direção de Moscou precisava chamá-los à razão. Em março de 1938, por exemplo, o vice-comissário do povo M. Frinovski criticou o chefe do NKVD de Sverdlovsk, onde haviam sido presas 237 pessoas sob a justificativa da campanha letã — das quais apenas 12 eram, de fato, letãs. Por outro lado, muitos letões foram atingidos por outras operações repressivas. Infelizmente, o NKVD só começou a fazer estatísticas sobre a nacionalidade dos detidos a partir de meados de 1938, e o número total de letões presos durante o período do 'Grande Terror' só será conhecido após um estudo detalhado dos dossiês de instrução. Segundo nossas estimativas, esse número está entre 23 mil e 25 mil pessoas.

A repressão contra os letões não se limitou às prisões e condenações. Há casos conhecidos de demissões em massa de 'nacionais'. Em março de 1938, por exemplo, o Bureau Político decidiu limpar a indústria de guerra de alemães, poloneses, letões e estonianos. Em junho do mesmo ano, começou-se a expulsar 'todos os militares de origem estrangeira' do exército e da marinha. Aliás, muitos deles foram presos logo após a demissão."

As operações terminaram no fim de 1938. O decreto do Comitê Central do Partido e do Conselho dos Comissários do Povo de 17 de novembro afirmava que a "limpeza do país de seus serviços de espionagem e sabotagem teve um papel positivo para garantir o progresso rumo à construção socialista".

DOCUMENTO Nº 1
23 DE NOVEMBRO DE 1937
(SECRETO – CONFIDENCIAL)
"A TODOS OS COMITÊS DO NKVD DAS REPÚBLICAS, AOS CHEFES DOS COMITÊS REGIONAIS"

Recolham imediatamente, verifiquem e transmitam as seguintes informações sobre os estabelecimentos e organismos oficiais localizados no território da república e das regiões: filiais da sociedade de educação cultural "Prometeu", recentemente dissolvida; clubes letões; sociedades de escritores; jornais; teatros; direção dissolvida da sociedade anônima "Produkt"; kolkhozes letões; oficinas de artesanato letãs e empresas cooperativas urbanas; concentrações significativas de letões em diferentes estabelecimentos, empresas, sovkhozes e outros locais; círculos letões diversos do tipo comitês de defesa e de aviação civil; Sociedade Letã de Atiradores de Elite; diversos estabelecimentos de ensino; associações; agrupamentos letões nos transportes, nas grandes empresas e nos edifícios ligados à defesa. Relatem com precisão a localização desses núcleos de concentração de letões, indicando o número de organismos por tipo e apresentando dados quantitativos sobre o número de dirigentes, membros da direção e funcionários, separadamente. Prazo para cumprimento: quarenta e oito horas após o recebimento deste telegrama. Ao mesmo tempo, preparem a prisão de todos os dirigentes e militantes desses núcleos de concentração de letões, bem como dos espiões, desertores letões e propagandistas antissoviéticos já identificados — ou seja, de todos os cidadãos letões (com exceção dos funcionários de embaixadas e consulados). A operação envolvendo todas essas categorias de pessoas será realizada posteriormente, em um único dia e de forma simultânea em todas as repúblicas e regiões, nos moldes da operação polonesa. As datas da operação e o plano de execução serão enviados por telegrama após o recebimento de seu relatório sobre os contingentes identificados.

DOCUMENTO Nº 2
TELEGRAMA CIFRADO Nº 4990
30 DE NOVEMBRO DE 1937
(SECRETO – CONFIDENCIAL)

"A todos os comissários do povo para os Assuntos Internos das repúblicas, aos chefes do NKVD e aos chefes do serviço de transportes da Direção Geral de Segurança"

Em Moscou e em várias regiões, foram desmascaradas poderosas organizações de espionagem e contrarrevolucionárias nacionalistas letãs, criadas pelos serviços de inteligência da Letônia e vinculadas aos serviços de outros países. Essas formações contrarrevolucionárias letãs frequentemente aderiam a organizações trotskistas de direita e ao complô militar trotskista, atuando como filiais ou centros nacionalistas letões.

Com o objetivo de eliminar a atuação dos serviços de inteligência letões e esmagar a atividade nacionalista e antissoviética dos letões em território soviético, ordeno:

1. No dia 3 de dezembro de 1937, em todas as repúblicas e regiões ao mesmo tempo, prender todos os letões suspeitos de espionagem, sabotagem ou atividade nacionalista antissoviética.

2. Estão sujeitos à prisão todos os letões:

a) que ocupam cargos estratégicos e estão sob vigilância;

b) os emigrantes políticos vindos da Letônia e que chegaram à URSS após 1920;

c) os desertores oriundos da Letônia;

d) os dirigentes, membros das diretorias e funcionários das filiais locais da sociedade "Prometeu" e dos clubes letões;

e) os dirigentes e membros dos comitês locais da Sociedade Letã de Atiradores de Elite vinculados aos comitês de defesa;

f) os antigos dirigentes e membros das diretorias das antigas sociedades anônimas "Produkt" e "Lesoprodukt";

g) os cidadãos letões, com exceção dos funcionários de serviços diplomáticos.

h) letões que chegaram da Letônia como turistas e se instalaram na URSS.

3. Durante a operação, deve-se dar atenção especial à limpeza sistemática, entre os grupos mencionados acima, das empresas ou oficinas que produzem para a defesa; das empresas e instalações de energia elétrica; de todos os meios de transporte; dos setores especiais e dos serviços dos ministérios e órgãos estatais envolvidos com questões de defesa, mobilização ou criptografia; do exército, da marinha e das unidades do NKVD; das estruturas do próprio NKVD; bem como dos kolkhozes, sovkhozes e localidades situadas em zonas de regime especial, áreas interditadas ou pertencentes a distritos fortificados e instalações de defesa.

4. Ao ampliar as operações de prisão, deve-se iniciar um trabalho de investigação rigoroso, com foco principal na identificação dos organizadores e líderes das atividades contrarrevolucionárias, no mapeamento completo de todos os vínculos e participantes dos grupos e organizações de espionagem, sabotagem e de nacionalistas contrarrevolucionários.

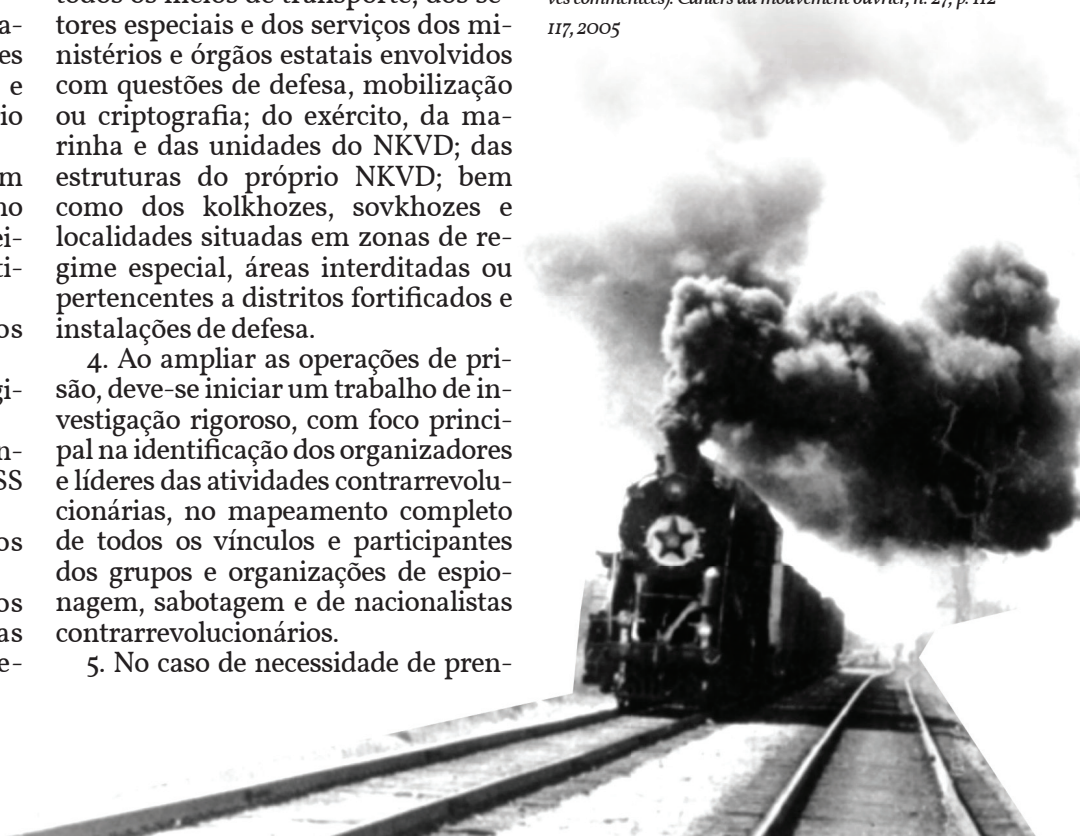
5. No caso de necessidade de prender membros do comando ou dirigentes que possuam patentes militares ou títulos especiais, assim como pessoas da nomenclatura do Comitê Central, deve-se solicitar confirmação ao NKVD da URSS.

6. A instrução dos processos e seu julgamento ocorrerão conforme o item 6 da ordem nº 00485.

7. Enviar os resultados das prisões no dia 5 de dezembro. A cada cinco dias, devem ser enviados relatórios sobre o andamento das instruções, com dados numéricos totais e os depoimentos mais relevantes e significativos. Enviar também as listas dos acusados com conclusões completas.

NOTAS

Traduzido de: La chasse aux Lettons de 1937-1938 (archives commentées). Cahiers du mouvement ouvrier, n. 27, p. 112-117, 2005



A FOME NA UCRÂNIA

(1932-1933)

JEAN-JACQUES MARIE

"A ASA NEGRA DE 1933"[1]

"INIMIGOS do povo. Como eles podiam dizer isso sobre pessoas que, todas, tinham lutado pela revolução!" (p. 220), exclama Vira Lozenko, um dos trezentos e poucos autores destes testemunhos sobre a fome de 1932-1933 na Ucrânia, ao evocar o destino dos camponeses amontoados na prisão da aldeia e destinados à prisão ou à deportação.

Alexeienko, veterano de guerra, morador de Kostiantynopil, no Donetsk, evoca a catástrofe que se abateu sobre sua aldeia, contudo inteiramente coletivizada:

> *"A coletivização a cem por cento se fez em nossa aldeia já em 1928. Como explicar isso? Sem dúvida, a explicação reside no fato de que anteriormente já, a aldeia vivia como uma grande comunidade, unida pela identidade nacional. As pessoas iam para o coletivo cantando (...). Mas depois de algum tempo, começou algo incompreensível. Os kolkhoziens eram deskulakizados e deportados para além dos Urais (...). Eles estavam entre os primeiros no país a trabalhar a terra segundo os novos princípios, a colocar as terras em comum, e eram punidos por uma razão incompreensível, como se fossem os piores inimigos do socialismo"* (p. 250 e 251).

Lytvyn Mytktodivna, da aldeia de Tchapaivka, destaca por sua vez:

> *"Aquele que foi atingido pela asa negra de 1933 nunca será partidário de Stalin. Aquele que conheceu o medo dos anos 1937-1938 nunca cantará canções em sua glória (...). Aquele que comeu folhas de cerejeira com sal, restos de trigo sarraceno, amaldiçoa Stalin com todas as maldições que conhece"* (p. 278).

O antigo contador do kolkhoze de Penkivka se recorda: "Penkivka foi inteiramente queimada pelos alemães por ter apoiado os partisans (...). Mas os mortos da guerra são de longe menos numerosos que as vítimas da terrível fome dos anos trinta" (p. 148).

Assim, as vítimas de uma fome artificial provocada pela política de Stalin, que ceifou famílias inteiras, se ergueram contra os nazistas para defender a União Soviética. A política de Stalin não conseguiu empurrá-las para os braços do invasor e elas pagaram uma segunda vez o preço...

E contudo, um outro sobrevivente destaca: "Eu sobrevivi à guerra, à ocupação, estive nos partisans, combati na frente de batalha. Mas nada pode se comparar com o horror que eu e meus compatriotas vivemos em 1933."

As 453 páginas desta coletânea fazem desfilar uma longa ladainha de camponeses e camponesas despojados e espancados pelas brigadas de ativistas, que, em nome das entregas obrigatórias ao Estado requisitadas pela terceira e quarta vez, confiscam até seu último grão de trigo; uma longa ladainha de crianças famintas, de crianças agonizantes, de crianças atraídas por andarilhos carnívoros tão famintos quanto elas, de crianças assassinadas que sua mãe cozinha e

Refugiados no teto de um trem na RSS da Ucrânia durante o período de fome na União Soviética de 1932-1933.

Vítimas do Holodomor Foto: Wikipedia/Reprodução

devora, de crianças mortas jogadas na vala comum.

"Nos arbustos do cemitério, encontravam-se cadáveres dos quais haviam sido recortadas panturrilhas, coxas ou o peito. As pessoas comiam cadáveres", recorda o comandante Prokopenko, que evoca o comboio dos mortos e dos moribundos jogados na vala comum:

"Entre os corpos inchados tornados monstruosos pela fome, havia às vezes vivos. A vala não era aterrada a cada dia, então alguns, voltando a si durante a noite, chamavam para que os ajudassem ou então saíam da vala por eles mesmos."

Estes vivos nem sempre estavam lá por engano. Um coveiro "confessou mais tarde que lhe haviam fixado uma norma diária de cadáveres. Se ele cumprisse a norma, recebia uma ração completa, senão ele só recebia uma parte da ração. Então, para cumprir a norma, ele levava ao cemitério pessoas ainda vivas, mas que, segundo ele, não tinham mais nenhuma chance de sobreviver, e as deixava agonizar perto da vala."

Um outro se recorda: "No mercado, vendia-se carne de porco em gelatina feita com carne humana", que os compradores às vezes descobriam quando encontravam uma unha dentro.

As mães famintas que retalhavam e comiam seus filhos pegavam três anos de prisão. Os camponeses que "roubavam" algumas espigas de trigo para escapar da fome pegavam 10 anos ou eram fuzilados em função da lei perversa de 7 de agosto de 1932. Todo o stalinismo talvez não esteja nesta diferença significativa, mas em todo caso ele se expressa plenamente nela.

Para quebrar a resistência dos camponeses à coletivização maciça, forçada e violenta, Stalin, confrontado a uma colheita medíocre em 1932 e a uma coleta de grãos insuficiente, decide requisitar a maior parte de seus grãos. O aparelho local, submetido a uma pressão formidável de cima, exagera ainda mais, confiscando frequentemente tudo. É declarado "kulak" (camponês dito rico) ou agente dos kulaks todo camponês que reluta em se deixar despojar. A fome, a partir de então, é inevitável.

Comandos de "ativistas", de membros dos comitês de camponeses pobres e dos komsomols, armados de barras de ferro, de picaretas, de maças, de pás, de machados e de hastes de ferro para sondar o solo, desembarcam nas casas, quebram os móveis, quebram os potes, rasgam os colchões, vasculham o telhado, levantam as saias das mulheres, rasgam as bonecas das crianças, à procura do menor grão de trigo, confiscam todo alimento que podem encontrar: pão, ervilhas, manteiga, queijos, ovos, e, às vezes mesmo, em sua fúria, demolem a casa. Mirantes erguidos às pressas lhes permitem vigiar os campos e desmascarar os respigadores inoportunos; os armazéns são vigiados por guardas do NKVD, que atiram sem aviso nos famintos que se aproximam.

Em janeiro e em fevereiro de 1933, a fome se espalha como uma epidemia. Um responsável do partido de Vinnitsa escreve a Kossior, secretário do PC ucraniano:

"Os casos de canibalismo e de necrofagia se multiplicam."

Em 15 de março, Kossior escreve a Stalin:

"Segundo os dados do Guépéou, 103 distritos da Ucrânia estão devastados pela fome."

Stalin não se importa. Em 1938, ele mandará fuzilar Kossior.

E, no entanto, estas palavras dão apenas um vago reflexo da realidade: famílias inteiras se alimentam de sopa de palha ou de urtigas, de bolinhos de ervilhaca (espinafres selvagens), de cascas de batatas, de erva, de lagartas, de pedaços de carniça: homens, mulheres e crianças agonizam, com a barriga inchada, a pele de suas pernas rachada deixando escorrer água ou pus. Os cadáveres se amontoam nas ruas, ao longo das casas, nos caminhos. Epidemias de tifo ou de disenteria sangrenta dizimam os sobreviventes.

Famílias inteiras desaparecem. Uma sobrevivente, entre dezenas de outras, enumera assim:

"A grande família do meu avô morreu inteira: o próprio avô, suas duas filhas, seu filho e seus seis netos."

A hecatombe é aterradora.

Terekhov, secretário do comitê regional de Kharkov e membro do secretariado do comitê central do PC ucraniano, toma coragem e telefona para Stalin para informá-lo da fome que devasta a Ucrânia. Stalin o manda passear rindo:

"Disseram-nos, camarada Terekhov, que você era um bom orador; manifestamente, você também é um bom contador de histórias, você compôs um conto tão bonito sobre a fome, você pensou em nos assustar com isso, mas isso não vai funcionar! Seria melhor que você abandonasse seu posto de se-

Os cadáveres se amontoam nas ruas, ao longo das casas, nos caminhos. Epidemias de tifo ou de disenteria sangrenta dizimam os sobreviventes

cretário do comitê regional e do comitê central e fosse trabalhar na União dos Escritores; você escreverá contos que os cretinos poderão ler."

Duas semanas depois, ele o destitui de suas funções.

Estas memórias de sobreviventes da fome coletadas e publicadas em 1992 por dois ucranianos acusam "o carrasco Stalin", e às vezes seu acólito Kaganovitch, "Lazare o Negro":

"O crime mais odioso foi perpetrado por Stalin e seus capangas em 1932-1933, notadamente na terra abençoada de Ouman", « Stalin, o usurpador, há muito tempo tinha "birra" dos ucranianos (...). A fome de 1933 é inteiramente obra de Stalin ».

Um outro acrescenta a seu testemunho a foto de sua mãe comentando: "Que as pessoas vejam uma destas mulheres trabalhadoras contra as quais o déspota Stalin lutou em 1933 e mais tarde."

Um deles destaca a diferença entre a fome de 1921, provocada sobretudo por sete anos ininterruptos de guerra e de guerra civil, e a de 1933, produto de uma política:

"Não foi a primeira fome na Ucrânia. Em 1921, houve uma grande fome com muitos mortos na Taurida e na Ucrânia, mas ela foi causada pela seca, pela má colheita e pelas consequências da revolução. A fome de 1933, em compensação, é inteiramente obra de Stalin."

As vítimas não se contentam em sofrer. Elas tentam se defender, ou ao menos protestar. Um ator de aldeia compõe uma "tchastouchkha" (quadra popular) acusadora, que o envia para a prisão:

"Sem pão, sem carne,
Mas cinema e música
Estamos com fome e estamos tristes
Stalin está conosco na parede."

Um kolkhoziano de Stepanivka compõe um poema menos irônico, mas mais violento:

"Sobre a casa, o foice e o martelo,
Na casa, reina a fome com sua foice.
Sem vaca, sem porco,
A não ser Stalin pendurado na parede.
Papai está no kolkhoze, mamãe também.
Os moleques ranhentos mendigam pelas estradas.
Sem mais pão, sem mais toucinho,
O Estado precisava.
Não procure o túmulo desta criança,
Seu pai a comeu."

A apresentação de Georges Sokoloff dá ao leitor os elementos essenciais de informação e de análise, permitindo apreender toda a amplitude da empresa stalinista, seu mecanismo e suas consequências inevitáveis. Ele define claramente o que, nesta fome, se refere - é o essencial - à guerra geral contra os camponeses e - fator secundário, mas não negligenciável - à luta contra um sentimento nacional ucraniano, com o qual Stalin teve problemas desde 1922.

Em 8 de maio de 1933, Stalin e Molotov assinam um documento secreto endereçado aos organismos regionais do partido, dos sovietes, do Guépéou, do Ministério Público da milícia, regulamentando o que seus autores qualificam eles mesmos de "saturnal de prisões" e afirmando:

"O comitê central e o governo consideram que, ao término de nossos sucessos no campo, não precisamos mais de repressões em massa atingindo, como se sabe, não somente os kulaks, mas também os camponeses independentes e uma parte dos kolkhoziens."

Molotov e Stalin qualificam de sucesso um balanço sinistro: pouco mais de 4 milhões de mortos de fome na Ucrânia, 1,5 milhão no Cazaquistão (ou seja, mais de um quarto da população desta república!) e um bom 1,5 milhão ainda em outras regiões da Rússia: ou seja, 7 milhões no total. Insatisfeito com este número, Stalin, acrescentando a ele os camponeses "deskulakizados" mortos na deportação, se vangloriará diante de Churchill de ter imposto a coletivização ao preço de dez milhões de mortos.

O dirigente radical Édouard Herriot passa pouco depois pela Ucrânia. Bem nutrido, ele afirma em seu relato de viagem:

"As colheitas, decididamente, são admiráveis; não se sabe onde guardar os trigos."

Era o que se chamava então um "amigo da URSS". O outro dirigente radical, Daladier, se julgará também obrigado a prestar um serviço a Stalin: na primavera de 1937, ele alertará o embaixador soviético em Paris sobre o fato de que os "elementos trotskistas" não tinham desarmado na URSS. Ele o convidava a se ocupar deles. Era a expressão internacional do acordo de Frente Popular...

LEIA MAIS

Sobre a questão ucraniana

O TESTEMUNHO DE ALEKSEIENKO IVAN TYMOFIIOVYTCH (REGIÃO DE DONETSK)

(Nascido em 1918, na aldeia de Kostiantynopil, distrito de Velykonovosilka, região de Donetsk; vive atualmente em Louhansk. Veterano de guerra e do trabalho, inválido da Grande Guerra patriótica.)

PRIMEIRAMENTE, algumas palavras a respeito de nossa aldeia. Desde a infância, ouvi dizer que, sob Catarina II, uma colônia de gregos foi deportada da Crimeia com todos os seus bens e seu gado. No território do atual Donbass lhes foram atribuídas terras, onde fundaram 25 colônias, entre as quais Marioupol, que tornou-se uma grande cidade. Nossa aldeia, Kostiantynopil, se encontra entre dois rios. As aldeias vizinhas são Oulakly e Bahatyr. Cada aldeia possui sua própria língua: seja o grego, seja o greco-tártaro. As casas são feitas em sua maioria de tijolos não cozidos, as explorações são grandes e bem cuidadas.

A coletivização a cem por cento se fez em nossa aldeia já em 1928. Como explicar isso? Sem dúvida a explicação reside no fato de que anteriormente, já, a aldeia vivia como uma grande comunidade, unida pela identidade nacional. As pessoas iam para o campo coletivo cantando, e no verão passavam a noite na estepe para não perder tempo. As colheitas eram muito boas.

Mas depois de algum tempo começou algo incompreensível. Os kolkhoziens eram deskulakizados e deportados para além dos Urais! Eles foram deportados com o que tinham sobre si; muitos morreram no caminho, de infortúnio, de fome e de frio. Meus compatriotas, gregos sábios e trabalhadores, não conseguiam compreender as razões desta injustiça. Eles estavam entre os primeiros no país a trabalhar a terra segundo os novos princípios, a colocar as terras em comum, e eram punidos por uma razão incompreensível, como se fossem os piores inimigos do socialismo. A explicação se impunha: nós éramos punidos porque éramos gregos.

Eu era órfão de pai e mãe, eu vivia com meus avós, a família do irmão de meu pai vivia conosco. Meu tio era membro da direção do kolkhoze. Mas nossa grande família vivia na pobreza, como todo mundo. Pelos dias-trabalho, recebíamos muito pouco - não era em quilogramas, mas em gramas que as rações eram contadas. E era cevada e aveia, o pão que se fazia com isso era grudento como se fosse pão mal cozido. Na primavera de 1932, as pessoas não receberam nenhum grão. Depois das colheitas, nós, os meninos, íamos ao campo recolher espigas. Os adultos que faziam isso pegavam cinco anos de prisão, nós nos dizíamos que a nós nada seria feito, contanto que o feroz guardião a cavalo, com seu chicote, não passasse justamente naquele momento...

A aldeia recebeu uma cota de famílias a "deskulakizar". Nossa família se viu entre elas. Avisado, meu tio partiu em segredo para Altchevsk, para trabalhar na mina. E nós, ficamos em casa. Eles vieram ao amanhecer, todos os nossos bens foram apreendidos e levados, não nos restava mais do que as roupas que tínhamos no corpo. Como vivíamos? Nós peneirávamos de novo a palha do ano passado, à procura de grãos. Com os meninos dos vizinhos, íamos pedir esmola na aldeia russa, a um quilômetro e meio, ela quase não havia sido atingida pela coletivização. Fequentemente nos expulsavam, nos repreendendo por termos nos inscrito todos no kolkhoze. Mas nós conseguíamos trazer algo: uma batata, pão seco, uma beterraba...

Meu pai tinha um violino, ele ficou comigo: é a única lembrança de meus pais. Entre os gregos, todos os eventos felizes são acompanhados pelo violino, pelo tambor e pela flauta. As pessoas emprestavam frequentemente meu violino, não havia nenhum igual em toda a aldeia, e talvez além. Quando apreenderam nossos bens, o violino não estava em casa e eu fiquei profundamente contente com isso. Eu o tinha trocado na aldeia vizinha por um balde de batatas.

Eu tinha um caráter estranho: eu podia comer tudo que me caía sob os olhos. Giz, erva, couro: eu colocava no fogo e comia. Minha tia e minha avó não conseguiam mais se levantar, estavam em agonia. Eu, eu aguentava firme, mas começava a inchar também. O movimento me salvava: eu não ficava um minuto parado, eu vasculhava tudo, à procura de algo comestível.

Camponeses ucranianos famintos em busca de comida durante o Holodomor. Foto: Alexander Wienerberger

Quando toda a família começou a inchar, eu levei minha tia com dois de seus filhos para Altchevsk, na casa de meu tio. No caminho, eu vi na estrada que levava ao silo pessoas se arrastarem procurando na poeira grãos que só elas viam. Alguns caíam ali, duros mortos, os arrastavam para o acostamento e não se prestava mais atenção... Nada de surpreendente que aos 14 anos meus cabelos tenham começado a embranquecer.

As propriedades, em nossa aldeia, eram grandes, e se tivessem permitido plantar perto de casa, a fome não teria sido tão terrível. Mas era severamente proibido: só era permitido trabalhar para o kolkhoze.

Algum tempo depois, toda a família se mudou para Altchevsk, depois para Louhansk. Tinha terminado definitivamente a vida rural, o saber dos ancestrais era esquecido. Mal ou bem, nós nos aclimatamos na cidade. Mas lá, um outro infortúnio veio nos atingir: meu tio foi preso como "inimigo do povo". Ele trabalhava como palafreneiro em Louhansk, em um sovkhoze dos arredores. Como um palafreneiro pode ser um inimigo do povo? Meu tio morreu em algum lugar na detenção, depois ele foi reabilitado postumamente, mas foi bem mais tarde, era preciso ainda viver até lá, era preciso ainda viver a guerra.

Em 1944, quando nossas divisões entraram na Prússia oriental, eu fui enviado para Bobrouïsk, em um batalhão de reserva. Ao chegar lá, fiquei sabendo que eu era suspeito. Algo não está certo, pensei eu. Eu tenho dois ferimentos, duas medalhas por feitos de guerra, eu sou membro do partido, eu quero combater o inimigo até a vitória total. Quem poderia ter me caluniado? O inquérito durou muito tempo, mas evidentemente, não encontraram nada de comprometedor. Eu era claro como água de rocha: antes do exército, eu trabalhava na famosa fábrica de locomotivas da Revolução de Outubro, eu era um stakhanovista... Depois do fim do inquérito, eu me vi na Tchecoslováquia; em 29 de abril de 1945, eu fui gravemente ferido. Até 9 de maio, eu fiquei em coma, eu acordei naquele dia para festejar a vitória.

(...) Nós, os veteranos, o que devemos dizer a nossos filhos e a nossos netos a respeito destes "brancos" em nossa história - a fome, as repressões das pessoas inocentes, a atmosfera de medo, a delação, o ódio, nos quais se passaram anos de nossa vida? Eis o que eu penso: nós devemos dizer a verdade.

NOTAS

[1] *1933, o ano negro. Testemunhos sobre a fome na Ucrânia, apresentados por Georges Sokoloff, traduzidos do ucraniano por Volodymyr Bojczuk, Kaléna Houzar-Uhryn e Oies Plioutch., Paris, Albin Michel, 2000, 492 páginas, 150 F.*

Traduzido de: Marie, Jean-Jacques. La famine en Ukraine (1932-1933). Cahiers du mouvement ouvrier, n. 12, p. 60-66, 2001.

Em pânico após, em aliança com Bukharin, ter favorecido os ***kúlaks*** (camponeses ricos) com a palavra de ordem "Enriquecei-vos!", Stalin empreendeu uma coletivização forçada e burocrática das terras de grande riqueza agrícola na Ucrânia. Entre 1932 e 1933, sob a ponta das baionetas e o controle da polícia política (à época, a OGPU, antecessora da KGB), milhões de ucranianos foram submetidos a trabalhos forçados, e toda a produção agrícola, inclusive a familiar, foi expropriada. Isso provocou uma fome generalizada que resultou na morte de mais de 3 milhões de camponeses, vítimas do terror burocrático e da inanição. Fotografias dos camponeses esfaimados, reduzidos a pele e osso, lembram de forma perturbadora as imagens dos judeus nos campos de concentração de Hitler. Esse episódio ficou conhecido como Holodomor ("matar pela fome", em ucraniano). Jamais foi esquecido pelo povo ucraniano e acabou servindo como terreno fértil para o ressurgimento de grupos de orientação nazista, que haviam lutado ao lado de Hitler e foram completamente esmagados após a derrota do nazismo.

Além dos textos aqui publicados por comunistas da época, indicamos o filme "Colheita Amarga" (2017), que conta com diversas imagens documentais.

UM DUPLO "ORADOUR-SUR-GLANE"[1] STALINISTA

Deportados tchetchenos em 1944. Submetidos a um frio extremo e longas caminhadas, morreram centenas pelo caminho

Em 18 de fevereiro de 1944, Beria inicia a deportação, decidida por Stalin, de 459.486 tchetchenos e inguches, povos do Cáucaso, operação que ele supervisiona pessoalmente. Em 27 de fevereiro de 1944, em Khaïbakh, no distrito de Chatoï, o responsável pelo destacamento do NKVD, o comandante Gvichiani, aprisiona pouco mais de 700 mulheres, crianças e idosos que ele julgava intransportáveis nos estábulos do kolkhoze Beria e ateia fogo.

Eles queimam todos vivos. Beria faz condecorar e promove Gvichiani.

Beria será preso por ordem de Khrushchov, secretário do comitê central, e Malenkov, presidente do Conselho de Ministros, em 26 de junho de 1953.

Sua prisão será tornada pública em 10 de julho. No dia seguinte, 11 de julho, um membro do PCUS, Dziaoudine Malsagov, escreve uma carta a Malenkov, onde ele evoca este episódio e um outro da mesma ordem, do qual ele foi testemunha direta.

Certamente, é preciso receber sua carta com prudência sobre vários pontos: não é Beria, é Stalin quem decidiu politicamente a deportação de uma boa meia dúzia de povos do Cáucaso, e se a carta indignada que ele endereça a Stalin em janeiro de 1945 cai nas mãos de Beria, é porque o secretariado de Stalin, sabendo, e com razão, que Beria não fez senão aplicar uma decisão do pai dos povos, transmitiu ele mesmo a denúncia a Beria, que, portanto, não a roubou! Mas os dois casos que ele cita de idosos, crianças, doentes e mulheres grávidas amontoados em um prédio e queimados vivos são confirmados por outros meios... e primeiramente, para o primeiro caso, por um telegrama de Gvichiani — que dá um número de vítimas superior àquele de Malsagov, portanto, não suspeito de exagero — e pela resposta entusiástica de Beria.

A CARTA DE MALSAGOV

Em fevereiro de 1944, fui enviado pelo comitê regional da antiga República Autônoma da Tchetchênia-Inguchétia no distrito de Galantchej desta antiga república a fim de ajudar na expulsão da população tchetchena e inguche. Esta operação se desenvolveu sob a direção imediata do Comissário do Povo de Assuntos Internos, Lavren-

ti Beria. Durante o período desta expulsão, de 23 de fevereiro a 1º de março de 1944, fui testemunha de atos de extermínio massivo feroz de centenas e de milhares de indivíduos pelo incêndio e o fuzilamento efetuados sob a ordem e a direção de Beria.

OS DOENTES, AS MULHERES GRÁVIDAS, OS IDOSOS, AS CRIANÇAS

Assim, em 27 de fevereiro de 1944, na aldeia de Kaibakh, da soviet agrícola de Nachkhoievski, distrito de Galantchej, no início da expulsão, declararam às pessoas: aqueles que não podem partir por causa de sua idade avançada, da doença, de seu estado de mulher grávida, de sua pouca idade, etc, partirão em uma coluna à parte. Eles devem, portanto, se reunir. Reuniram-se assim por este ardil os doentes, as mulheres grávidas, os idosos, as crianças e os entulharam no grande estábulo do kolkhoze, cujo chão havia sido recoberto de feno e regado com gasolina.

Fecharam-se as portas e fizeram assim queimar vivos mais de 600 idosos, crianças, doentes e mulheres grávidas incendiando todo o edifício. Além de mim, foram testemunhas desta atrocidade Gaiev Djandar, que vive em Alma-Ata, Moukhali e Moukihi Galiev, e toda uma série de outras pessoas que vivem em Tekeli, da província de Taldy-Kourgan.

Em 28 de fevereiro, fizeram queimar da mesma maneira mais de 500 idosos, crianças, mulheres grávidas e doentes, entre os quais inválidos da guerra patriótica, na vila de Elkhara, do distrito de Galantchej. Entre as vítimas se encontrava a mãe do soldado Tami Timerboulatov, então na frente de batalha, Kalou Timerboulatov, que sua filha Baiant conseguiu tirar para fora do aprisco. Fuzilaram

Fecharam-se as portas e fizeram assim queimar vivos mais de 600 idosos, crianças, doentes e mulheres grávidas incendiando todo o edifício

no local muitos habitantes que não tinham podido ser liquidados desta maneira. Atrocidades similares foram perpetradas em numerosos distritos da República Autônoma da Tchetchênia-Inguchétia, durante a expulsão da população, sob a direção de Lavrenti Beria.

Após a expulsão da população, centenas e milhares de famílias pereceram de doença e de fome em todas as regiões do Cazaquistão. Assim, em 1944, mais de 30% da população expulsa do Norte do Cáucaso por insistência de Beria encontrou a morte.

Em janeiro de 1945, redigi uma declaração endereçada ao secretário do Comitê Central do Partido Comunista Russo, o camarada Stalin, sobre estes feitos de liquidação feroz de cidadãos soviéticos, sobre o desprezo imerecido e a humilhação que nos eram infligidos no Cazaquistão. A carta não chegou ao camarada Stalin, mas caiu nas mãos de Beria.

No início de fevereiro de 1945, fui convocado à direção regional do NKVD, em Taldy-Kourgansk. Perguntaram-me: "Você escreveu uma declaração ao camarada Stalin?" Eu respondi: "Sim." O chefe da secção dos assentamentos especiais, Alpysbaiev, me declarou então: "Se você repetir uma declaração semelhante, você não terá mais sua cabeça sobre os ombros e nós não o deixaremos mais trabalhar nos órgãos da Justiça."

E de fato, duas semanas mais tarde, em 15 de fevereiro de 1945, fui demitido do meu posto de vice-presidente do tribunal regional de Taldy-Kourgansk, sem nenhum motivo invocado na decisão.

MORTOS COMBATENDO OS INVASORES FASCISTAS

E, no entanto, eu perdi cinco parentes e 19 primos nas frentes da guerra patriótica, mortos combatendo os invasores fascistas para defender nossa pátria socialista soviética. E eu mesmo cumpri a tarefa de comandante em um destacamento especial do NKVD da URSS; lá fui ferido duas vezes e ninguém jamais me fez nenhuma crítica sobre meu trabalho.

NOTAS

[1] *O Massacre de Oradour-sur-Glane foi resultado de um ataque da 3ª Companhia do Primeiro Batalhão de Regimento Der Führer, da 2.ª Divisão SS Das Reich das Waffen-SS contra a população indefesa, em 10 de junho de 1944, da comunidade francesa de Oradour-sur-Glane, na aldeia de Alto Vienne, localizada cerca de 20 quilômetros a noroeste de Limoges. O massacre gerou 643 assassinados, e foi o maior massacre de civis cometidos na França pelo exército nazista, contabilizando 190 homens metralhados, 246 mulheres e 207 crianças metralhadas e queimadas na igreja. Quase toda a população viu a maior parte dos seus edifícios destruídos, deixando a comunidade em ruínas.*

Traduzido de: Malsagov. Un double Oradour-sur-Glane stalinien. Cahiers du mouvement ouvrier, n. 60, p. 75-77, 2013.

Memorial às vítimas da deportação de 1944 em Grozny

4ª parte

A morte de Stalin foi um episódio que levou a mais um expurgo nas camadas burocráticas mais altas. Mas, para contextualizar esse episódio, é preciso lembrar como tudo começou. Durante a década de 1920 — especialmente no final — os expurgos já faziam parte de uma política deliberada de expulsar os revolucionários, principalmente aqueles que tinham ligação direta com a Revolução de Outubro.

A Oposição de Esquerda foi duramente atingida em 1927, com a expulsão de Trotsky e, logo em seguida, a prisão de vários de seus integrantes. Nesse momento, ainda se tratava de uma disputa política entre a ala direita, os centristas e a corrente liderada por Stalin, o que resultou no expurgo dos opositores dentro dessas correntes também.

Contudo, a consolidação da burocracia na década de 1930 mudou o caráter desses expurgos. De modo geral, passou-se a eliminar todos que tivessem qualquer ligação com a revolução. No Congresso de 1934, praticamente todos os delegados que formavam a maioria foram, mais tarde, condenados. Por quê? Porque haviam passado pela escola da Revolução — ainda que não tivessem aderido à Oposição de Esquerda.

No final da década de 1930, iniciou-se a condenação mais sistemática da Oposição de Esquerda, com o fuzilamento de mais de 20 mil militantes trotskistas. Junto com eles, foram executados, pouco tempo depois, inúmeros integrantes da ala centrista ligada a Zinoviev e Kamenev, e posteriormente também da ala direita, como Bukharin. Esses expurgos marcaram o fim das disputas políticas internas no Partido Comunista.

A partir daí, os expurgos passaram a refletir, de forma cada vez mais deformada, apenas aspectos da luta de classes. A maioria deles ocorria por disputas pelo controle do aparato estatal e pela maior fatia do poder. Isso levou a uma série de mortes, perseguições e assassinatos ao longo das décadas de 1930, 1940 e até os anos 1950, com a morte de Stalin.

O expurgo de Beria e outros que seguiam a linha de Stalin foi uma tentativa de evitar o descontrole total do aparato estatal. Para isso, foi necessário fuzilar dezenas ou centenas de militantes que haviam apoiado Stalin. O último grande expurgo conhecido foi justamente a morte de Beria. Depois disso, as disputas internas tornaram-se menos visíveis.

A partir desse ponto, o principal episódio público foi o relatório de Khrushchov, que denunciava os crimes de Stalin — mas sem considerar a política envolvida. Condenavam-se os métodos brutais, mas não a essência da política stalinista. Por isso, os crimes cometidos contra a Oposição de Esquerda — e até contra a Oposição de Direita — continuaram sendo justificados, pois seu fundamento era político.

O texto de Ted Grant ilustra exatamente isso: como o expurgo de Beria e outros não representava uma mudança de linha política em relação aos tempos de Stalin. Trata-se de um testemunho valioso, escrito no calor dos acontecimentos.

A Redação

Entrada de um gulag / Crédito: Getty Images

O EXPURGO DE STALIN

TED GRANT

Durante as últimas semanas, toda a imprensa capitalista do mundo tem estado repleta de artigos tentando explicar a purga póstuma de Stalin. Nisso, foram seguidos pela imprensa stalinista e trabalhista. Mas suas explicações têm sido extremamente fracas.

Não se trata de um ódio pessoal contra Stalin por parte de seus tenentes e colegas, embora isso fosse real o suficiente, nem de uma repulsa moral contra seus crimes. Khrushchev e todos os outros líderes atualmente no controle da União Soviética participaram com Stalin de todas as purgas e de seus outros crimes bestiais. Não apenas isso, mas continuaram e ainda continuam com os mesmos métodos de armação de processos. Quando houve uma disputa e luta pelo poder entre diferentes setores da burocracia — entre Malenkov, Khrushchev, Bulganin e Beria — e Beria perdeu, ele foi executado e denunciado da mesma forma desonesta como traidor e agente do imperialismo, da maneira como Stalin lidava com seus inimigos. Beria, como os outros líderes, estava manchado por crimes, mas era tão agente do imperialismo quanto Churchill e Eden são agentes da Rússia. Como chefe da polícia secreta, foi culpado pela opressão e perseguição de milhões, mas os líderes atuais compartilham essa culpa. E mostram que continuam os métodos de Stalin ao continuar propagando a ficção da traição de Beria.

Acima de tudo, a ficção de que o socialismo foi estabelecido na União Soviética é mantida, pela mesma razão pela qual Stalin originalmente introduziu esse mito: a tentativa de enganar as massas amplas na Rússia e no mundo, além de justificar e tentar perpetuar a posição dominante e privilegiada da burocracia oficial.

Stalin não representava apenas a si mesmo, como agora tentam fingir, mas, como todo ditador na história, representava uma classe ou um estrato da sociedade. Ele não chegou ao poder por acaso, nem estabeleceu sua tirania sem apoio. Sua ditadura não representava seu papel como indivíduo, mas sim as necessidades da casta burocrática que usurpou o poder das massas.

Historicamente, Stalin representou a reação burocrática contra a Revolução. Nele, individualmente, estavam personificados os interesses da burocracia. Isso é provado pelo fato de que todas as conquistas da Revolução, exceto a fundamental — a propriedade estatal dos meios de produção e o planejamento —, foram destruídas no processo de consolidação do governo de Stalin. Esse foi o significado de seus inúmeros crimes e do terror arbitrário da polícia secreta. Tudo o que foi conquistado sob o regime de Lênin e Trotsky foi transformado em seu oposto: nacionalismo em vez de internacionalismo, desigualdade e diferenciação em vez de igualdade, escravização e divisão entre os trabalhadores em lugar do controle operário, opressão nacional das repúblicas em vez de relações fraternas e iguais, uma hierarquia burocrática privilegiada no exército, na indústria, na agricultura, na polícia e no serviço civil. Esse foi o verdadeiro significado do terror stalinista.

Os líderes atuais do Kremlin afirmam que estão retornando aos métodos de Lênin. Mas continuam preservando os principais privilégios da burocracia.

Se houve uma rejeição dos métodos de Stalin, isso ocorreu por duas razões: a crescente pressão das massas e o medo da burocracia de uma repetição do governo pessoal e arbitrário de Stalin. Como toda ditadura que reflete as contradições dentro de uma sociedade, a ditadura de Stalin terminou com a megalomania pessoal e a domi-

Campo de trabalho forçado na União Soviética, nos anos 1930 Foto: Estadão

nação arbitrária de um indivíduo. Assim foi na Roma Antiga, na sociedade medieval e nas ditaduras maníacas de Hitler e Mussolini.

No final de seu governo, Stalin reagiu ao crescente descontentamento e ao ódio contra seu regime preparando uma nova purga que ameaçava ser tão monstruosa quanto o pesadelo pré-guerra.

O julgamento dos médicos já havia sido projetado para preparar o cenário. Ninguém estava seguro. Segundo as declarações de Khrushchev, Molotov, Voroshilov, Bulganin e outros líderes, eles mesmos estavam ameaçados de prisão e execução. É provável, como sugeriu a tendência marxista, que, nesse clima, os altos escalões da burocracia, alarmados com os perigos para o regime e para sua própria segurança pessoal, tenham decidido se livrar do paranoico que governava a Rússia. Isso já fazia parte da tradição russa. Assim como a nobreza da corte removeu Ivan, o Terrível, quando sua loucura os ameaçou, decidiram remover Stalin, ainda mais terrível em sua sede de sangue do que todos os czares.

Deve-se levar em conta também as mudanças na sociedade russa nas últimas décadas, especialmente no período pós-guerra. O nível da indústria, da ciência e da cultura é imensuravelmente mais alto do que na época em que a burocracia usurpou o poder. Naquela época, a Rússia estava quase no nível de uma colônia.

Em 1927, a classe trabalhadora somava cerca de 4 milhões, em grande parte composta por camponeses semi-analfabetos que haviam acabado de deixar as aldeias. Agora, a Rússia tem um proletariado educado e culto, que soma entre 40 e 50 milhões. E a Rússia, embora ainda relativamente atrasada, tornou-se a segunda maior potência industrial do mundo. Ela ofusca as antigas potências capitalistas da Europa, sendo superada apenas pelo colosso do continente americano.

Foi o isolamento da Revolução na Rússia e o atraso de sua economia que permitiram à burocracia assumir o controle sob a liderança de Stalin, que gradualmente aperfeiçoou seu governo totalitário como instrumento dela. Mas, com o desenvolvimento econômico, a burocracia, que em condições anteriores teve um papel relativamente progressista[1], entra cada vez mais em conflito com as necessidades da cultura e da economia.

Em vários discursos pouco comentados no Ocidente, Khrushchev e outros líderes da oligarquia burocrática mostraram que reconhecem os problemas e perigos decorrentes desse processo. O governo burocrático, como revelado nesses discursos, significa má administração, desperdício, corrupção, nepotismo. Ele impede a plena utilização das forças produtivas na Rússia, especialmente a mais importante de todas: o ser humano. O governo arbitrário gera ineficiência e burocracia na indústria e na agricultura. Retarda o desenvolvimento da ciência e da cultura, que, por sua vez, afetam o desenvolvimento das forças produtivas.

A burocracia reconhece esses problemas e tenta enfrentá-los. Mas recorrer aos métodos brutais de Stalin provocaria resistência das massas e ameaçaria engolfar o próprio regime burocrático, além de enfraquecer a Rússia nacional e internacionalmente. Assim, o problema da burocracia tem sido como aliviar o regime, permitindo certa iniciativa e crítica, sem, no entanto, abrir mão do poder.

Contudo, a única solução real para essa crise é uma revolução política na União Soviética. Apenas a derrubada da burocracia e a restauração do controle do Estado e da sociedade pelo proletariado podem abrir caminho para uma verdadeira transição ao socialismo.

Essa crise confirma a luta de Trotsky e da Oposição de Esquerda, bem como a correção de suas ideias sobre o desenvolvimento da União Soviética.

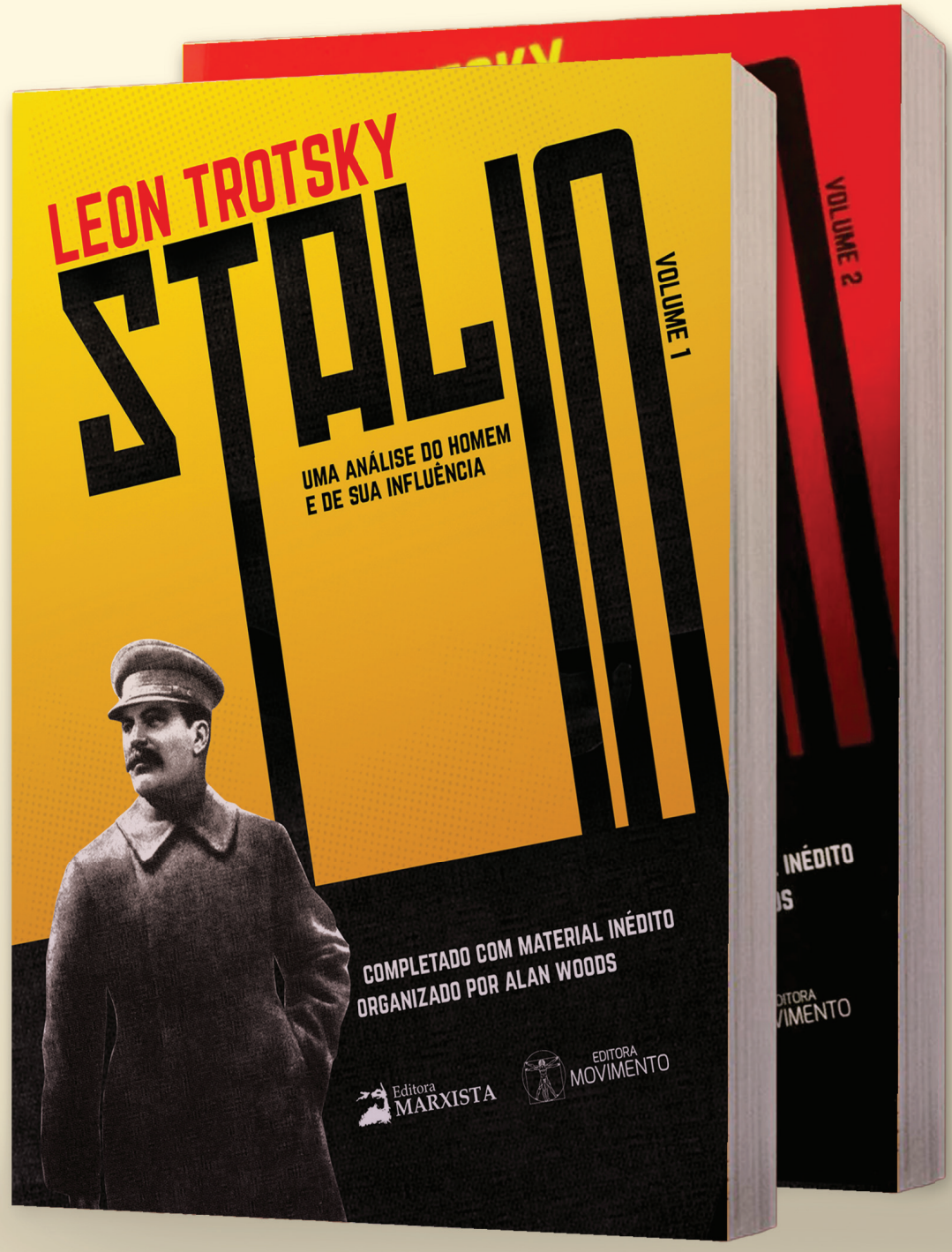
NOTAS

[1] Ted Grant está se referindo aqui à análise de Trotsky após a tomada de poder por Hitler no livro A Natureza de Classe do Estado Soviético (1933). Nele, Trotsky estabelece em primeiro lugar que era necessário distinguir o papel do stalinismo na União Soviética e no exterior. Dentro da URSS, a burocracia stalinista jogava um papel contraditório, defendendo-se simultaneamente da classe trabalhadora soviética, da qual usurpou o poder, e ao mesmo tempo da burguesia mundial, que se empenhava em liquidar com todas as conquistas da Revolução de Outubro e restaurar o capitalismo na Rússia. Por causa desta situação atuava como uma força "centrista". Já Fora da URSS, ao contrário, a Internacional Comunista stalinizada deixou de desempenhar qualquer papel anticapitalista, como se comprovou com sua atuação contrarrevolucionária na Alemanha. Assim, "o aparato stalinista poderia desperdiçar completamente o seu significado como uma força revolucionária internacional, e ainda preservar parte do seu significado progressivo como portador das conquistas sociais da revolução proletária" (A Natureza de Classe do Estado Soviético, 1933). A partir daí Trotsky explicou que a 3ª Internacional passou a atuar ativamente como aparato contrarrevolucionário na política mundial, em alianças com o capital e paralisando os trabalhadores no interesse de proteger o monopólio stalinista do poder na própria Rússia, que estaria ameaçado pelo exemplo de qualquer revolução socialista vitoriosa, que viesse a estabelecer uma nova democracia proletária em qualquer lugar.

Livraria
MARXISTA

Acesse www.livrariamarxista.com.br
e adquira obras e publicações
exclusivas!

O ÚLTIMO TRABALHO DE LEON TROTSKY PUBLICADO EM 2 VOLUMES!



"A nova edição de 'Stalin' acrescenta e enriquece o vasto arsenal da teoria marxista deixado por Leon Trotsky"

Esteban Volkov, neto de Trotsky